Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º / N.º 19193 6$00

SÁBADO 30 OUTUBRO 1976

REVELADO NA CONFERÊNCIA DA REFORMA AGRÁRIA

Produção aumentou 46 por cento

. Contrariando as profecias mais pessimistas das forças políticas de direita e o cepticismo de políticos aparentemente informados, o balanço do último de políticos aparentemente mal informados, o balanço do último ano agrícola na zona da Reforma Agrária revela elementos francamente positivos e resultados por vezes espectaculares.

Cerca de três mil trabalhadores agrícolas, pequenos e médios agricultores, representando perto de 450 unidades colectivas de produção e cooperativas agrícolas de todos os distritos pretencentes àquela zona iniciaram esta manhã o balanço colectivo da Reforma Agrária, preparando durante o fim-de-semana as orientações para o novo ano agrícola. A conferência da Reforma Agrária decorre em Évora, organizada pelos sindicatos agrícolas, com a participação de cerca de duzentos e cinquenta convidados entre os quais numerosos técnicos progressistas.

Consoante dados revelados esta manhã, com base em elementos do Instituto Nacional de Estatística que merecem sériasreservasporpartedostrabalhadores, a produção de cereais durante o último ano, trigo, aveia e cevada, aumentou cerca de 46 por cento em relação à média do decénio anterior (1966/75). Esta percentagem corresponde a um total de 788.600 toneladas em 1975/76, por contraposição a 539.800 toneladas durante os dez anos anteriores (a média seria consideravelmente superior, segundo os elementos estatísticos disponíveis pelas organizações de trabalhadores empenhadas na Reforma Agrária).

Outros dados reveladores: várias semeadas nas terras sob o controlo dos trabalhadores aumentaram em 181 por cento em relação ao período antes da ocupação; a área de regadio aumentou em 30 por cento; os efectivos pecuários, nos distritos de Beja, Évora, Portalegre, Santarém e Setúbal aumentaram em 49 por cento. No domínio da criação de postos de trabalho, conseguiram-se êxitos consideráveis que permitiram acabar com o desemprego crónico no Alentejo. Registou-se, também em relação ao período de antes da ocupação de terras, um aumento total de duzentos e vinte nove por cento na não-de-obra empregada, abrangendo trabalhadores permanentes e eventuais. Para os primeiros foram criados mais 32.956 postos de trabalho (mais 297 por cento), e para os eventuais mais 17.039 (mais 160 por cento).

Ainda segundo dados revelados esta manhã, na Conferência, há na zona da Reforma Agrária, desde o último ano agrícola, mais 1463 tractores, 758 máquinas de colheita, 3448 alfaias, 72 camiões e 572 motores. Por outro lado, no domínio dos melhoramentos fundiários há a assinalar, aproximadamente, mais 60 barragens e albufeiras, 60 instalações pecuárias, e 150 pequenas obras de regadio.

Estes dados permitem aos trabalhadores afirmar, no balanço traçado esta manhã, que «os grandes êxitos alcançados no campo da produção e do combate ao desemprego na zona da Reforma Agrária, deitam por terra a mentira e a calúnia que contra esta conquista histórica dos trabalhadores têm sido lançadas. (...) Enquanto nas zonas da Reforma Agrária, onde a terra está sob controlo dos trabalhadores, as produções aumentaram e o desemprego foi praticamente eliminado, dando um contributo decisivo para o revigoramento da economia nacional, nas zonas onde a Reforma Agrária não chegou, as produções diminuem e o desemprego aumenta».

Todos estes elementos, que mostram o verdadeiro alcance

Continua na pág. 20

FUTURO POLÍTICO DEPENDE DAS DECISÕES

P.S. E P.P.D. EM CONGRESSO

. A vida política portuguesa é dominada neste momento pela realização dos Congressos de três dos mais importantes Partidos: os do PS e PPD/PSD, inaugurados hoje, respectivamente, em Lisboa e em Leiria e o do Partido Comunista, que está a ser preparado para se iniciar a 14 do corrente, em Lisboa. Espera-se que das decisões a tomar resulte a clarificação das linhas de actuação partidárias, sem as quais não será possível determinar, em certa medida, a evolução a curto e médio prazo da vida política do País. Daí a importância destas reuniões, aguardadas em amplos sectores da opinião pública com visível interesse.

Cerca de setecentos delegados e participantes reunidos no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, deram esta manhã, ao som da «Internacional» início aos trabalhos do Congresso do Partido Socialista.

Cerca das 11 horas, António Macedo, presidente do Partido, procederia à leitura das listas da Comissão de Verificação de Poderes e das Comissões Coordenadoras, bem como à constituição da Mesa, apresentando propostas aceites pelos delegados.

Definindo a «coesão, unidade, força e prestígio do P. S.» como um «anseio comum» de todos os seus militantes, António Macedo dirigiria em seguida uma saudação aos delegados, participantes e convidados.

«Uma santa aliança se congregou contra nós, contra o P. S., com todos os ultras do reaccionarismo e do esquerdismo apostados em nos dar combate, na cegueira das suas paixões, com as direitas de braço dado com certa e equívoca esquerda, a desferir golpes sobre golpes, para nos travar o passo que impeça ou retarde o êxito da nossa jornada» diria o presidente do P. S. aludindo as pressões que ultimamente têm sido exercidas sobre o seu partido, e que se traduziram nas especulações em torno de uma profunda crise interna e mesmo na inevitabilidade de uma cisão.

«Neste contexto é que se inventam ou exacerbam crises e cisões entre militantes de base e as cúpulas do partido e se avolumam até ao escândalo as naturais sensibilidades ou tendências de percepção ou conteúdo meramente ideológico ou programático, por vezes desejáveis e fecundas ou se provocam actividades golpistas num emaranhado de reivindicações de fantasia ou se espalha o pânico, a desorientação, a desconfiança para fazer vingar o caos que conduza à ruína» diria ainda António Macedo.

Mário Soares iniciou, depois, a leitura do seu relatório ao Congresso, a qual decorria ainda no momento do fecho desta edição. Incidindo sobre os dois anos da Revolução, o presente da acção do P. S. (como partido e como Governo) e sobre o futuro, este relatório, cuja discussão principia esta noite, deverá constituir um dos pontos quentes deste Congresso.

PSD-PPD EM LEIRIA

Com a participação de cerca de 700 delegados representando a extensão do PSD-PPD pelo País, começaram esta manhã no Hotel Euro-Sol em Leiria o Congresso Extraordinário daquela organização.

Os objectivos principais desta reunião resumem-se a dois fundamentalmente: trata-se, primeiro, de proceder á revisão dos estatutos do partido, que não chegou a fazer-se no Congresso anterior, vai para um ano, em Aveiro; depois, haverá alterações na orgânica da organização, anununciando desde já a criação de novos cargos, a que deverá corresponder uma alteração na distribuição de funções.

Na sequência, haverá eleições. Entre as perspectivas, há uma que se impõe: a

Continua na pág. 20

Ao som da Internacional Socialista, abriu esta manhã o congresso do PS. Na imagem, Mário Soares, secretário-geral, e António Macedo, presidente do Partido

AGENDA SEMANAL DL DOS TEMPOS LIVRES
ARTE ESPECTÁCULO PASSATEMPO & DIVERSOS

DL

Esta edição do «DL», que hoje tem 32 páginas, inclui como habitualmente aos sábados o suplemento Sete-Ponto-Sete, que não pode ser vendido separadamente. Tema dominante: o Bacalhau, fiel desaparecido das cozinhas portuguesas.

M.P.L.A. DECIDE

ANGOLA MARXISTA-LENINISTA

(PAG. 13)

ANTIGO PRESIDENTE DO PAIGC JULGADO POR "ALTA TRAIÇÃO"

(PÁG. 6)

RESTAURADOS PRIVILÉGIOS DE PROVÍNCIAS BASCAS

(PAG 13)

TEXTEIS

O GOVERNO NÃO DEFINE POLÍTICA PARA O SECTOR

(PAG. 9)

Nacional

Política de A a Z

TARRAFAL

Cumpriram-se ontem quarenta anos sobre a data em que a primeira leva de presos políticos entrou no Campo de Concentração do Tarrafal. Eram, na sua maioria, homens jovens ou em pleno vigor; eram trabalhadores, intelectuais, marinheiros; eram anarquistas, comunistas, republicanos, antifascistas todos; sem partido ou ideologia definida alguns. Eram portugueses que tinham sido condenados à morte lenta naquele lugar inóspito, insalubre, isolados de amigos, companheiros e camaradas, separados das famílias, mal alimentados, obrigados a trabalhos penosos, sem assistência médica, sem jornais, sem notícias, meses inteiros sem correspondência. Passaram pelo Tarrafal algumas centenas de portugueses e de cidadãos de outros países com relevo para militantes do nacionalismo angolano. Dezenas de portugueses não regressaram ou, ao serem restituídos à liberdade, vinham feridos de morte. Na destruição das vidas e da saúde dos prisioneiros antifascistas, o Tarrafal correspondeu aos sinistros desígnios daqueles que o montaram como «Campo da Morte Lenta».

Mas não conseguiram os carrascos fascistas matar naqueles que regressaram a combatividade e a esperança. Não conseguiram, em relação à grande maioria daqueles homens, desviá-los do caminho de luta a que honradamente tinham sido levados por convicção sincera. E hoje, quarenta anos volvidos sobre essa data que recorda alguma tragédia, muito sofrimento e uma vergonha nacional, os resistentes antifascistas que sobreviveram à condenação do Tarrafal, à sentença da «morte lenta», merecem a este povo que somos, a este «país novo» que estamos construindo, a esta Revolução» que não queremos ver interrompida, adulterada, asfixiada, mais do que respeito pelo seu exemplo, mais do que admiração pela sua resistência, mais do que solidariedade na sua velhice, a garantia de que não foi vão o seu sacrifício, de que não será esquecido o seu exemplo.

O que o Portugal de Abril deve aos combatentes do Tarrafal é muito mais do que reparação material e moral, é a garantia de que não haverá mais Tarrafal, nem PIDE, nem incomunicabilidades sem fim, nem espancamentos e choques eléctricos, nem suplício da estátua, nem dias e noites na tortura da privação do sono, nem «suicídios», nem assassinatos. E esta garantia, que é uma satisfação moral que a esses homens devemos, implica da nossa parte, como cidadãos, e da parte dos membros socialistas do Governo, como responsáveis pela condução dos negócios públicos, uma decisão bem clara e determinada no sentido de fazer a estes homens justiça. E só uma Justiça eles merecem a de não serem insultados nesta Pátria pela presença em liberdade, sem julgamento e sem punição, daqueles que os perseguiram, torturaram, condenaram à deportação e à morte.

A «política» tem uma conotação moral. Não acreditamos em «política» que se mostre insensível e indiferente à necessidade de, praticando a Justiça, ensinar a este povo que somos, a este «país novo» que queremos construir, que o fascismo de Salazar (e dos seus sequazes e continuadores) foi um crime contra a nossa terra portuguesa e que o Tarrafal foi, como Auschwitz ou Dachau, um insulto à Humanidade.

PELA LIBERTAÇÃO DE OTELO

Haverá concentração com ou sem U.D.P.

«Desmentindo categoricamente boatos postos a circular durante o dia de ontem», a CNPUP, Comissão Nacional Provisória de Unidade Popular emitiu um comunicado informando que se mantém a convocação para «a grande concentração popular de domingo, dia 31, em Caxias, na continuação da luta pela libertação imediata e incondicional do general Otelo».

A decisão da CNPUP avança sem o apoio da UDP, que entretanto tomara publicamente posição desfavorável quanto à iniciativa, argumentando que a sua concretização poderá correr o «risco de se transformar não numa acção organizada das massas mas sim numa manifestação de radicalismo inconsequente». Num comunicado ontem distribuído, e de que nos fizemos eco nestas páginas, a UDP apontava para a eventualidade de a jornada ser pretexto para «uma grande provocação que tenha como objectivo criar condições para o avanço da repressão sobre o povo e as organizações revolucionárias». Esta posição foi defendida pelos responsáveis da UDP no interior da CNPUP, mas não prevaleceu na decisão final.

Ainda no seu comunicado desta madrugada, a Comissão informa que já enviou para o Governo Civil de Lisboa e para a Comissão Administrativa da Câmara de Oeiras, as competentes comunicações referentes à jornada de luta pela libertação de Otelo. Devem afluir a Lisboa milhares de pessoas vindas da província. A jornada começa às 14 horas no Largo da Estação dos Caminhos-de-Ferro de Caxias. Os manifestantes seguirão depois pela Estrada Marginal, via acesso à auto-estrada, até ao largo de acesso à tribuna do Estadio Nacional.

Ainda em relação com a concentração que amanhã se realizará em Caxias, o MES e o PRP emitiram comunicados apoiando a convocação daquela jornada de luta pela libertação do major Otelo.

O comunicado do MES afirma que a «a luta pela liberdade do general Otelo é, neste momento, o ponto central do combate antifascista e todas as energias devem ser centradas na luta por este objectivo». O comunicado chama também à atenção dos participantes na manifestação para a necessidade de obedecerem às instruções dadas pelo serviço de ordem, «de forma a evitar qualquer provocaçao que, obviamente, só viria a servir a direita reaccionária e os fascistas».

Por seu turno, o PRP salienta que «depois da grande jornada de luta que foi a manifestação da passada quarta-feira têm os revolucionários e os trabalhadores em geral a grave responsabilidade de darem continuidade à luta encetada contra a prisão do general Otelo Saraiva de Carvalho».

Apelando para a mobilização nacional para a manifestação de amanhã, o PRP considera que é necessário fazer da concentração uma grande afirmação de força e determinação, apontando também uma tarefa necessária para a clarificação política dentro do MUP — «deixar pelo caminho os reformistas que recuam e vacilam perante o inimigo».

Militares que abriram Peniche estão presos na Trafaria

Deram entrada no Presídio da Trafaria dois oficiais da Armada ambos ligados ao 25 de Abril, punidos sob a acusação de desrespeito à hierarquia. Trata-se do capitão-tenente Machado dos Santos, o homem que abriu, com o major Azevedo, os portões do Forte de Peniche aos presos políticos, agora punido com 25 dias de prisão, e do primeiro-tenente Simões Teles, que participou na redacção do Programa do MFA, punido com 20 dias.

O caso nasceu em Julho deste ano com base num relatório que em Maio de 1975 os dois oficiais redigiram e no qual criticavam certas decisões do Instituto Hidrográfico. Na altura foi um assunto que não mereceu qualquer procedimento contra o capitão-tenente Machado dos Santos e primeiro-tenente Simões Teles, considerados na Armada como «competentes e dedicados» e gozando de grande prestígio.

Nos últimos dois anos estes oficiais frequentaram e concluiram o curso de engenharia hidrográfica na École Nationale Supérieure de Techniques Avancées e foi durante a frequência deste curso que escreveram o relatório já referido. Mas um outro facto vem juntar-se também ao processo. Estando ambos apresentados no gabinete do Adido Naval da Embaixada de Portugal em Paris tiveram um problema com o embaixador dr. Coimbra Martins a propósito das comemorações do dia de Portugal (25 de Abril de 1976) de que foram excluídos sem qualquer razão justificativa. Esta atitude do embaixador levou-os a escrever-lhe uma carta na qual assumiam a defesa do espírito do 25 de Abril e consideravam que o dr. Coimbra Martins estava, com as suas práticas discriminatórias, a trair esse espírito.

O tempo passou e veio mais tarde a saber-se que essa carta deu entrada confidencialmente no Estado-Maior da Armada tendo o seu conteúdo sido apresentado em diversas reuniões de oficiais para apreciação.

Machado dos Santos e Simões Teles, punidos por decisão do chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Souto Cruz, por desrespeito à hierarquia, haviam sido presentes ao Conselho Superior de Disciplina da Armada e ilibados da acusação de «falta de espírito militar» que o CEMA ordenara e o Serviço de Pessoal formulou. Este serviço tinha na altura como Superintendente o então comodoro Silva Horta e como adjunto, o ex-adjunto militar de Marcelo Caetano, comandante Coutinho Lanhoso.

Em contacto com o gabinete do chefe do Estado-Maior da Armada, fomos informados que para além da acusação fundamental» de que os dois oficiais foram ilibados por decisão do Conselho Superior de Disciplina da Armada homologada pelo vice-almirante Souto Cruz, «subsistiam problemas disciplinares» que motivaram a punição «tendo sempre em vista o RDM».

Um facto que está a provocar grande perplexidade nos meios militares e que para já apresenta um aspecto curioso e a reter: que estranho fenómeno terá provocado nos últimos tempos desobediências em massa dos patriotas do 25 de Abril ao RDM e ao mesmo tempo tenha provocado uma tão grande disponibilidade dos oficiais alheios ao 25 de Abril para aplicarem o RDM contra os primeiros?

C.R. prepara amnistias no sector militar

«Entre os temas debatidos pelo Conselho da Revolução na sua reunião de ontem no edifício do EMGFA, ao Restelo, assinale-se o projecto de amnistia visando o sector militar. O projecto será objecto de publicação por parte do CR, e, de acordo com o comunicado emitido no final da reunião, «tendo sido, ultrapassadas algumas dificuldades técnicas que haviam surgido, foram dadas directivas para o alargamento do âmbito proposto, pelo que o assunto voltará ao plenário».

Falando aos jornalistas no final da reunião, o major Vítor Alves especificou que «deve ir a uma das próximas reuniões do CR o Estatuto da Condição Militar» que cobrirá os casos, por exemplo, de militares que tenham tomado publicamente posições políticas, incorrendo assim nos regulamentos (designadamente no RDM) em vigor. Falando de Otelo, a proposito, Vítor Alves disse que o caso é da exclusiva competência do EME.

Ainda na sua reunião de ontem, o CR aprovou o seu próprio Regimento e duas resoluções relativas às competências para autorização de nomeações militares para cargos civis. Foi sancionada a nomeação do coronel José Vilhena Ramos para director dos Serviços dos Estrangeiros do MAI.

O Conselho da Revolução escolheu ainda os membros que deverão representá-lo nos congressos partidários do PS, do PPD-PSD, do PCP.

COMUNICADO CDL

O ("O DIÁRIO") SAI NO DIA 2 DE NOVEMBRO

«o diário» comunica a todos os seus leitores e amigos que será distribuído a todos os seus postos de venda no dia 2 de Novembro terça-feira.

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E D P

EX-UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo Domingo, 31 de Outubro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE ALMADA
Cortes Reais, das 07.00 às 16.00 horas

CONCELHO DO SEIXAL
Alto do Moinho, das 06.30 às 13.00 horas

Lisboa, 30 de Outubro de 1976

Pel ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E. D. P.
(U. E. P - Sul)
Manuel Fernandes Camacho

PUB

Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Setúbal

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Dando cumprimento à solicitação da Direcção, ao abrigo do art.º 35.º, n.º 1, alínea b), dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Extraordinária nos termos do art.º 36.º, n.º 1, para o dia 7/11/76, pelas 16 horas, na Sala da Cultura (Antigo Cinema da C. U. F.), no Barreiro, com a seguinte **Ordem de Trabalhos:**

1 — Decidir da compra de um imóvel para a Sede do Sindicato, no Barreiro;

2 — Informações sobre o Congresso dos Sindicatos;

3 — Informações sobre Contratação Colectiva.

NOTA — É indispensável a apresentação do cartão de sócio do Sindicato.

Camarada — Só com a presença de todos e só com a força da nossa unidade venceremos.

Barreiro, em 27 de Outubro de 1976

O Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral

João Maria Sovelas

post-scriptum

A verdade e o sensacionalismo

Se a verdade é revolucionária e salutar, o sensacionalismo é quase sempre deletério porque é muitas vezes o invólucro da mentira e da calúnia.

Segeriram-me estes conceitos certos êxitos editoriais que têm vindo a ter lugar, com o consequente lucro sácil para os seus promotores, pessoas nem sempre honestas, ou pelo menos sem grandes escrúpulos.

A invenção de um crime para ser atribuído a um homem honrado, é sempre trabalho rendoso para a publicidade e garante a arrecadação de umas boas coroas.

Assim tem sucedido e continuará a suceder porque o público leitor também não é escrupuloso e o que quere é distrair-se com o escândalo alheio, seja ele inventado ou verídico. Deste modo é que a mentira ganha terreno e o mentiroso proveito.

O crime é imputado ao inocente e o criminoso ficará encoberto e impune, enquanto a História será defraudada.

Alvaro da Silva e Sousa
PORTO

Selvajaria «constitucional»

No passado dia 27, a população presente na Praça da República, em Viana do Castelo, viu bem como continua a repressão sobre o povo trabalhador e até que ponto a democracia está ameaçada.

Estava marcada para essa Praça uma concentração de repúdio pela prisão de Otelo. O senhor governador civil não considerou legal a concentração e decidiu proibi-la. Mas não é sobre a concentração que escrevo estas simples linhas: trata-se de denunciar a forma brutal como a PSP actuou.

Carros e carrinhas daquela corporação descarregaram na praça um exército de «valentes» guerreiros, armados de viseiras, casssetetes, metralhadoras e outros instrumentos de repressão.

O chefe da tropa deu ordem para que limpassem a praca, e o bando armado desatou a distribuir pancadaria a torto e a direito, não poupando ninguém: transeuntes que nada tinham a ver com a concentração e iam à sua vida ou aos seus afazeres, outros que diariamente vão à Praça ao fim do seu dia de trabalho, toda a gente foi corrida à coronhada e a cacetada como no tempo do fascismo ou pior.

Não está em causa a concentraçao ser ou não ser legal. Aliás, se os homens que fizeram o «25 de Abril» se tivessem detido em considerações legalistas, o fascismo nunca teria sido derrubado...O que está em causa, para além da liberdade e da democracia, da liberdade de reunião e associação ser sistematicamente cerceada à esquerda (enquanto a direita diz e faz o que muito bem entende), é o modo como as zelosas autoridades não pouparam mulheres, crianças, velhos ou novos, na ânsia de correr da Praça com todo o povo trabalhador.

Pergunta-se ao senhor Governador Civil, membro destacado do Partido Socialista, se é isto o «socialismo em liberdade» que o seu Partido tanto apregoa.

4 Pergunta-se ao senhor Ministro da Administração Interna se é esta a «segurança» que a «NOVA» PSP está na disposição de garantir aos cidadãos.

Pergunta-se ao senhor Presidente da República se a defesa da Constituição passa pelo espancamento indiscriminado e brutal de cidadãos indefesos.

António Rui Viana
VIANA DO CASTELO

Astronautas na Praça da Figueira?

Na Praça da Figueira existe uma estátua que não sei o que representa. No dia 27, a estátua apareceu com uma guarda reforçadíssima. Dentro de umas carrinhas azuis, havia uma data de indivíduos fardados tipo astronautas.

....Que gente é aquela? Trata-se de alguma força especial de combate ao terrorismo bombista? Será uma força estrangeira, tipo «guarda suíça», especializada em procurar os assaltantes dos bancos?

Polícia da nossa não deve ser, já que fiquei aterrorizado com as caras dos indivíduos que estavam dentro das carrinhas.

José da Rua
LISBOA

PEDAGOGIA DA REVOLUÇÃO

CIÊNCIAS SOCIAIS: SANEAMENTO SINTOMÁTICO

SEVERO DE MELO

..Um aspecto singularmente revelador da política actual do M. E. I. C. é a acusação de «parcialidade» lançada sobre a disciplina de Ciências Sociais, que fazia parte do currículo de estudos do 7.º ano de escolaridade geral (1.º ano do curso secundário unificado). A coberto de tal acusação foi suspensa (abolida) **sine die** a referida disciplina. Concretamente, foi removida do sítio onde estava para outro, o 9.º ano de escolaridade, que ainda não funciona nem se sabe se, como e quando funcionará.

Mesmo que venha a funcionar, interessa fazer a análise da acusação que lhe foi imputada — de ter uma «perspectiva ideologicamente parcial». Assim, há que referir o seu programa oficial e a prática docente correlativa para concluir se houve ou não «parcialidade».

Quanto ao programa, os objectivos que a disciplina se propunha atingir eram: 1. Que os alunos adquiram conhecimentos de diversidades características das sociedades contemporâneas; 2. Que os alunos adquiram a consciência do papel dos indivíduos e dos grupos na solução dos problemas sociais e culturais postos aos homens, isto é, o conhecimento não só da diversidade e dos desníveis, mas também do devir das realidades sociais, e assim sejam incitados a uma intervenção cada vez mais consciente e responsável na comunidade de que comparticipam; 3. Que os alunos adquiram a capacidade de problematizar os dados sociais e culturais, assumam as atitudes e adquiram os instrumentos necessários à procura, à análise objectiva e à interpretação crítica desses dados.

Como se constata sem dificuldade, o primeiro objectivo aponta no sentido de dar aos alunos uma perspectiva da **pluralidade** das situações sociais dos nossos dias. O mesmo se pode dizer quanto ao segundo objectivo, que vai nitidamente no sentido da constatação do pluralismo de soluções que as várias sociedades adoptam. Também o terceiro objectivo aponta nesse caminho, incitando os alunos na busca de dados que possam fundamentar opções. Negar aos alunos o direito de desenvolver a capacidade de análise social é negar uma participação enquanto cidadãos.

No que se refere aos temas da cadeira de Ciências Sociais, pode constatar-se a preocupação em não espartilhar a actuação docente em malhas doutrinais monolíticas. Desta forma, dizia-se logo na apresentação: «Julga-se que para a consecussão dos objectivos enunciados, o programa desta área disciplinar dificilmente poderia ter uma estrutura rígida em que os assuntos se sucedessem linearmente, de acordo com um desenvolvimento previamente definido. Assim, optou-se por uma estrutura flexível, constituída por um leque de temas variados, possibilitando a formação de vários conjuntos.

Os temas gerais eram enquadrados em três grupos. No grupo «A» (Geografia) tinhamos: o homem e a natureza, equilíbrio homem-natureza movimento da população, espaço urbano e espaço rural. No grupo «B» (Economia): produção, distribuição e circulação da riqueza, o mundo da fome e o mundo da abundância, a sociedade de consumo. Finalmente no grupo «C» (Sociologia): formas de comunicação social, o trabalho e o lazer, a situação do homem e da mulher no mundo de hoje, grupos e instituições

Depois de prévio esclarecimento na turma, professor e alunos escolheriam, pelo menos, um tema de cada grupo, de modo a que, chegados ao final do ano, os alunos ficassem sensibilizados para os problemas geográficos, económicos e sociológicos. Não se privilegiava nenhum país nem nenhuma cultura, dando-se total liberdade de opção não só a nível de escolha de temas como de tratamento e desenvolvimento. Por razões evidentes salvaguardava-se apenas a realidade portuguesa.

Não se trata agora de saber se os temas são muitos ou poucos, se foram bem ou mal escolhidos e articulados. Trata-se de perguntar onde residirá aqui a «perspectiva ideologicamente parcial» que esteve na base do **saneamento** de que a cadeira de Ciências Sociais foi vítima por parte do M. E. I. C.

Após o desenvolvimento dos temas fazia o programa, como indicações didácticas gerais, uma série de considerações na melhor linha de uma pedagogia progressista. Quanto ao ponto dois, por exemplo, dizia-se: «A autonomia e a responsabilidade, intelectual e moral, dos alunos devem ser também, na verdade, objectivo constantemente presente no espírito do professor.»

Se o respeito pela autonomia e pela responsabilidade dos alunos é passível de ser acusado de «parcialidade ideológica», há que concluir, em boa lógica, que a não-autonomia e a irresponsabilidade devem, por certo, ficar a coberto de tal acusacão. Mas, no ponto três afirmava-se também: «Importa que (os alunos) tenham a possibilidade de escolher e não seja o professor a optar por eles». O respeito pela opção dos alunos significa uma «perspectiva ideologicamente parcial»? E vejamos ainda sobre o ponto oito: «A aula de tipo coloquial é mais propícia à participação criadora do aluno». Esta directiva concreta é «parcial»?

Terminava o programa com indicação de bibliografia. Indicação que era uma sugestão, ficando a possibilidade de escolha dentro, aliás, do espírito não dirigista que presidiu à elaboração do programa. E se é na bibliografia que se vai buscar a orientação da prática docente que o programa implica, então parece que deste modo ficarão arredadas quaisquer suspeitas de «parcialidade». Com efeito, constata-se que aí se incluiam sugestões bibliográficas deste teor: António Barreto, ministro socialista como o próprio dr. Cardia; o sociólogo Maurice Duverger; obras da colecção «Que-sais-je?» e da inglesa «Pelicano»; obras da Unesco; o sociólogo Josué de Castro, o homem da F. A. O.; Blasco Hugo Fernandes, Marta Harnecker e Lenine, etc... Será por causa destes últimos que o programa era «ideologicamente parcial»?

..Deve, por outro lado, acrescentar-se o que é, na prática do dia-a-dia, o professor comum. E aqui as coisas aclaram-se também. O grupo profissional dos Professores é historicamente conservador, até pela sua formação e condição ao longo de várias décadas. No entanto, embora nalguns casos a estreiteza da opção partidária tenha dificultado uma generosa abertura e uma indispensável informação e actualização pedagógicas, não é menos certo, como na prática foi possível constatar nestes dois anos, que largas camadas de professores fizeram um esforço de alargamento de perspectivas e de preocupações pedagógicas, por exigências do ensino, que deve considerar-se altamente positivo. A cadeira de Ciências Sociais teve ainda aí a sua quota de importância. Assim, o saneamento desta matéria curricular, vendo as características do seu conteúdo e dos seus objectivos programáticos, na formação dos alunos, não deixa de ser sintomático.

A ENCRUZILHADA DA CLASSE MÉDIA

MÁRIO BENEDETTI

. HAVANA — (IPS) — Na actual e convulsiva América Latina, com o fascismo istaladao em vastas zonas, todos os sectores se vêem obrigados a definir as suas situações e a verdade é que já vai faltando o espaço para essas definições. É assim que a oligarquia, em vez de recorrer ao mimetismo — como fizera em vários países — em termos de certos usos e costumes da classe média, já assume hoje em dia descaradamente as suas alianças com os grandes consórcios internacionais e, por certo, não se horroriza perante o catálogo de torturas que, na maior parte dos países latino-americanos, as forças repressivas aplicam. É assim também que o imperialismo, em vez de adoptar novos métodos se sedução, pura e simplesmente opta pela delegação no fascismo dependente e vernáculo da parte mais repressiva da sua ilegítima autoridade. Pois bem, como a partir dessas atitudes tudo resulta mais claro, também as classes trabalhadoras sabem os riscos que correm nesta nova relação de forças, e estão ao mesmo tempo conscientes de que, se não lutam, estão perdidas.

Quando a história começa a libertar-se do lastro do ambíguo, isso geralmente significa que se aproxima de uma definição. Imperialismo e burguesia nacionais, por um lado, e classe operária, por outro, embora com sinais contrários, sabem perfeitamente o que pretendem. No entanto, no meio está outro sector, cujo rasgo quase universal costuma ser a ambiguidade. Refiro-me, como é óbvio, a controversa classe média, essa espécie de «punching-ball» em que, tanto os sociólogos como os políticos, experimentam o seu poder e contundência. Para o capitalismo, além disso, ela costuma ser a clientela ideal do mercado de consumo, e também o sector mais sensível às pressões da propaganda. Para o revolucionário, pelo contrário (e apesar dessa classe média ter gerado, por exemplo, Marx e Che Guevara) representa geralmente uma massa amorfa, sem profundas convicções, que não distinguem nem pela sua solidariedade nem pela sua ousadia.

Tudo isto parece ser certo, sem prejuízo de reconhecer que, quando um elemento da classe média, por intuição ou por raciocínio, por consciência política ou por sensibilidade moral, escolhe o seu próprio caminho e desfaz a ambiuigade proverbial da sua origem, pode chegar a ser um promotor notável de ideias e até um avassalador homem de acção. Mas é possível que um caso destes seja mais a excepção do que a regra. Por cada Marx ou cada Che Guevara, que assumem o papel de iniciadores, há evidentemente milhões de homens e mulheres da classe média que se apegam à ideologia e aos hábitos da burguesia, já que, no fundo, a sua aspiração é tornarem-se burgueses, e só isso. E se — como geralmente acontece — não atingem o seu ogjectivo, sentem-se infelizes, frustrados, miseráveis. É claro que há sempre um sector da classe média, geralmente o mais depauperado, que vai aprendendo a lição por via prática e se aproxima paulatinamente das posições da classe operária.

A actual conjuntura da América Latina tende a acabar com essas ambiguidades. No caso chileno, por exemplo, é óbvio que houve um amplo sector da classe média que foi catequizado pelos intocados meios de comunicação e a sua campanha de calúnias. Uma grande parte desse sector social arremeteu cegamente contra o Governo de Allende e foi praticamente o único apoio popular conseguido pela prédica da direita. Que dirão agora as donas de casa que saíram à rua a bater nas suas panelas vazias, quando, na pavorosa crise actual, não têm nem panelas em que bater? Que dirão aqueles que se queixavam amargamente sa suposta falta de liberdade sob a Unidade Popular, quando têm de viver agora num estado de buscas permanentes, férrea censura

Continua na pág. 18

Nacional

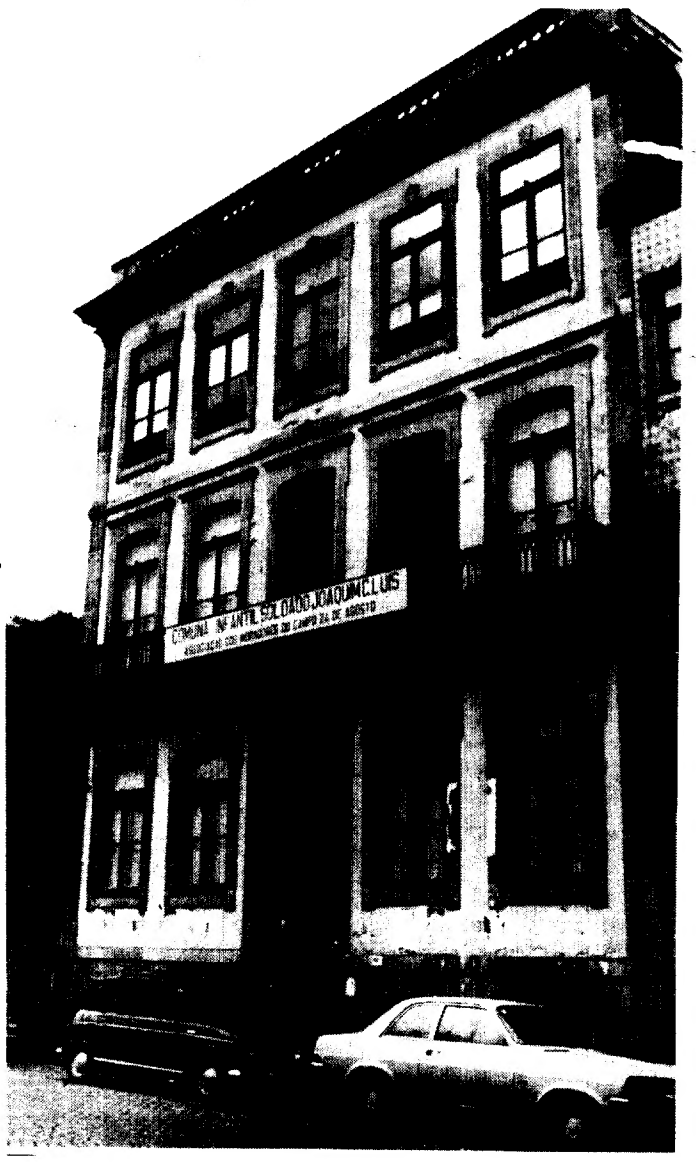
NO BONFIM (PORTO)

Infantário ameaçado de despejo e crianças atadas às pernas das mesas

....PORTO, 30 — Desde Março do ano passado algumas dezenas de crianças pobres da freguesia do Bonfim conseguiram deixar a rua e as pernas das mesas onde ficavam atadas durante horas para os pais poderem ir trabalhar. Passaram a ficar num infantário, mantido quase sem ajudas graças a um esforço que o IFAS (Instituto da Família e Acção Social) considera «quase milagroso». Porém, de milagres destes nem todos gostam, e por isso acabam. E acaba-se a esperança das pessoas, abandonadas ao ciclo da miséria. E o que pode vir a acontecer para os lados do Campo 24 de Agosto, no Porto. A Associação de Moradoresconta-nos a ameaça que pesa sobre o seu infantário: «O desejo é contra as crianças» — dizem os pais, que vivem em zonas degradadas. «As crianças têm direito à protecção da Sociedade e do Estado» — diz a Constituição. Para já a Sociedade, neste caso a comunidade local através da sua Associação de Moradores, cumpre a Constituição(foi, aliás, para isso que lhe pediram os votos). E o Estado? Por enquanto as crianças pobres do Campo 24 de Agosto conhecem uma resposta: despejo até ao dia 15 de Novembro. Duas semanas mais e algumas voltam a ser atadas às pernas das mesas...

Contra esta obra social, mantida no exercício de um direito legítimo (protecção às crianças), que obstáculos se levantam? Dizem os moradores: «A quem aproveita uma casa vazia quando andam por aí os nossos filhos no abandono, sem sítio para ficar, e a gente poder ir à vida sem estar sempre a pensar neles? As leis não podem permitir uma tal injustiça, nós não aceitamos isso».

Segundo os moradores, os donos da casa, que nos disseram também ser «gente de posses, sem dificuldades», pretendem demolir a casa para construir de novo. Recusariam até arrendá-la mesmo que houvesse pretendentes. A ordem de despejo dada pela Câmara passa assim por cima dos direitos e dos legítimos anseios de dezenas de munícipes pobres no confronto com o interesse individual da construção especulativa (não consta que se construa com outros fins: vejam-se os entraves ao Processo SAAL). Curiosamente, outra autoridade administrativa, a Junta de Freguesia do Bonfim, apoia a pretensão da Associação de Moradores neste caso do infantário e ainda recentemente oficiou ao governador civil do Porto nesse sentido, pedindo a legalização do imóvel. De facto, todo o problema reside aí: legalização, para já, da casa para ser possível manter o infantário aberto. Por outro lado, os moradores confiam na posição do governador civil face ao problema, atendendo à natureza do caso, embora as coisas por este lado também não lhes tenham sido fáceis.



Esta casa grande e em óptimo estado pode ser a promoessa concreta de um mundo mais justo para uma centena de crianças pobres

Em vez do abandono e da «escola» da rua, um infantário onde as crianças brincam e aprendem. Mas há ainda quem pretenda empurrá-las de novo para a rus...

«Este casarão estava fechado e sem ninguém há treze anos. Estava sem utilidade e não é fávil alugar porque é velho e enorme, tem mais de cin-, quenta divisões» — diz a Associação de Moradores do Campo 24 de Agosto e Eirinhas. De facto, a casa é enorme e gasta-se um bom tempo a percorrê-la toda. Apesar de antiga e mal dividida, é todavia de sólida construção, com portas de soalhos de boa madeira, tudo em muito bom estado. A precisar de reparação só o telhado e um ou dois bocados de tecto. Fica na Rua Morgado de Mateus, 137.

Vazio durante aqueles anos todos, o edifício foi ocupado vai para dois anos e depois aproveitado pela população necessitada da zona, que nele instalou o infantário «Comuna Infantil Soldado Joaquim Luís», onde trinta e duas crianças permanecem durante o dia.

COMUNA INFANTIL

Diz um morador: «Aqui não há infantário, como é que nos arranjamos sem este? Não pode ser, não podems ficar sem de ser, não poderemos ficar sem isto, que nos veio resolver muitos problemas das crianças e do nosso trabalho. Sem este infantário há pessoas que vão perder o trabalho e depois onde é que o arranjam? É o caso de uma mulher que ficou sozinha porque o marido foi-se embora. Agora tem aqui os filhos pequenos para poder trabalhar. Sem esta casa onde é que ela os deixa para trabalhar e comer?»

. A alternativa para as trinta e duas crianças da «Comuna Infantil» é a rua e a sua «escola», enquanto outras da sua idade têm infantários pagos e educação infantil. É a «igualdade de oportunidades» consagrada na Constituição. Isto levanta, de facto, alguns problemas para quem tem a responsabilidade de os enfrentar e resolver. Sobretudo porque o «25 de Abril» aconteceu e às pessoas assiste agora o direito de velar para que o que se pôs na Constituição não seja apenas letras impressa. É isso mesmo que está a ser feito pela Associação de Moradores, a partir desta verdade transparente: «Repudiamos a ordem de despejo ordenada pela Câmara Municipal do Porto porque o infantário é indispensável para a vida das pessoas, tudo gente necessitada sem outro meio para guardar as crianças».

CAPACIDADE PARA CEM CRIANÇAS

O infantário mantém-se com grandes dificuldades. Por um lado as pessoas são pobres, e por outro os subsídios são escassos devido, precisamente, à falta de legalização do imóvel. Diz-nos a Associação de Moradores: «Todos os dias bate aqui gente à porta a pedir um lugar para outras crianças. As pessoas pedem, suplicam, e não podemos fazer nada com uma casa tão grande. Sem meios, como é que íamos dar-lhes sopa, pagar a pessoal para tomar conta e educar?... Não podemos. A zona da nossa associação tem graves problemas, habitações degradadas, crianças por aí...»

. Esta situação impede, assim, uma mais vasta obra de auxílio às crianças que a comunidade local se mostra empenhada em desenvolver, dando um magnífico exemplo de participação (como outras comunidades com idênticos problemas) e cooperação que decorre, pedagogicamente, de várias linhas mestras do nosso texto político fundamental. A Associação de Moradores acrescenta: «O I.F.A.S. deu-nos 35 contos para a manutenção das crianças em Agosto e Setembro, e tem enviado alguns alimentos, nomeadamente leite. Mas isto, mesmo para as 32 crianças, não chega a nada. Elas precisam de comer, algumas traziam alguma coisa para o almoço, coisas que nem um gato comia. À tarde damos-lhe uma merenda, pois o infantário só fecha às 8 horas e algumas só são levadas a essa hora. Outras vão almoçar a casa com os pais. As crianças estão muito longe de comer aquilo que precisam, mas mais não podemos fazer».

Para além disso são as ajudas (vulgo, esmolas) de moradores e amigos do infantário e cotizações da Associação. Numa sala estão afixadas as contas do último mês. As despesas foram as seguintes: **456$00** de leite, **594$00** de mercearia, **509$00** de electricidade, **280$00** de água, **39$00** de drogaria e **4500$00** de ordenados (duas empregadas). Total: **6378$00**. Para 32 crianças durante um mês e incluindo dois salários.

A casa tem grande espaço e podia albergar cem crianças pobres da zona, conforme está previsto. A Associação teria possibilidade de as repartir pelos andares (salas grandes em três pisos e várias outras dependências) segundo as idades e contratar mais pessoal e educadoras. Estas não têm aceitado por falta de garantias: «Estiveram aqui duas estagiárias há dias, viram a ordem de despejo e foram-se embora. Temos apenas uma educadora neste momento».

A legalização do imóvel, segundo, a Associação, teria como consequência a atribuição de um subsídio certo por cada criança, dado pelo I.F.A.S., com a promessa ainda de uma ajuda inicial de 60 contos. Além disso há obras e arranjos que não podem ser feitos. Com tais garantias, cem crianças seriam admitidas imediatamente, bem como o restante pessoal.

Faltam brinquedos, material didáctico e móveis. Há só o indispensável, e é pouco. Foi graças a ofertas, dizem os moradores, que se conseguiram berços, algumas camas, mesas e bancos. Apesar disso as paredes estão cobertas com desenhos feitos pelas crianças e há outros trabalhos em plasticina e material recuperados. Com todas as dificuldades, este infantário é a alternativa à «escola» da rua, dada pelos moradores. Os alunos da Escola de Belas-Artes fizeram decorações e projectos (alguns em trabalhos de estágio).

Em comunicado recente aos moradores, a Associação afirmava: «A demolição do prédio, dado o estado de conservação e a qualidade e riqueza da construção, pode considerar-se um autêntico crime. Ao mesmo tempo a escassez de casas com as condições da que nos referimos, que constituem autênticos equipamentos sociais das zonas onde estão inseridos, não podem ser votados à destruição».

JOSÉ GOMES BANDEIRA

Nacional

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESCRITORES

Homenagem a Torga com Torga ausente

Homenagem a Torga em Lisboa (Associação Portuguesa de Escritores) com Miguel Torga em Coimbra (dr. Adolfo Rocha com clínica na Portagem, filho de pais camponeses e sólidos de S. Martinho de Anta, Vila Real, Trás-os-Montes, caçador exímio nas *ladeiras* mais próximas da raia, seminarista de Lamego envergonhado e apóstata, emigrante que o diabo amassa do Brasil mais amargo que camiliano). Ponto de início.

Miguel Torga foi homenageado porque ganhou o Prémio Internacional de Poesia. Para quem não saiba o que é, fica o palpite: a antecâmara do póstumo. Mas, como dizia, ontem às 21 e 30, deu-se início, na sede da Associação Portuguesa dos Escritores, sita à Rua do Loreto, número 13, à homenagem a Miguel Torga que, como dizia, é o poeta que escreveu o «Orfeu Rebelde», o «Outro Livro de Job», os «Poemas Ibéricos», e escreveu contos, e teatro e romances e publicou conferências («Portugal») e tem lápide na «república» da Ladeira do Seminário.

A homenagem foi nacional. Quando se iniciou havia na última fila nove escritores e um repórter, na seguinte mais nove escritores, depois mais seis sentados e o Urbano Tavares Rodrigues de pé, depois mais sete, depois mais 12 com predominância para escritoras, de preferência com mais de 40 anos e, finalmente, em meia circunferência, em sofás vermelhos, mais 12 escritoras ao todo. A presidir, ao centro, Sophia de Mello Breyner que destoou no ambiente pela intervenção lúcida e comovida, hino à poesia, de poeta declamando poeta, poesia em carne falando de poesia palavra. Ao lado direito, Jacinto Prado Coelho que leu um texto seu, já divulgado em livro, ao lado esquerdo, Melo e Castro que às 21 e 30 em ponto da noite falava à entrada da sede com Abelaira e Alberto Valente dessa figura controversa (como sói dizer-se em jornais e na comunicação falada e vista), o ministro Sottomayor Cardia.

AO FACTO O FACTO

Às 22 e 30 havia na sede do Loreto meia centena de escritores. Autores eram menos — (em nome de Barthes e das conclusões de Urbano).

Alberto Valente apresentou o sarau. «Uma pequena homenagem» — chamou-lhe. Houve depois a leitura de telegramas: de João José Cochofel, de Manuel Rodrigues Lapa, Ricardo Averini, António Mendes Correia, Eugénio de Andrade, de Isauro de Oliveira que se dirigia à «plêiade de intelectuais portugueses» ali reunida, Matilde Rosa Araújo, Santos Simões, Eduardo Lourenço e uma carta da Sociedade Portuguesa de Autores assinada por Luís Francisco Rebelo e uma outra epístola de Serafim Lobo.

Entre a assistência, a presença de Henrique de Barros, o cachimbo de Manuel Ferreira e as andanças de José Gomes Ferreira cada vez mais novo ou então a assistência cada vez mais velha. Perdoem-me as excepções que confirmam a regra.

Abriu a homenagem ao poeta ausente (mas premiado), Sophia de Mello Breyner que falou de Torga e do seu canto «da coragem, da fidelidade, da resistência». Leu comovida para a sala em silêncio a «Carta de minha mãe», afirmou que «na poesia de Torga está o tom natural da voz humana em português», sublinhou da sua poesia «a dimensão trágica», o «realismo sem ilusões». E recordou, a finalizar, o poema «Ariane», lido num barco diante da Barra: «Simultaneamente a poesia e o País a que pertenço» estavam dentro de mim. Enquanto lia o poema de Torga escrito na prisão, preso estava seu marido.

Eram 23 horas menos sete minutos quando as palmas soaram.

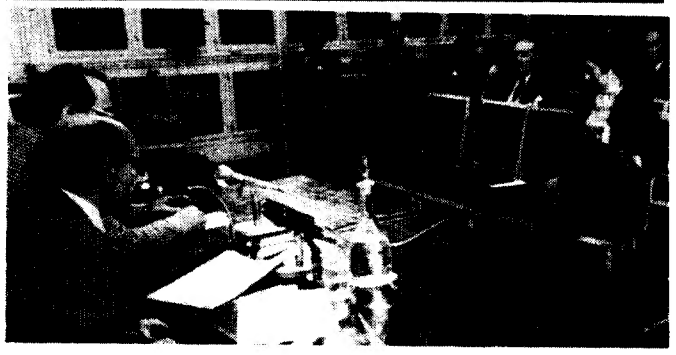
Depois, Jacinto Prado Coelho leu um texto seu sobre a obra de Torga: «escritor situado no concreto», escrevendo poesia «espécie de pão celestial», com «capacidade de sublinhar o humano sem fronteiras», Torga, em suma, o «poeta da angústia e da esperança». Eduardo Lourenço à vista. E o cristianismo existencial.

FIM DE FACTO

Torga não esteve presente. Nem ninguém representante. No hífen entre o fim da palavra de Jacinto Prado Coelho e a declamação (prevista) de poemas de Torga por Norberto Barroca, o repórter saiu. Ia-se travar o diálogo. Iriam ser feitas perguntas. Postas questões. Descidas as escadas, velhas mas limpas, da Associação, reconhecendo-se na rua, o repórter perguntou-se: quantos dos escritores presentes na homenagem gostam de Torga? Nem o próprio repórter é obrigado a gostar de Torga, mesmo que tenha ganho o Prémio Internacional, que passe férias no Gerês, cace coelhos na montanha, tenha sido premiado, homenageado, declamado, editado, reeditado e traduzido em várias línguas.

R.R.

Torga: ausente à homenagem



O Ciclo de Conferências sobre o 5 de Outubro, foi ontem encerrado no Palácio Foz com uma comunicação do dr. Jacinto Baptista subordinada ao tema «Uma vila portuguesa antes da Revolução». Ao longo desta conferência, Jacinto Baptista, director do «Diário Popular», lembrou que o «Estado Novo» sempre denegrira a implantação da República, embora a tradição democrática nunca houvesse esmorecido nas consciências limpas apesar da ditadura. Da análise do opúsculo de Lino de Macedo (progressos da propaganda republicana em Alhandra e Vila Franca de Xira) o conferencista passou a referir-se à farsa das eleições do regime anterior e apontou alguns paralelismos entre a oposição republicana à monarquia e a oposição democrática ao regime de Salazar e Caetano. O idealismo que faz as revoluções — lembrou — não o compreendem os «oportunistas que só vêm depois». Ao encerramento do Ciclo presidiu o dr. João Medina, director-geral da Divulgação, que apresentou o conferencista: «extraordinário jornalista, investigador e antifascista».

INSTITUTO DOS CEREAIS

AVISO

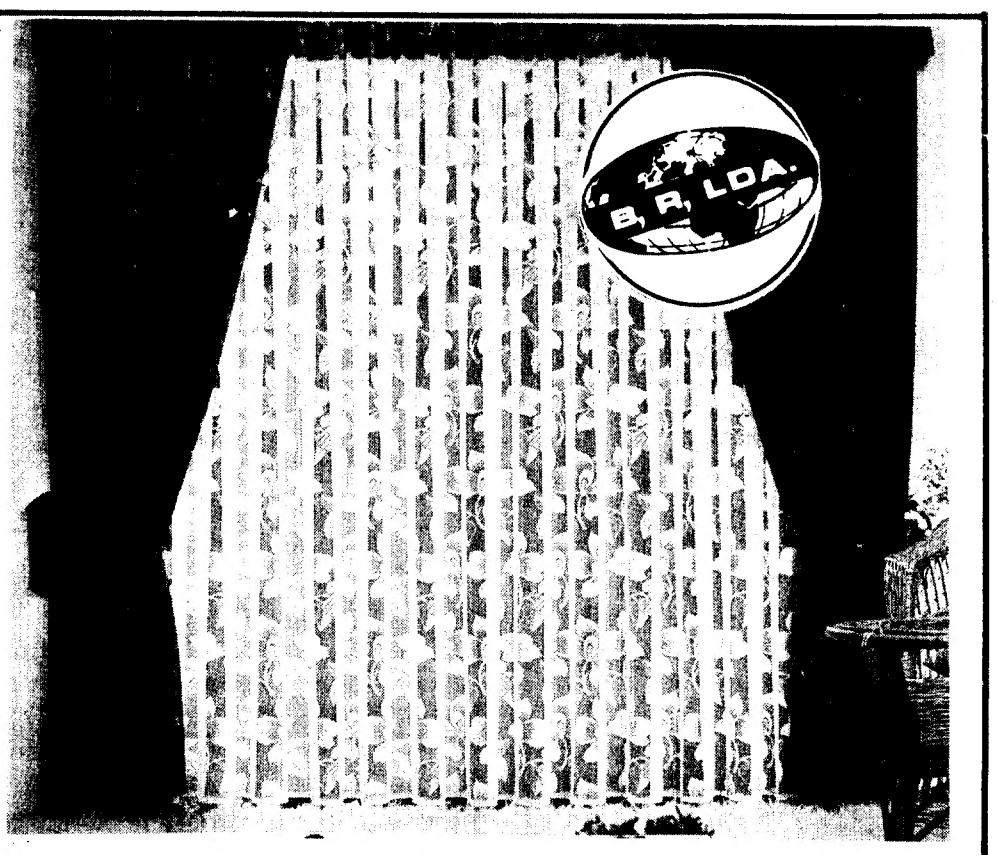
FORNECIMENTO DE SEMENTES À LAVOURA

1. A posição do movimento relativo ao fornecimento de sementes à Lavoura, é a seguinte:

1.1	Semente requisitada pela Lavoura	
1.1.1.	Dentro do prazo	41 000 ton.
1.1.2.	Fora do prazo	6 000 »
1.2	Produção aprovada (após inscrição)	47 000 »
1.3	Produção entregue até 26/10	34 000 »
1.4	Semente aprovada relativa ao total entregue até 26/10	21 000 »
1.5	Stocks de 1975 na posse do I.C.	18 000 »
1.6	Distribuições já efectuadas	31 000 »

2. Por avisos publicados na Imprensa em meados de Agosto e em meados de Outubro, foi solicitado pelo I.C. à Lavoura, no seu próprio interesse, a rápida entrega a este Organismo, do cereal destinado a semente, sob pena de os atrasos verificados nessa entrega poderem prejudicar o regular fornecimento de sementes à Lavoura.

3. Dado que continuam a verificar-se preocupantes atrasos na entrega da semente inscrita, e não sendo, consequentemente, possível aguardar por mais tempo a sua concretização, o I.C. irá proceder a importações de semente seleccionada de origem espanhola para poder assegurar a satisfação das requisições efectuadas.



DECORAÇÃO

TUDO PARA O SEU LAR

TECIDOS — ALCATIFAS — PAPÉIS PINTADOS — CARPETES
VELUDOS — PANEUAXS — TERYLENES — CHANTUNGS — VARÕES
FERRAGENS — DECORAÇÕES, ETC.

VENDAS DIRECTAS A PREÇOS DIFERENTES, NO MAIOR SALÃO DO PAÍS — GRANDE EXPOSIÇÃO PERMANENTE EM TECIDOS DE DECORAÇÃO

ASSISTA À EXPOSIÇÃO DIÁRIA

BENTO, RATINHO, LDA.

RUA DOS DOURADORES, 72-1.º — TEL. 32 49 41

Geral

Embaixador do Senegal entregou credenciais

Entregou ontem credenciais ao Presidente da República o primeiro embaixador residente do Senegal, em Lisboa, dr. Charles Delgado, que até há pouco tempo exercia idênticas funções diplomáticas em Argel, depois de ter passado pelos organismos económicos internacionais (GATT, UNCTAD e CNUCED) e ter trabalhado como conselheiro económico da missão senegalesa na ONU.

A questão das relações económicas entre Portugal e o Senegal parece ser, aliás, a tónica dominante da futura actividade do novo embaixador, tal como ele ontem o sublinhou em conferência de Imprensa e também a partir da visita que o ministro do Comércio Externo fez, recentemente, ao Senegal. Foi o primeiro-ministro do Governo Constitucional a visitar o País.

Em fins de Novembro realizar-se-á em Lisboa uma reunião da Comissão mista luso-senegalesa e a delegação do Senegal será chefiada pelo Ministro da Economia, Bubbacar Bá. O dr. Charles Delgado, que é formado em economia pela universidade francesa de Grenoble, promoteu, ainda, o intercâmbio de estudantes e professores, a curto prazo, quer para dar mais vida ao Centro de Português da Universidade de Dakar, quer para formar quadros senegaleses com conhecimento de língua portuguesa.

Charles Delgado afirmou também, que tudo faria para tentar ajudar o Partido Socialista, em função da sua linha política, dados os laços de amizade existentes entre Mário Soares e o Presidente Senghor e entre a União Progressista Senegalesa e o Partido Socialista.

JULGAMENTO PÚBLICO EM BISSAU:

Antigo presidente do PAIGC acusado de "traição à pátria"

O antigo presidente do P.A.I.G.C., Rafael Barbosa, está a ser julgado em Bissau por um tribunal de guerra e enfrenta uma acusação por traição à pátria susceptível de o conduzir à pena capital.

A primeira sessão do julgamento, que é de carácter público, realizou-se no passado dia 18 esperando-se que se arraste ainda por mais algum tempo. Preside ao tribunal o comandante militar da região de Bissau, Abdulay Bary, fazendo ainda parte do júri dois outros dirigentes superiores do P.A.I.G.C. e dois funcionários do Comissariado da Justiça Rafael Barbosa é defendido do povo, licenciado em Direito.

Este processo está a rodear-se de grande importância política em Bissau pois o P.A.I.G.C. fez questão de dar cumprimento a um antigo compromisso de julgar o seu antigo presidente perante as massas, na capital libertada, com todas as garantias de legalidade.

O réu é muito conhecido na Guiné-Bissau quer por ter sido activista destacado nos tempos da clandestinidade e na mobilização, assim como pelo seu ulterior comportamento público de apoio à política spinolista de rapina e genocídio.

O LIBELO ACUSATÓRIO

Barbosa é acusado de trair o partido quando saiu da prisão, traição essa que terá custado a vida a alguns militantes clandestinos de Bissau e torturas e prisões a outros. Concretamente, segundo o libelo acusatório, terá entregue à P.I.D.E. mapas e listas que militantes lhe traziam para os fazer chegar às regiões libertadas e introduzido elementos da P. I. D. E. /D.G.S. no seio do partido para fazer abortar a saida de gente para a guerrilha. Em 1971 teria até gravado uma reunião clandestina e levado a seguir a respectiva «cassete» às autoridades portuguesas. O mesmo destino teria dado ao material explosivo que a direcção do partido lhe confiava para acções de sabotagem em Bissau. Também é acusado de prometer ajudar militantes a fugir para as zonas libertadas e logo os denunciar à P.I.D.E. Em resultado desta acção como denunciante, e segundo a acusação, vários militantes foram presos e torturados.

A esta actividade menos conhecida, que a acusação pública está a tentar provar perante o tribunal de guerra, há outros comportamentos publicamente assumidos que o P.A.I.G.C. classifica de alta traição em especial porque partiram de um dirigente com altas responsabilidades.

Em duas ocasiões (1969 e 1970) participou em comícios de fidelidade a Spínola. No primeiro prometeu, que, «com a ajuda de Deus» viria a ser tão bom português como o general do monóculo. Isto, depois de ataques e calúnias ao P. A. I. G. C. No segundo comício, a 23 de Maio de 73, quando do ataque a Pirada fez declarações do estilo «o ideal porque lutei nunca admitiu roubos, pilhagens, massacres de populações pacíficas que o P.A.I.G.C. de hoje decide e manda executar». Também é dele a declaração: «Porque razões queimam as crianças quando o povo da província, pela voz inconfundível do seu dilecto governador, general Spínola, lhe abriu o caminho da dignidade, na construção do progresso da nossa terra, na construção de uma Guiné melhor? Senhor governador: a obra de V.Ex.ª realizada em prol dos filhos da Guiné é a mais grandiosa do continente africano».

Rafael Paula Barbosa entrou para o P.A.I.G.C. em 1958 e durante os anos que precederam a luta armada desenvolveu intensa actividade de mobilização e organização. Por isso viria a ser preso pela P.I.D.E. em Março de 1962.

Ao ter conhecimento da prisão, a direcção do partido, que se encontrava já em Conakry alertou a opinião internacional para a prisão e com o intuito de o defender e intimar a P.I.D.E. a respeitá-lo e a não o assassinar, Cabral propôs que os comunicados o referissem, a partir daí, como presidente do Comité Central do Partido.

Um ano depois da prisão, Rafael Barbosa foi solto passando a beneficiar do regime de residência fixa. Até 1969 há indícios de ter continuado a mobilizar militantes clandestinamente. Alternou fases de prisão com outras de liberdade, mas surgem já os primeiros indícios dos factos que hoje servem de base á acusação de alta traição. A 3 de Agosto de 1969 fez as declarações públicas que referimos e que definitivamente o afastaram do partido.

Numa reunião de quadros, em Setembro de 1969, Amílcar Cabral ainda reservou decisões definitivas sobre a questão pois admitia que a declaração, seguramente escrita pelos portugueses, tenha sido lida por Rafael Barbosa com o pensamento de assim enganar os colonialistas continuando a actividade clandestina. No entanto era já considerada «uma declaração muito má para qualquer militante, quanto mais para um antigo presidente do Comité Central de um partido como o P.A.I.G.C.», segundo palavras de Amílcar Cabral. Este mesmo dirigente afirmava então que «um militante, quanto mais um dirigente com a experiência e as responsabilidades que Rafael devia ter, deveria preferir morrer a fazer uma declaração como aquela».

Foi então decidido introduzir gente em Bissau e montar uma rede de mobilização, fora da alçada de Rafael Barbosa, para a confirmação das suspeitas. Cabral já quilificava de alta traição os actos do seu antigo companheiro de luta quando Rafael Barbosa foi irradiado do P.A.I.G.C. A expulsão foi confirmada em reunião alargada do Comité Central, em Abril de 1970 e três anos mais tarde no II Congresso.

JULGAMENTO PERANTE AS MASSAS E COM TODAS AS GARANTIAS

Cinco anos após o seu primeiro discurso anti-P.A.I.G.C., ou seja, poucos meses antes do 25 de Abril, Barbosa foi preso pela segurança do partido em Morés, na região libertada de Oio, sob a suspeita de que tinha penetrado nessas regiões em missão da P.I.D.E.

Nessa altura, militantes houve que exigiam o seu julgamento sumário nas regiões libertadas, mas a direcção do P.A.I.G.C. comprometeu-se a julgá-lo em Bissau: era lá que tinha decorrido a sua actividade e residiam em Bissau os militantes que se queixavam das denúncias e traições do antigo dirigente. Também se registaram sugestões para o julgamento na altura da entrada do Secretariado do P.A.I.G.C. na capital libertada, portanto num momento de euforia em que era fácil prever o destino do réu, se fosse julgado na ocasião. Pelo contrário, Rafael Barbosa passou a viver com residência fixa em Bolama para agora ser presente a tribunal em sessões públicas e largamente concorridas.

Aliás, a concorrência aos julgamentos foi tão facilitada que indivíduos identificados pela Polícia como «antigos informadores e agentes da P.I.D.E., ex-militares irrecuperáveis da tropa fantoche colonialista e elementos do lumpen de Bissau» aproveitaram o julgamento para provocações na sala e em concentrações no exterior do tribunal até que a Polícia devete alguns desses agitadores e proibiu as concentrações de pessoas ou manifestações que possam «perturbar a ordem pública ou prejudicar do exterior o normal funcionamento daquele tribunal». A admissão à sala das audiências faz-se mediante a simples exibição do bilhete de identidade e do documento de pagamento do imposto de reconstrução nacional.

O comunicado da Polícia de Ordem Pública divulgado em Bissau fez saber ainda que «no cumprimento de ordens do Governo, não tolerará actos que de uma forma ou de outra, possam prejudicar o exercício independente da função de julgar confiada ao tribunal de guerra, agindo sobre os infractores com todo o rigor que lhe exige a lei».

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDUSTRIAS QUÍMICAS DO SUL

MOÇÃO

. Considerando que o Secretário de Estado da Indústria Pesada anunciou, à Comissão Sindical Negociadora (C.S.N.) do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical (C.C.T.V.) para as Indústrias Químicas, que ia ser autonomizado o processo de contratação para as Empresas Públicas e Nacionalizadas;

. Considerando que esta medida a ser posta em prática conduzirá à divisão e enfraquecimento do Movimento Sindical e à desmobilização dos trabalhadores químicos da luta unitária em defesa do seu C.C.T.V.;

. Atendendo que a autonomização do processo de contratação para as Empresas Públicas e Nacionalizadas originará o aparecimento de vários A.C.T. dentro do sector químico e terá como consequências separar a luta dos trabalhadores das grandes Empresas da luta geral de todos os trabalhadores químicos pela melhoria das suas condições de vida, podendo mesmo colocar em perigo as nacionalizações e todas as conquistas alcançadas pelos trabalhadores Portugueses após o 25 de Abril de 1974;

. Considerando que os trabalhadores das Empresas Públicas e Nacionalizadas como principais interessados, não foram ouvidos quanto à decisão do Governo em autonomizar os Processos de Contratação para essas Empresas;

Considerando que a Lei da Contratação em vigor é inconstitucional assim como toda a Legislação de Trabalho que o Governo venha a aprovar sem prévia consulta às organizações dos trabalhadores;

. Os Delegados Sindicais das Empresas C.U.F., FISIPE e TINCO reunidos em plenário, em 25 de Outubro de 1976, no Barreiro decidem:

. 1 - Manifestar o seu veemente repúdio pela anunciada decisão do Governo em autonomizar os Processos de Contratação para as Empresas Públicas e Nacionalizadas.

2 - Apoiar o seu Sindicato e a C.S.N. do C.C.T.V. para as Indústrias Químicas em todas as diligências que visem o combate desta medida antipopular do Governo.

3 - Exigir do Governo que os Processos de autonomização de Contratação só possam ser proferidos a requerimento, ou com prévio acordo do Sindicato ou Sindicatos representativos da maioria dos trabalhadores abrangidos.

4 - Exigir aos Órgãos do Poder o cumprimento da Constituição a qual determina que as organizações dos trabalhadores participem na elaboração da legislação do trabalho.

APROVADA POR UNÂNIMIDADE

Barreiro, 25 de Outubro de 1976

EXTERNATO
CICLO PREPARATÓRIO
CURSO LICEAL NOCTURNO

— ABERTAS AS INSCRIÇÕES —
(das 17 às 23 horas)
Av. Duque de Loulé, 71, 2.º — Telef. 40345

Nacional

Relações CEE-Portugal dependentes da nossa economia

«Ainda não houve formalmente um pedido de adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia» declarou Pierre Duchateau, director-geral das relações externas da comissão das Comunidades Europeias numa conferência de Imprensa, em Lisboa e após a reunião (a que presidiu) da Comissão Mista, anteontem e ontem na capital portuguesa. «A solidez do dossier económico português é um dos factores mais necessários, e o problema que condiciona o próprio futuro das relações entre a CEE e Portugal» salientou Duchateau.

Duchateau iniciou a sua conferência referindo «o acolhimento particularmente caloroso» que prova as boas relações que existem entre a Comunidade e o nosso país. Falando da reunião da Comissão Mista, o presidente da delegação da CEE revelou que ela foi consagrada ao exame do acordo assinada em 1972, considerando o seu funcionamento «satisfatório».

Acerca das medidas restritivas às importações, recentemente tomadas pelo Governo português tendentes a reduzir o défice da balança de pagamento, Duchateau afirmou serem compatíveis com o acordo Portugal-CEE, tendo a Comissão Mista reconhecido a sua necessidade, «apesar de — disse — haver o risco de se criarem dificuldades às exportações da CEE para Portugal». Todavia, Duchateau manifestou-se confiante em que «o plano económico português, a médio e a longo prazo, permitirá ultrapassar as dificuldades da economia portuguesa». Falando dos acordos recentes Portugal-CEE, o representante da Comunidade Económica salientou que eles «traduzem um melhoramento do regime das exportações portuguesas para a CEE» e contribuirão também para o crescimento da economia portuguesa, garantindo as relações futuras entre a CEE e Portugal.

Presente na conferência, que se realizou no Hotel Altis, o embaixador português na CEE, Sequeira Freira, esclareceu que os trabalhos da Comissão Mista não têm «uma relação formal e directa com a adesão de Portugal à CEE. Antes da visita do Primeiro-Ministro Mário Soares às capitais dos novos países do Mercado Comum não será dado nenhum passo formal do sentido da adesão» — acrescentou.

Ainda Duchateau: sublinhou o facto — raro — de a reunião ter tido lugar fora de Bruxelas. Mas — acrescentou — a reunião em Lisboa permitiu à delegação da CEE uma melhor compreensão dos problemas portugueses.

Sobre as possibilidades de ingresso de Portugal na Comunidade, Duchateau deu a entender que o pedido formal de adesão por parte do nosso país deverá ser recebido favoravelmente.

As visitas de Spares, às capitais dos nove países membros da CEE, que deverão preparar decisivamente o terreno, terá lugar provavelmente em Janeiro do ano que vem.

BOAS PERSPECTIVAS

No final da reunião foi divulgado um comunicado conjunto Comissão Mista-Portugal, resumindo os trabalhos e salientando que a Comissão Mista «constatou com satisfação que os procedimentos necessários para a entrada em vigor do acordo intercalar, assinado em 20 de Setembro último, foram concluidos por ambas as partes, tornando assim possível a aplicação, a partir de 1 de Novembro de 76, das disposições comerciais do protocolo adicional. Este texto, que inclui, entre outras, as disposições relativas à cooperação está actualmente a ser submetido aos necessários processos de ratificação, tal como o protocolo financeiro que dará continuidade à ajuda excepcional de urgência concedida a Portugal em Outubro de 1975. Enquanto estes dois protocolos não entrarem em vigor — acrescenta o comunicado — foi acordado começar o exame dos trabalhos preparatórios com vista à concretização da cooperação neles prevista».

O comunicado conjunto explica ainda que «as medidas conjunturais a que «Portugal teve de recorrer tal como a aplicação dos acordos recentemente concluidos com a comunidade, visam a recuperação da situação económica do país, elemento de importância para o desenvolvimento das relações entre as duas partes».

O comunicado termina dizendo que a «atmosfera excelente em que decorreram os trabalhos» deixa «presumir auspiciosamente das novas perspectivas que se abrem nas relações entre a Comunidade e Portugal».

Cooperação com a Venezuela

O dr. Rui Vilar, ministro dos Transportes e Comunicações, teve ontem conversações no Instituto de Comércio Externo com entidades venezuelanas abordando problemas concretos para a cooperação em campos específicos que permitam um estreitamento cada vez maior das relações entre Portugal e a Venezuela.

O ministro português sublinhou a necessidade de se materializarem estudos acerca das estruturas de funcionamento de sociedades mistas e sobre a cooperação técnica nos sectores que neste momento se apresentam como desejáveis e possíveis.

Os técnicos venezuelanos emitiram também parecer favorável quanto à viabilidade de a Venezuela exportar produtos não tradicionais para Portugal.

Problemas relacionados com a assistência técnica, a prospecção e exploração mineiras e ainda no plano da industrialização do sector pesqueiro foram incluidos nos temas das reuniões entre a delegação técnica e os responsáveis venezuelanos por esses ramos de actividade.

Parte da delegação deslocou-se entretanto à Guiana onde visitou instalações industriais, nomeadamente o complexo siderúrgico Sidor, uma fábrica de alumínios e a barragem do Guri.

Rui Vilar teve ontem uma longa sessão de trabalho com o ministro da Coordenação e Planeamento, dr. Gumerzindo Rodriguez, que possibilitou encontrar áreas muito concretas da possível cooperação luso-venezuelana no âmbito dos recursos humanos, da tecnologia e da actividade industrial e agrícola em geral.

Mais tarde o ministro português deslocou-se à sede da Confederação dos Trabalhadores da Venezuela, onde foi recebido pelo presidente, deputado José Vargas, e por outros membros directivos. Foram ali salientadas as razões de entendimento entre os dois povos e analisado o contexto e modalidades em que se pretende desenvolver uma emigração selectiva de mão-de-obra qualificada portuguesa para a Venezuela.

A delegação oficial esteve ainda na Federação das Câmaras de Comércio, Indústria, Minas e Agricultura da Venezuela onde era aguardada pelo respectivo presidente.

Lisboa e arredores com menos água até amanhã

Um comunicado, ontem distribuido pela Empresa Pública das Águas de Lisboa, informa que devido a uma importante avaria ocorrida na canalização elevatória de zona alta, à saída da Central dos Olivais da E. P. A. L., que motivou uma redução diária dos volumes produzidos em cerca de 70 mil metros cúbicos, zonas importantes de Lisboa e de alguns concelhos envolventes, irão ficar sujeitas a carências temporárias de água por todo o dia de hoje e parte de amanhã, até que a situação fique resolvida.

As carências serão sentidas sobretudo nas zonas altas da cidade.

Governo coloca SAAL na dependência das autarquias

Por despacho conjunto dos Ministérios da Habitação, Urbanismo e Construção e Ministério da Administração Interna, o processo SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local) passa a depender exclusivamente, a partir de agora, das autarquias locais que sobre ele exercerão controlo. O ministro Costa Brás criticou ontem a ineficácia do SAAL durante a cerimónia de posse do eng.º Mário José Costa Gomes Páscoa no cargo de Comissário do Governo na região de Lisboa, para a recuperação de zonas clandestinas e degradadas no âmbito da habitação.

Também no Porto e Faro tomaram posse, ao fim da manhã de ontem os comissários do Governo para a região Norte e para o Algarve, Licinio Rodrigues de Sousa e Humberto Almeida Carrapata, respectivamente.

Na sua crítica ao «SAAL» o titular da pasta interna afirmou que «1533 operações de recuperação ou construção estão em curso; mas, para tão parcos resultados, foram gastos cerca de 67 mil contos em salários e outras despesas e 230 mil contos foram entregues a moradores, cuja efectiva utilização e destino se impõe averiguar»; despenderam-se 2800 contos antes mesmo de passar à fase de construção; houve salários que ultrapassaram os 50 contos mensais».

O documento governamental citado prevê que as câmaras promovam a constituição de brigadas que actuarão de acordo com os planos de reconversão estabelecidos. Para isso as autarquias podem solicitar o apoio técnico e financiamento do Fundo de Fomento da Habitação e das direcções-gerais do Planeamento Urbanístico e do Equipamento Regional e Urbano.

Ensine o seu filho a poupar e a aumentar o dinheirinho dele.

Ele ainda é uma criança. Mas você quer que ele aprenda já a administrar os "tostões" que os avós, os padrinhos, os tios... e você mesmo, lhe dão. Deseja que ele adquira a noção de quando pode e não pode gastar dinheiro. E, sobretudo, que crie hábitos de poupança.

Isso depende de si. É para o pai que ele olha. Você é o "herói" que, acima de todos, ele admira. E que sonha emitar um dia. Você, é exemplo para ele. Ajude-o pois. Ensine-o a saber construir o futuro. O dele e o do País.

Aconselhe-o a defender o "mealheiro". Mostre-lhe como. Diga-lhe o que é a desvalorização. Explique-lhe o mecanismo dos juros. Faça contas com ele. Discuta as vantagens. E, depois, vá com ele comprar Obrigações do Tesouro.

Dia-a-dia, serenamente, faça do seu filho um cidadão responsável. Interessado. Participante na construção do futuro.

Ele fica a ganhar. É tempo de comprar Obrigações do Tesouro.

OBRIGAÇÕES DO TESOURO 1976
até 14 de Novembro

PUB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA HOTELARIA, TURISMO, RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL

ABRANGENDO

LISBOA, SANTARÉM, SETÚBAL, PORTALEGRE, ÉVORA E BEJA

Pátio do Salema, 4-2.º – LISBOA 2 – TELEFONE PPC 864176/77/78

ASSEMBLEIA DE DELEGADOS SINDICAIS

MOÇÕES APROVADAS

27 de Outubro de 1976

No dia 27 de Outubro de 1976, reuniu-se a ASSEMBLEIA DE DELEGADOS SINDICAIS, na Sede do Sindicato, com a presença de 194 Delegados Sindicais, tendo aprovado as seguintes Moções:

MOÇÃO

– Considerando que no dia 22 de Outubro todos os trabalhadores do nosso sector foram impedidos de exercer o seu direito de eleger os seus dirigentes sindicais;

– Considerando que a suspensão das eleições se deveu a uma decisão do Tribunal, tomada de uma forma unilateral, arbitrária e antidemocrática;

– Considerando que tal decisão constitui uma grave e clara ingerência no nosso Sindicato;

– Considerando que a fundamentação jurídica dessa decisão, assenta em dados falsos em pressupostos incorrectos, e é, no conjunto, uma fundamentação artificial que não resiste à mais pequena verificação;

– Considerando que o Presidente da Mesa da Assembleia Geral apenas foi notificado dessa decisão na véspera das eleições, ficando pois impossibilitado de requerer a tempo a sua anulação;

– Considerando que os órgãos de informação reaccionários e fascizantes, já três dias antes informavam de que as nossas eleições iriam ser suspensas ou anuladas;

– Considerando, pois, como certo, que todo este processo não foi mais do que uma manobra das forças políticas que pretendem a todo o custo meter cunhas na unidade e organização dos trabalhadores;

Os Delegados Sindicais, 194 Delegados Sindicais, reunidos em Assembleia de 27/10/76, decidem:

1.º – Denunciar a ingerência de determinadas forças políticas partidárias, através do aparelho de Estado (Tribunais), na vida do nosso Sindicato;

2.º – Denunciar a aprovação que curiosamente determinados elementos deram à decisão do Tribunal.

3.º – Avisar todas as listas concorrentes às eleições do nosso Sindicato, que independentemente do resultado das eleições não permitirão que no nosso Órgão de Classe, venham a ter assento elementos desde há muito conhecidos dos trabalhadores, como seus inimigos e como lacaios dos patrões.

APROVADA POR MAIORIA

MOÇÃO

– Considerando que o Presidente da Mesa da Assembleia Geral, embora tivesse considerado uma ingerência na vida do nosso Sindicato, a decisão do Tribunal em mandar suspender as eleições, teve o discernimento de, assumindo as suas responsabilidades, cumprir a ordem do Tribunal;

– Considerando que esta atitude, desarmando aquelas forças que forjaram todo o boicote às eleições, e procuravam o pretexto para a selagem do Sindicato, salvaguardou o próprio Sindicato e respectivas Secções;

– Considerando que devido à atitude correcta que assumiu o Presidente da Mesa da Assembleia Geral, é agora o alvo de ataques preferido pelas forças mandatárias dos patrões no seio dos trabalhadores;

Os Delegados Sindicais, 194 Delegados Sindicais, reunidos em sua Assembleia de 27/10/76, decidem:

– Reafirmar a sua total confiança na honestidade, capacidade e isenção do actual Presidente da Mesa da Assembleia Geral.

APROVADA POR MAIORIA

MOÇÃO

a) Considerando que a ofensiva generalizada do patronato e dos elementos da chamada «Carta Aberta» é deliberadamente no sentido de dividir o Movimento Sindical;

b) Considerando que a divisão do Movimento Sindical desde há muito é desejada pelo patronato, para mais facilmente recuperarem as empresas que ainda estão nas mãos dos trabalhadores;

c) Considerando que só dividindo o Movimento Sindical o patronato fará pagar aos trabalhadores a crise económica de que só eles são responsáveis;

d) Considerando que o patronato está a jogar tudo por tudo na divisão do Movimento Sindical, para se recusar a atender às reivindicações dos Sindicatos, ou sejam os Contratos Colectivos de Trabalho, nomeadamente o nosso.

PROPOMOS:

1.º Repudiar todas as manobras que visem a divisão do Movimento Sindical;

2.º Mantermos todos os trabalhadores alertados contra os elementos oportunistas e demagógicos, que tudo tentam para dividir o Movimento Sindical;

3.º Combater com todas as energias tudo o que seja impedir o reforço da UNIDADE DE TODOS OS TRABALHADORES.

VIVA A UNIDADE DE TODOS OS TRABALHADORES
VIVA A UNIDADE DO MOVIMENTO SINDICAL

APROVADA POR MAIORIA

MOÇÃO

– Considerando a necessidade de dar cumprimento à Constituição da República;

– Considerando que a conquista da Sociedade Socialista não será nunca alcançada sem a participação das massas laborais, únicos produtores da riqueza;

– Considerando que as recentes medidas do Governo têm retirado conquistas alcançadas pelos trabalhadores, levando-os, por isso, a iniciar o pagamento de uma crise que só aos patrões cabe pagar;

– Considerando que a Lei da Contratação é porta aberta à fuga dos patrões;

– Considerando os propósitos do Governo de legislar ou revogar leis sem ouvir os trabalhadores;

– Considerando o recente comunicado do Ministério do Trabalho da lei da cessação do Contrato de Trabalho que apenas irá levar milhares de trabalhadores para o desemprego;

PROPOMOS:

– Que sejam repudiadas todas as medidas antipopulares do Governo;

– Que seja cumprida a Constituição;

– Que nenhuma lei que diga respeito aos trabalhadores seja promulgada sem estes a terem debatido e pronunciado;

APROVADO POR UNANIMIDADE E ACLAMAÇÃO

MOÇÃO

– Considerando a avançada fascista na vida política nacional;

– Considerando que os pides estão praticamente todos em liberdade;

– Considerando que o ex-dirigente do MDLP António de Spínola está em liberdade completa;

– Considerando que a prisão do major Otelo Saraiva de Carvalho é uma cedência aos golpes de direita que visa o recuo ao 24 de Abril;

– Considerando o papel libertador que o major Otelo teve no 25 de Abril de 1974 levando ao derrube da ditadura fascista;

PROPOMOS:

– Que o Plenário de Delegados aprove esta Moção de repúdio contra o avanço da direita;

– Que o Plenário aprove uma Moção de repúdio pela prisão do major Otelo e exijam a sua imediata libertação e de todos os antifascistas presos;

– Que o Plenário aprove uma Moção exigindo o imediato julgamento dos pides e notórios fascistas, levando-os para a prisão.

CONTRA O AVANÇO DA DIREITA
CONTRA O FASCISMO
LIBERTAÇÃO DO MAJOR OTELO E DE TODOS OS ANTIFASCISTAS

APROVADA POR UNANIMIDADE E ACLAMAÇÃO

Nacional

NOTA OFICIOSA

Expropriações na área de Sines

Através da Secretaria de Estado da Coordenação Económica recebeu-se a seguinte nota oficiosa sobre expropriações na área de Sines:

«1 — Como é do conhecimento público encontra-se em execução o projecto de Sines numa vasta área que abrange a totalidade do concelho de Sines e parte do concelho de Santiago do Cacém.

«Desta área com cerca de 40 100 ha., definiu-se uma zona de expropriação sistemática com cerca de 21 900 ha., necessária para a execução da primeira fase do complexo de Sines, área esta cuja apropriação por parte da comunidade se tornou imperativa por dois motivos:

«a — Garantir uma correcta implantação do complexo urbano-industrial, com vista a assegurar-se um bom nível de qualidade de vida à grande massa de população a acolher.

«b — Garantir que os benefícios de execução do complexo recaíssem sobre toda a comunidade, eliminando toda e qualquer espécie de especulação nas transacções de terrenos, pois que estes forçosamente sairiam altamente valorizados à custa de investimentos públicos maciços, cuja previsão neste momento ascende já a cerca de 31,6 milhões de contos, para além dos investimentos, igualmente maciços e de natureza pública, nas unidades industriais.

«2 — A vasta área de implatação do complexo, à data da criação do G.A.S. podia caracterizar-se a traços largos em três pontos essenciais:

«a) — As actividades principais para ambos os concelhos eram as que se agrupavam no sector primário, com dominância absoluta da agricultura e silvicultura, acrescida da pesca para o caso de Sines.

«b — Como indicador da situação económcio-social em que viviam as populações da área bastará referir que no decénio 1960-70 se registaram as seguintes diminuições de população residente: concelho de Santiago do Cacém: — 22 por cento, concelho de Sines: — 15 por cento.

«c) — Junto à faixa litoral assistia-se ao nascimento, ainda incipiente, de uma indústria turística, a que se associava já um florescente negócio de especulação de terrenos, através do loteamento clandestino de áreas sem aptidão para a construção urbana, a exemplo, aliás, do que ocorria um pouco por toda a costa litoral portuguesa, ou um pouco mais para o interior junto a locais onde se previa a execução de grandes empreendimentos nacionais, como por exemplo junto à zona de implantação do futuro aeroporto em Rio Frio.

«3 — Atentos os prazos impostos ao G.A.S. para o arranque das primeiras unidades industriais surgiram, como é natural problemas sociais de difícil resolução. É pacífico afirmar-se hoje, que toda a mudança ou alteração do «statu quo» social, é feita à custa de um sem-número de dificuldades, sentidas pelas pessoas envolvidas no processo. Na área de Sines para muitas pessoas, a mudança teve que ser forçosamente radical, pois que esta em muitos casos implicava o abandono de hábitos ancestrais.

«4 — O problema das expropriações entronca no acima exposto, agravado pela exploração emocional de problemas que alguns aproveitam com a finalidade de tentar paralisar a execução do projecto de Sines.

«Para tal têm-se utilizado os estratagemas dilatórios mais diversos que causam graves prejuízos ao erário público, quer através do pagamento de indemnizações por obstrução ilegal à execução de trabalhos programados, quer através de pagamentos mais elevados aos empreiteiros, por revisões de preços a que legalmente têm direito por atrasos na sua execução.

«Desta situação decorrem adiamentos no arranque de unidades industriais em contrução que para além de impedirem a criação de novos empregos poderão acarretar prejuízos da ordem das centenas de milhares de contos mensais.

«A gravidade de uma tal situação poderá ser ilustrada com o caso da Petroquímica: esta unidade, uma vez montada, se vier a ficar impedida de funcionar devido à falta de qualquer das infra-estruturas que a servem, originará um prejuízo mensal, de 200 000 contos.

«Ainda, neste caso, pode afirmar-se desde já, que para além de outros prejuízos a encarar, como sejam o da sabotagem de três máquinas avaliadas em 11 000 contos, foi necessário adjudicar a execução de uma obra de 5345,6 contos, necessária para se tentar recuperar o atraso na execução dos trabalhos relativos à albufeira de Morgavel, imprescindível para garantir o abastecimento de água aquela unidade industrial.

«5 — Tendo em vista a situação atrás descrita, vem a Secretaria de Estado da Coordenação Económica manifestar publicamente o seu empenhamento em:

«a) — Completar a execução do programa de expropriações tal como previsto, pois que do total de cerca de 21 900 ha. de área de expropriação sistemática, econtram-se já na posse e propriedade do Estado cerca de 14 000 ha.

«b) — Processar criminalmente os que comprovadamente agirem contra os interesses nacionais.»

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA HOTELEIRA E SIMILARES DO DISTRITO DE FARO

REVOGAÇÃO IMEDIATA DA LEI DOS DESPEDIMENTOS

COMUNICADO

Foi a Direcção deste Sindicato surpreendida com novo clausulado sobre a lei dos despedimentos, que consideramos um atentado ao direito ao trabalho.

Que pretende o Governo com os denominados processos **«ORAIS E SUMÁRIOS»?** Impedir ou recusar a legítima defesa dos trabalhadores, ou será que a defesa dos mesmos se fará com esta nova lei que só favorece os senhores da CIP e CAP. Será também que os trabalhadores foram ouvidos como repceitua a Constituição, para se publicarem essas leis, que são um atentado às conquistas do povo trabalhador deste país?

Queremos deixar bem vincada a nossa posição quanto a este assunto.

Não admitimos em qualquer empresa abrangida por este Sindicato, o despedimento, sem que previamente seja instaurado o processo disciplinar, conforme determina a cláusula 20.ª do C.C.T. para a Hotelaria e Similares.

Camaradas, tomemos consciência da gravidade da lei dos despedimentos. A nossa unidade nos locais de trabalho, pode e deve constituir uma forte barreira em defesa de uma causa pela qual todos nós nos batemos desde o tempo do fascismo.

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS

ABAIXO A RECUPERAÇÃO CAPITALISTA

EM FRENTE PELA DEFESA DA CONSTITUIÇÃO

REVOGAÇÃO IMEDIATA DA LEI DOS DESPEDIMENTOS

Faro, 26 de Outubro de 1976

A DIRECÇÃO

Trabalho

SINDICATO DA FUNÇÃO PUBLICA

Inaceitável o horário proposto pelo Governo

. A actual Direcção (CDRP) do Sindicato da Função Pública tomou posição ante a notícia de que o Governo aprovara uma proposta de lei, a submeter à Assembleia da República, institucionalizando o horário mínimo de 40 horas no sector.

Considera nomeadamente a CDRP:

. «Uma vez mais, o Governo, ignorando o Dec.-Lei 59/76 e a Constituição, não ouviu os trabalhadores, através das suas estruturas representativas, sobre o assunto, para eles de extrema importância e gravidade. Porém, os trabalhadores da Função Pública construiram já o seu Sindicato e não consentirão que este seja marginalizado na discussão dos problemas que a todos nós dizem respeito».

Historiando os contactos havidos entre o Governo e os delegados sindicais, recorda a CDRP que o secretário de Estado da Administração Pública entregou, para discussão junto dos trabalhadores em Agosto passado, um projecto de decreto que, mantendo o actual número de horas, fixava a semana de trabalho em cinco dias e permitia aos funcionários a escolha de um entre quatro horários-tipo fixos. Este processo de consulta foi na altura contestada pela CDRP, pois a Secretaria de Estado avisara ao mesmo tempo que o decreto seria presente ao Conselho de Ministros nos próximos dias. «Se a anterior forma de consulta fora condenável — acrescenta a CDRP — a actual atitude do Governo aprovando, menos de um mês depois, uma proposta de lei substancialmente diferente da anterior já distribuida aos trabalhadores e na qual, nomeadamente, agrava em mais de 10 por cento o horário de trabalho é não só condenável como, a todos os títulos inaceitável».

Fora previsto em tempos do VI Governo Provisório, que considerava haver «excedentes» na Função Pública, o envio de trabalhadores para a inactividade com 60 por cento do vencimento. «Como conciliar — pergunta a CDRP — esta existência de «excedentes» com a necessidade de agravamento de horário?».

Outras perguntas formuladas terão decerto direito a resposta por parte dos órgãos do Poder. Algumas delas são formuladas pela CDRP do modo que segue:

. «A grande maioria dos ministérios e serviços continua por reestruturar, encontrando-se na sua maior parte em situação não muito diversa da existente em 25 de Abril de 1974 ou ainda pior.

«A reparação de injustiças e a reclassificação dos trabalhadores (demagogicamente anunciada em véspera de eleições) continua por fazer.

«Neste quadro, que alcance terá semelhante medida do ponto de vista do necessário aumento de produtividade dos serviços? Que intuitos, que não sejam meramente demagógicos e divisionistas, poderão justificá-la?

«A situação salarial dos trabalhadores (cujo último reajustamento, em Maio de 1975, foi já totalmente absorvido) é absolutamente incomportável face ao aumento do custo de vida que entretanto se verificou e continua a verificar-se. A distância em relação aos outros sectores, público, nacionalizado e privado, acentua-se cada vez mais, em vez de progressivamente diminuir (não esquecer que o horário da banca e dos seguros é de menos de 36 horas e de muito mais escudos semanais).

«Na altura em que os trabalhadores da Função Pública começam a reivindicar um novo e justíssimo aumento salarial, em que os órgãos do Poder (Presidente da República, 1.º Ministro e ministro da Administração Interna) reconhecem já a necessidade de aproximação entre os salários da Função Pública e os dos sectores público, nacionalizado e privado, de há muito por nós reivindicado, que significado poderá ter a decisão do Governo ao baixar em mais de 10 por cento os vencimentos da maioria dos trabalhadores (aumento de 4 horas semanais?».

O comunicado da CDRP conclui:

. «Os trabalhadores da Função Pública têm já o seu sindicato. Querem um sindicato forte na defesa dos seus interesses e na melhoria das suas condições de vida, que lute desde já por um justo e urgente aumento salarial. Não aceitarão, na actual situação, qualquer agravamento de horário».

NA MADEIRA

Construção Civil há 13 dias em greve

. Entrou hoje no 13.º dia a greve geral dos trabalhadores da construção civil da Madeira, enquanto prosseguem os contactos entre o Governo local e representantes sindicais e patronais.

Os trabalhadores, que pretendem o estabelecimento do ordenado mínimo de 5750 escudos, do décimo terceiro mês e dos 30 dias de férias, afirmaram ontem aos representantes do Governo a sua determinação de prosseguir a luta.

Os grevistas têm recebido muitos telegramas de apoio de outros sindicatos e de organizações políticas e está prevista para a próxima semana uma distribuição de géneros alimentícios aos trabalhadores mais necessitados.

Entretanto, uma manifestação ontem realizada, no Funchal e anunciada no «Jornal da Madeira» como sendo dos trabalhadores da construção civil, foi repudiada pelo Sindicato deste sector, que afirmou tratar-se de «uma manobra para dividir os trabalhadores».

«Essa manifestação — disse o presidente do Sindicato, Diamantino Alturas — foi convocada sem consulta prévia ao Sindicato, por uma organização política que ninguém conhece».

Entretanto, a partir das zero horas da próxima segunda-feira, entram em greve os motoristas dos sectores de transportes colectivos de turistas, serviços de aluguer e excursões.

A decisão dos trabalhadores que tomam agora o caminho da greve, poderá ter consequências muito graves para o turismo madeirense (33 por cento da economia regional).

Também os empregados de armazém do distrito do Funchal anunciaram que entrarão em greve para o mês que vem, não tendo embora indicado a data. Desde Agosto que aguardam a revisão do seu Contrato Colectivo de Trabalho e a posição ultimamente assumida pela Associação Industrial e Comercial do Funchal foi considerada, pelos trabalhadores, «insatisfatória».

Uma outra greve, esta a partir de terça-feira: a das bordadeiras, cujo C.C.T. caiu num impasse desde 1 de Maio, data em que se deveria ter procedido à respectiva revisão.

A greve das bordadeiras será uma greve progressiva, inicialmente com uma paralisação do trabalho por duas horas diárias.

RODOVIÁRIOS

Sindicalistas vão a tribunal

Os dirigentes do Sindicato dos Transportes Rodoviários do distrito Porto afirmaram ontem, em conferência de Imprensa que o processo que decorre contra os sindicalistas acusados do furto de um táxi é um processo «nitidamente político, um episódio mais da luta de classes, prova do avanço das forças da reacção». Foi contraposto à tese do furto do táxi o argumento de que se tratou verdadeiramente da apreensão de um carro colocado em autogestão, para dar trabalho a dois desempregados. Recorde-se que os acusados no processo que decorre são dois dirigentes sindicais e um motorista, contra os quais fora passado mandado de captura.

Os dirigentes do sindicato salientaram a gravidade deste problema no contexto das empresas em autogestão alertando os trabalhadores das 700 empresas nessas condições para a «hipótese remotissima» de a acusação vir a ser aceite e confirmada pelo tribunal, abrindo-se «um precedente de graves repercurssões laborais e sociais».

O direito à greve

Um projecto de lei sobre o direito à greve foi ontem apresentado à mesa da Assembleia da República pelo grupo parlamentar do Partido Comunista Português. O projecto estabelece as linhas da regulamentação, incluindo várias normas de garantia do exercício efectivo daquele direito, nomeadamente a proibição da substituição dos trabalhadores em greve, o direito de formar piquetes e a proibição de discriminação fundadas no exercício do direito.

Empresas têxteis em crise à espera de uma política

. Os elevados encargos financeiros resultantes do baixo capital social, a deficiente organização técnica e descapitalização das empresas em favor da aquisição de bens ou gastos pessoais dos patrões «são os principais elementos responsáveis pelos prejuízos nas empresas do sector têxtil», conforme foi afirmado ontem durante uma conferência de Imprensa dada no Sindicato dos Trabalhadores Têxteis do Porto por uma vintena de delegados sindicais e membros de comissões de trabalhadores de empresas que se encontram em graves situações. Outros aspectos agravantes da situação presente foram apontados: falta de crédito para aquisição de matéria-prima, entraves postos à importação de máquinas essenciais e matérias-primas, as burocracias governamentais e, muito em especial os entraves da banca.

Por isso os trabalhadores perguntam: para quando uma definição clara do Governo sobre o futuro destas empresas, onde paira a ameaça do desemprego para mais de 6000 trabalhadores, apesar de muitas delas terem viabilidade económica? á processos de algumas empresas que se arrastam há quase dois anos e, enquanto os trabalhadores são obrigados a correr de um ministério para outro, nada se resolve.

À reunião com a Imprensa estiveram presentes representantes de empresas cujo pedido de intervenção estatal não foi aceite (FERTEX, VALFAR e GADOR), empresas intervencionadas (CIFA, Abel Alves de Figueiredo e POLIFIX) e um representante da cooperativa têxtil de confecções (ex-CITROFA) cujo único problema é falta de definição jurídica, já que os trabalhadores conseguiram recuperar a empresa após o abandono do patrão.

O caso mais dramático será, porventura, a situação da GADOR cujos 180 trabalhadores não recebem salários desde Julho, apesar das promessas constantes do patrão, encontrando-se parados há cerca de duas semanas.

Na FERTEX (Rio Tinto) a situação é também bastante crítica, estando várias secções completamente paradas por falta de matérias-primas. Nas outras secções, a produção é de 20 por cento apenas. «A curto prazo, se não houver uma solução rápida, a empresa paralisará totalmente e os trabalhadores não têm hipótese de verem os seus salários assegurados. Foi pedida a intervenção estatal ao abrigo do Decreto 422/75, mas as burocracias do costume não deixaram que qualquer solução fosse tomada». Como já noticiámos, o patrão da FERTEX abandonou as instalações da firma em 3 de Maio deste ano, limitando-se a assinar documentos e cheques. A banca, que dá todas as facilidades à entidade patronal, «recusa-se a tratar o problema com outras pessoas, nomeadamente os membros da CT que tomaram em mãos a gestão da empresa».

Por outro lado, na INATÊXTIL, cujo patrão, Alexandre Pinheiro, é o presidente da Federação Nacional dos Industriais de Vestuário e secretário da CIP, estão em perigo de desemprego os seus 170 trabalhadores.

O passivo é superior a 20 mil contos e a situação da firma é agravada por trabalhar a feitio. «Existe uma baixa de produção por falta de trabalho ou matérias-primas, causadas fundamentalmente por problemas de descrédito na administração da empresa por parte da banca e dos fornecedores».

EMPRESAS INTERVENCIONADAS

Quanto às empresas intervencionadas, foi afirmado que «contra aquilo que os nossos governantes têm tentado fazer crer ao País, elas não são um prejuizo para a economia nacional». E mais: «A nossa experiência mostra que desde que se verifique o mínimo de condições, os trabalhadores e técnicos seus aliados são capazes de fazer recuperações».

É curioso referir, por exemplo, o caso da Abel Alves de Figueiredo (Santo Tirso), onde «o principal problema é a indefinição jurídica, porque as outras questões têm sido resolvidas com a iniciativa e o poder criador dos trabalhadores, apesar de todos os entraves à concessão de crédito e das burocracias dos departamentos governamentais e serviços alfandegários». Os salários estão em dia e, depois da intervenção, foram pagos 5 mil contos que o patrão ficara a dever aos trabalhadores, foram aumentados os postos de trabalho, reestruturaram-se alguns sectores, diminuiram-se os prejuízos e foram feitos investimentos no valor de 2 mil contos.

Na CIFA, por outro lado, «depois de um estudo feito pela administração, que se demitiu por falta de apoio do Governo que representava, nada se sabe». O relatório feito há meses e que abre perspectivas para o futuro da firma encontra-se desde então nos ministérios respectivos, enquanto os trabalhadores esperam a nomeação dos novos gestores.

Na «Polifix» (Águas Santas, Maia) os 75 trabalhadores, que têm feito um trabalho notável, esperam também a definição do futuro da empresa. Os salários estão em dia, criaram-se novos postos de trabalho e foram pagos os débitos a alguns fornecedores e até mesmo juros dos débitos da antiga administração, que abandonou a empresa. Foi feita uma proposta de fusão com a fábrica de confecções Jacinto. A resposta, porém, ainda não chegou.

Na reunião foi aprovada uma moção de repúdio pela ausência da RTP.

PUB.

SINDICATO TÊXTIL DE COIMBRA
SINDICATO VESTUÁRIO DE COIMBRA
SINDICATO LANIFÍCIOS,
(Delegação de Coimbra)

Reunião Geral Trabalhadores Sector Têxtil (abrangendo têxteis, algodoeiros, lanifícios, malhas e vestuário, tapeteiros e cordoeiros, importadores e exportadores têxteis)

Em Coimbra, no INATEL, Rua António Granjo, n.º 6, dia 31 – domingo, às 14 horas. Com a presença da comissão negociadora sindical.

a) Análise, discussão e decisões a tomar perante a recusa do patronato em negociar o contrato único e vertical para todo o sector;

b) Outros assuntos.

Seja qual for a tua profissão e o sindicato que te represente desde que sejas trabalhador no sector têxtil, **não faltes, não faltes**.

Somos 30 000 em luta pelo CCT Vertical e Único.
CONTRA A MISÉRIA E BOICOTE DOS PATRÕES!
UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

Pela Direcção do Sindicato Têxtil
Pela Direcção Vestuário
Pela Direcção Lanifícios

NOVA SOVENDO
AGENTE CITROËN
Av. Infante Santo, 15 A/C - Telf.: 607117 - Lisboa
AGENTE CITROËN

Estrangeiro

Jimmy Carter (Partido Democrático)

Eugene McCarthy, candidato independente

ELEIÇÕES NOS E.U.A.

O democ e o indep

Três artigos, publicados em «Le Monde», dão uma achega para a compreensão de duas personalidades em foco na campanha eleitoral para a presidência dos E. U. A.: Jimmy Carter, o candidato democrático e favorito na corrida, e Eugene McCarthy, independente, liberal, derrotado, desde já, mas importante pela brecha que pode abrir no sistema bipartidário norte-americano. A personalidade

A "irresistível ascensão" de Jimmy Carter

LOUIS WIZNITZER

Louis Wiznitzer, correspondente do *Monde* em Nova Iorque e nas Nações Unicas, esboça um retrato um tanto inquietante de Jimmy Carter no seu livro «A Irresistível Ascensão». O próprio título recorda o de uma peça de Bertolt Brecht consagrada... a Hitler. Segundo o autor, Carter será um «grande presidente» mas poderá exigir em sistema de Governo um «novo autoritarismo», graças à lenta «despolitização» do país e ao declíneo dos dois grandes partidos tradicionais. *Carter poderá tentar governar sem dar contas a ninguém, e, como conseguiu tocar a psique americana mais do que qualquer dos seus predecéssores, e ainda porque parece compreender melhor as possibilidades que o sistema oferece (de passar da República para o Império no quadro das instituições e aparentemente sem mudar nada), talvez ele venha a ser o Octávio americano, primeiro imperador — embora sem título — dos Estados Unidos.*

O eterno sorriso e as doces maneiras do candidato sulista não devem iludir ninguém, Carter sabe admiravelmente «infantilizar» o seu público. Embora tenha conseguido *reconciliar os americanos consigo próprios*, lisongeando o velho fundo moral do país, ele nem por isso é um «anjo». *Disciplina de ferro, manha, rancor, gosto pela luta, ausência de sentido do humor. Estas palavras sugerem, no entanto, mal, a capacidade de levar uma existência espartana, o ardor inflexível, a vontade indomável, a determinação implacável, o favor moral que visivelmente formam o seu carácter.*

A campanha que em 1970 permitiu a Carter tornar-se governador da Geórgia, é reveladora. Em 1966 recusara dar golpes baixos e fora batido. Em 1970 mudou de método. Como o seu adversário nas «primárias» democratas era apoiado pelos negros e pelos liberais, Carter procurou auxílio á sua direita. *No «Sul mais profundo» as posições racistas exprimem-se em política numa linguagem codificada. Certos gestos, certas omissões, certos lapsos* fizeram acreditar aos partidários do «poder branco» que Carter era dos seus. Foram distribuídos panfletos anónimos que arrastavam o seu adversário pela lama, devido a ligações pessoais que teria com os negros. Carter também procurou o auxílio da Imprensa. *Foi aquilo a que os americanos chamam «a dirty campaign»* (uma campanha suja).

Logo que foi eleito governador, Carter deu uma reviravolta brusca que Louis Wiznitzer compara à do general de Gaulle com os partidários da Argélia francesa. *O tempo da discriminação racial terminou... Nenhum pobre, nenhum trabalhador agrícola, branco ou preto, deverá ser privado da possibilidade de se instruir, de obter um emprego, de beneficiar da justiça*, afirmava o novo governador da Geórgia no seu discurso inaugural, que surgiu aos seus eleitores mais racistas como uma «traição». É dessa reviravolta espectacular que data o início da celebridade nacional de Carter: a Imprensa descobriu nele o «novo Sul» liberto dos demónios tradicionais do racismo e da corrupção. Essa mudança política e ideológica acompanhava um fenómeno económico e demográfico fundamental: *A deslocação do centro de poder do arco industiral e financeiro antigo» (o Este e o Midle West) para o «arco ensolarado» (nono Sul, Sudoeste e Oeste)*.

O balanço da acção de Carter na Geórgia é fortemente positivo. Numerosos negros foram por ele momeados juízes ou altos funcionários. As prisões quase medievais da velha Geórgia e os hospitais psiquiátricos foram humanizados. As despesas do Estado não foram decerto reduzidas, como o antigo governador pretende, e se o número das diversas agências e comissões do Estado passou de trezentas para vinte e duas, o certo é que muitas delas só existiam de modo fictício e não custavam nada ao Estado. Mas nem por isso Carter deixou de merecer a alcunha de «Mr. Clean» (Senhor Limpo», que é uma marca de detergente).

O antigo governador da Geórgia chegou na boa altura, como um produto que convém à sua clientela e que é valorizado por um «Marketing» excelente. Os americanos, cansados dos homens políticos tradicionais, não estavam à espera de ideias novas mas de um tom diferente. A *irresistível ascenção* do candidato sulista pode parecer uma «usurpação» aos velhos caciques democratas, membros do Congresso, presidentes das grandes cidades do Norte industrial e da costa Leste. Ela cristalizou, na realidade, uma necessidade difusa da opinião. Resta saber se, como Louis Wiznitzer parece recear, César não surgirá em breve sob a sorridente máscara do prégador baptista de Plains.

©LE MONDE

Um livro d

Why not the best foi publicado em 1975 nos Estados Unidos. A obra contém duas partes de interesse muito desigual: uma autobiografia que ilumina um homem que se apresenta a si próprio como **camponês, engenheiro, oficial de marinha, físico nuclear, cristão, americano** e uma declaração de intenções de carácter vago e moralizador.

A descrição que Carter faz da sua infância em Plains (Geórgia) tem um indiscutível perfume de autenticidade e constitui um curioso documento sociológico sobre o «profundo Sul» antes da Segunda Guerra Mundial. Na herdade familiar dos Carter um operário agrícola ganhava um dólar por dia. As mulheres só recebiam 75 cents e as crianças 25 cents por um dia de trabalho nos campos. Carter lembra com ternura uma vida campestre ex-

Walter Mondale e Jimmy Carter, a dupla cuja subida em flecha na opinião do eleitorado faz prever uma vitória no escrutínio do dia 2, embora por escassa margem

Estrangeiro

rata endente

de Jimmy Carter é de tal modo controversa que até o circunspecto «Monde» cede à tentação da ficção política, apresentando como hipótese — remota mas possível — que Carter vá esmagar a República das listas e das estrelas e estabelecer na outra borda do Atlântico um Império cópia ainda do modelo inaugurado por Octávio.

le Carter

tremamente rude. Sem contar com os grandes trabalhos dos campos **havia sempre um pátio para varrer, madeira para cortar ou para arrumar, água que era preciso tirar à bomba, ovos que tinham que se ir buscar à capoeira, criação para tratar**... Mas havia também as noites passadas junto ao rio à espreita do peixe, caçadas, passeios a cavalo. Todas essas actividades eram compartilhadas com as crianças negras, mas na escola e na igreja a segregação era total. **Todos observavam escrupulosamente essas regras não escritas mas totalmente subentendidas. Nunca ouvi ninguém pô-las em causa**, escreve Carter.

O respeito parece ser o traço dominante do jovem. Tem-no pelo pai (**era o meu melhor amigo**), pela escola naval de Annapolis onde foi admitido em 1942, pelo almirante Hyman Ryckover (**o engenheiro naval mais competente e inventivo de todos os tempos**). Em 1953 Carter tem de escolher entre uma carreira de oficial e a herdade familiar. Foi, no fundo, um conflito entre dois modelos: o almirante Rickover e o pai. Carter resolve voltar a Plains, mas não dá a verdadeira razão que é, no entanto, a mais verosímil: a carreira militar era incompatível com as suas ambições políticas.

Carter foi de início mais feliz na herdade e com um pequeno negócio de comercialização de amendoins, do que como político. Em 1966 foi batido na eleição para o lugar de governador da Geórgia, por Lester Maddox, dono de um restaurante e que se celebrizara por impedir de varapau na mão, a entrada dos negros no seu restaurante. Carter só seria eleito Governador em 1970. A luta entre os dois homens prosseguiu, visto Maddox ser candidato do American Independent Party, pequena formação de direita, para a eleição presidencial...

O livro começa e acaba com considerações morais: **Será possível ao nosso governo ser honesto, sincero, directo, equitativo e generoso?**, pergunta Carter. Os eleitores americanos mostrarão, a 2 de Novembro, se «o homem de Plains», com as suas promessas de nunca mentir e as suas **relações pessoais com Jesus Cristo** terá conseguido convencê-los.

© Le Monde

O regresso de Eugene Mc Carthy

ALAIN CLÉMENT

MADISON (Wisconsin) — O antigo senador do Minnesota, Eugene Mc Carthy, o homem que em 1968 ousou, em nome da paz no Vietname, disputar a candidatura democrática ao presidente Johnson, saiu de um longo retiro político a fim de participar no escrutínio de Novembro. A 9 de Outubro, em Madison, capital desse Wisconsin onde a 2 de Abril de 1968 ele ganhava nas primárias do Estado o número recorde de 56 por cento dos sufrágios, ele reuniu uma espécie de «convenção» dos seus **supporters**, entre os quais havia um grande número de estudantes do campus local que lhe fizeram um acolhimento entusiástico.

Como o tema dominante da sua actual campanha é o de que Carter não vale muito mais do que Ford, de que não há muito mais a esperar dele do que do actual presidente, Mc Carthy tinha de se distinguir através de um gesto espectacular. Cortando com a tradição, anunciou em Madison que confiaria o Pentágono e o departamento de Estado a uma só pessoa, Terry Sanford, antigo governador da Carolina do Norte. Disse também os nomes dos principais membros do seu eventual gabinete. Levando ainda mais longe a antecipação, assegurou que apresentaria os professores David Riesman, de Harvard, e Herbert Reed, da universidade negra de Howard (situada em Washington), à sucessão dos dois juízes do Supremo Tribunal, cuja idade e estado de saúde motivariam decerto uma substituição nos próximos quatro anos. Um candidato americano à presidência dava pela primeira vez a conhecer a sua equipa, em vez de concentrar em si próprio as luzes da publicidade e o ardor das populações.

É, de facto, uma tentativa original. Claro que Mc Carthy não tem ilusões acerca das suas possibilidades de entrar na Casa Branca, e os meios de que dispõe são irrisórios se os compararmos com os que tinha em 1968. A Comissão federal de Controlo Eleitoral — organismo novo cuja actividade está ligada ao financiamento das campanhas presidenciais pelos fundos públicos, reforma profunda dos costumes políticos americanos que entrou este ano em vigor — reduziu mais ainda as possibilidades legais de Mc Carthy abrir os cofres aos generosos doadores favoráveis à sua causa. A 14 de Outubro a Comissão declarou que, visto a campanha do antigo senador se apoiar num «movimento» e não num partido propriamente dito, ela não poderia receber contribuições financeiras privadas superiores a 1000 dólares. O empreendimento de Mc Carthy também não poderá ter um reembolso parcial das suas despesas, se tiver um número de 5 por cento dos votos no escrutínio de Novembro, assim como não poderá pedir, nos próximos quatro anos, subsídios federais, no caso de obter um quarto dos sufrágios expressos.

É significativo o facto de os democratas da comissão de controlo terem sido unânimes em pôr Mc Carthy na posição e ideota político, enquanto que os republicanos lhe teriam reconhecido de boa vontade todas as vantagens da lei. Mc Carthy incomoda os primeiros. Muitas vezes teve de falar semanas inteiras para que a sua candidatura fosse oficialmente admitida nos trinta Estados que finalmente a aceitaram. As formalidades continuam a arrastar-se no Estado de Nova Iorque.

Embora a sua campanha seja discreta, não pode esquecer-se a personalidade de Mc Carthy, e ele pode mesmo custar alguns votos a Carter. Lembremos que, nas eleições primárias de 1968, o senador Mc Carthy teve um número de votos que equivale a 38 por cento dos eleitores democratas. Nas primárias de 1972, ano em que praticamente se absteve de entrar na liça, mais de quinhentos mil eleitores ainda o preferiram ao candidato que estava mais bem colocado. Se a 2 de Novembro, a competição entre Ford e Carter é bastante forte, Mc Carthy, cujas armas preferidas são a ironia indolente e o diletantismo poético, poderia muito bem pôr o seu grão de areia no mecanismo cada vez mais enferrujado do bipartidarismo americano.

McCarthy durante a campanha presidencial de 1968, em que foi o n.º 1 no «ticket» democrata derrotado por Nixon

Uma sondagem do instituto de opinião Lovis Harris, atribui 6 por cento dos sufrágios a esse «terceiro homem» fora do comum, que vai «estragar» o duelo Ford-Carter em nove Estados importantes.

© LE MONDE

TORM LINES

Para:

BARCELONA—ALGER
MALTA—MERSIN
e ALEXANDRIA

n/m «TORM ALICE»
em 13 de Novembro

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES S. A. R. L.
Praça Duque de Terceira, 4 Tel. 36 60 00 / 36 22 66
Lisboa 2 Portugal

Estrangeiro

"Maioria negra" na Rodésia é "slogan" com muitos anos

..«Desde há vinte anos que a Grã-Bretanha se esforça por conseguir uma transição pacífica para um governo de maioria africana na Rodésia sob dominação branca, último território colonial em África em que os britânicos retinham ainda alguma dose de responsabilidade directa. Essa transição é agora certa e foi aceite, pela primeira vez, pelo chefe do Governo rodesiano, Ian Smith. Todavia, ainda que a natureza pacífica da transição seja possível, isso não quer dizer que esteja garantida» — eis o que escreve Harold Hutchinson, correspondente diplomático e «free lancer» do «London Press Service».

O que levou os dirigentes rodesianos à aceitar o que anteriormente haviam afirmado que nunca aceitariam? A Grã-Bretanha já há muito o tinha previsto. Os Estados Unidos também o haviam previsto e a própria República da África do Sul, notória pela sua política racial, tinha-o também. «A maioria negra era como um **slogan** numa parede. Smith sem dúvida que forçosamente teria de reparar nele».

Historiando, afirma Harold que «a Grã-Bretanha conseguira há muitos anos uma transição pacífica para a independência das suas colónias africanas. Mas a Rodésia parecia um caso impossível de resolver. A Rodésia do Norte tornara-se independente, formando a República da Zâmbia — e o território vizinho, a Niassalândia, ascendeu também à independência formando o Malawi. Mas o cerne da resistência branca a todo o processo britânico de transferência do poder por acordo mútuo veio a concentrar-se na Rodésia do Sul, naquela parte do território que os nacionalistas africanos designam por Zimbabwé. É possível que essa resistência fosse inevitável. Os colonos brancos, cerca de dois terços deles britânicos, tinham muito simplesmente procurado transformar metade da Rodésia numa outra Inglaterra encracada no coração da África».

(...) «A maioria dos primeiros colonos teve de enfrentar todos os árduos obstáculos que em toda a parte os pioneiros sempre encontram: muitos falharam. Mas o prémio do êxito era alto. A Rodésia desvendou-se rica em minérios, atraindo os técnicos de minas e os capitais, exigindo vias férreas, abrindo a via às indústrias. A agricultura desenvolveu-se — e as herdades escoavam para os Estados vizinhos os excedentes alimentares...».

Acentua Harold Hutchinson que «a população branca cresceu até ao quarto de milhão. A população africana subiu também para seis milhões, mas ficando confinada a metade do território e com um dos índices de natalidade mais altos do mundo. Ao longo de todos estes anos, a Grã-Bretanha foi pressionando os rodesianos brancos a aceitarem as realidades da vida política, isto é, que fossem abrindo caminho à maioria negra. (...)Mas em vez de aceitar esta realidade, a Rodésia declarou-se independente da Grã-Bretanha em 1965. Uma intervenção militar da Grã-Bretanha não era necessária (...) As circunstâncias se encarregariam de imprimir o rumo à história, tal como vai acontecer...»

(Condensado de um artigo de Harold Hutchinson para o «London Press Service».)

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES SERVIÇOS PORTARIA, VIGILANCIA, LIMPEZA E ACTIVIDADES SIMILARES

(antigo Sindicato dos Contínuos e Porteiros)

COMUNICADO N.º 92 LISBOA, 26.10.76

CONVOCATÓRIA

Assembleia Geral Eleitoral

CAMARADA

Ao abrigo da alínea a) do Artigo 3.º e do Artigo 4.º do Regulamento Eleitoral dos dos Estatutos do Sindicato, convocamos a Assembleia Geral Eleitoral para o próximo

dia 15 de Dezembro (quarta-feira)

Nota — O Horário e as Assembleias de voto serão anunciados, ao abrigo da alínea b) do Artigo 14 do Regulamento Eelitoral até 8 dias antes desta data.

CAMARADA

Informa-te do Regulamento Eleitoral.
Participa na vida sindical.
O Sindicato é o que os trabalhadores quiserem que ele seja.

SAUDAÇÕES SINDICALISTAS
PEL'A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

a) O Presidente — José Vale Dantas

CALENDÁRIO DO PROCESSO ELEITORAL

Para um teu melhor conhecimento a seguir definimos o calendário eleitoral à luz dos prazos dados pelo Regulamento Eleitoral dos Estatutos do Sindicato.

Dia 15 Dezembro — ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL

DATA	*MOMENTO DO PROCESSO ELEITORAL*
Até 15 Novembro (2.ª feira até às 19 h.)	APRESENTAÇÃO DE LISTAS AO PRESIDENTE DA MAG NA SEDE CENTRAL LISBOA
15 Novembro (2.ª feira)	AFIXAÇÃO NA SEDE CENTRAL E NAS DELEGAÇÕES DOS CADERNOS ELEITORAIS
16 Novembro	CONSTITUIÇÃO DA COMISSÃO ELEITORAL E COMEÇO DA CAMPANHA ELEITORAL
Até 25 Novembro (5.ª feira)	APRESENTAÇÃO DE RECLAMAÇÕES AOS CADERNOS ELEITORAIS AFIXADOS
Até 7 Dezembro (3.ª feira)	COLOCAÇÃO À DISPOSIÇÃO DOS ASSOCIADOS DOS BOLETINS DE VOTO
Até 10 Dezembro (6.ª feira)	CONSTITUIÇÃO DAS MESAS QUE VÃO PRESIDIR À ASSEMBLEIA ELEITORAL
14 Dezembro (3.ª feira)	FIM DA CAMPANHA ELEITORAL
15 Dezembro (4.ª feira)	ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL
Até 18 Dezembro (sábado)	POSSÍVEL IMPUGNAÇÃO DA ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL

Será exigida a identificação a todos os eleitores mediante a apresentação do cartão de sócio ou bilhete de identidade.

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

José Vale Dantas

EXTERNATO SÉNECA

COOPERATIVA DE ENSINO E CULTURA

Curso Liceal – Ciclo Preparatório

MANHÃ • TARDE • NOITE

AV. ALMIRANTE REIS, 73 - 1.º E 2.º — LISBOA - 1
Telefone 4 00 92 (METRO ANJOS)

—— ABERTAS AS INSCRIÇÕES ——

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

A TODOS OS TRABALHADORES TÊXTEIS

C. C. T. ÚNICO E VERTICAL

CONVOCATÓRIA

REUNIÃO GERAL DE TRABALHADORES DO SECTOR TÊXTIL DA ZONA SUL

(abrangendo Algodoeiros, Malhas, Lanifícios, Vestuário, Tapeteiros, Cordoeiros, importadores e exportadores Têxteis)

Convocam-se todos os trabalhadores do sector, seja qual for a sua profissão e o Sindicato que os representa para uma REUNIÃO GERAL DE TRABALHADORES, que terá lugar no **Instituto Superior Técnico — Lisboa, dia 1 de Novembro, às 14.30 horas,** com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

1 — ANÁLISE, DISCUSSÃO E DECISÃO DAS POSIÇÕES A ASSUMIR E DA PROPOSTA DE LUTA DA COMISSÃO SINDICAL NEGOCIADORA PERANTE A RECUSA DOS PATRÕES EM NEGOCIAREM O C.C.T. ÚNICO E VERTICAL.
2 OUTROS ASSUNTOS.

NOTA: Esta reunião será dirigida pela Comissão Sindical Negociadora.

— PELO C.C.T. ÚNICO E VERTICAL PARA O SECTOR TÊXTIL.
— POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA.
— PELA UNIFORMIZAÇÃO DOS CONTRATOS COLECTIVOS DE TRABALHO DO SECTOR.

NÃO FALTES!

SOMOS 300 000 EM LUTA
E UNIDOS E ORGANIZADOS, VENCEREMOS!

Pel'A COMISSÃO SINDICAL NEGOCIADORA
(Assin. ilegível)

Hoje, às 20.30 e 22.30 h.
Domingos e feriados «Matinée» às 16 h.
Quarta-feira: Descanso da Companhia

5.º MÊS!

ÚLTIMAS!

Restaurante 7 MARES

PORTIMÃO

De 1.ª categoria

Aberto das 12.30 às 15 e das 19.30 às 24

COZINHA PORTUGUESA

No Bar: pianista privativo

Encerrado às 2.as feiras

ORGANIZAÇÕES FERNANDO BARATA

AMORTECEDORES

Reparo e Reconstruo todas as marcas, com garantia
MENDES Tel. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A (Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE dos amortecedores «J. M.»
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B (A Benfica)

Estrangeiro

Agostinho Neto reforçado numa Angola socialista

LUANDA, 30 (ANOP, F e «DL») — A decisão de transformar o MPLA num partido operário marxista-leninista até ao final de 1977, o estabelecimento das bases para o lançamento de um verdadeiro socialismo e a reafirmação de coesão em torno do presidente Agostinho Neto, são, em linhas gerais, os pontos mais importantes definidos no termo do plenário do Comité Central do Movimento Popular para a Libertação de Angola, que se havia iniciado no passado dia 23.

Em dois textos, aprovados por unanimidade, o «Programa de Acção» e a «Resolução Geral», o plenário do CC do MPLA afirma que «o único caminho que permite a instalação da democracia popular é o socialismo científico de Marx, Engels e Lénine». Deixando de lado a expressão «socialismo africano», o texto do «Programa de Acção» refere-se,, sem equívocos, à liquidação do sistema de exploração do homem pelo homem. A «Resolução Geral» determina, nomeadamente, que o governo da República Popular de Angola seja remodelado, sendo atribuídas ao Presidente da República as funções de chefe do governo, que até agora eram exercidas pelo primeiro-ministro. Mais: estabelece, que um congresso do MPLA deverá reunir-se no terceiro trimestre do próximo ano, destinado, fundamentalmente, à criação de um «partido de vanguarda da classe operária».

Entretanto, uma das decisões mais importantes contidas na «Resolução Geral», e que demonstra o reforço da união em torno do presidente da R.P.A., é a supressão dos minstérios da Informação e do Interior, afectos à chamada «facção Nito Alves», que se opunha às directrizes de Agostinho Neto, e que desta forma foi politicamente isolada.

O «Programa de Acção» definido pelo plenário do C. C. do MPLA enumera as principais tarefas a realizar, com vista à reconstrução nacional e à instauração da democracia popular. Entre elas, figuram, nomeadamente: a realização do processo de libertação nacional e social, pela recuperação de todas as riquezas do país em benefício do povo; a dinamização do planeamento no sector económico; a organização do sector estatal da economia; a submissão do sector privado a um rigoroso controlo; o desenvolvimento das forças produtivas do país; a solução dos problemas de alimentação, saúde e educação; a reintegração, no sector nacional, dos refugiados que saíram de Angola; a restruturação do aparelho de Estado e a modernização das suas estruturas; a transformação das FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola) num exército nacional moderno; a organização de um partido de vanguarda da classe operária; o desenvolvimento das organizações de massas; a instalação de órgãos do Poder Popular ao nível de todo o país; a criação de escolas de formação política.

Num plano geral, o «Programa de Acção» aponta ainda para a elevação do nível geral das massas, melhoria do conteúdo da Imprensa escrita e falada, alargamento da Televisão a todo o país; liquidação do tribalismo, do regionalismo e do racismo, preservação das línguas nacionais, mantendo-se o Português como língua veicular, proibição de filmes que façam a apologia da sociedade de consumo e o desenvolvimento do desporto.

Contando com enormes dificuldades resultantes do sub-desenvolvimento; do alto índice de analfabetismo,do saque colonialista e doabandono a que diversas regiões foram votadas, na actual fase de reconstrução nacional a tarefa principal em Angola será o reactivamento da indústria e da agricultura, com o necessário fortalecimento da aliança entre os operários e os camponeses. O presidente Agostinho Neto, que leu o comunicado da reunião na sua sessão final, definiu ainda, em linhas gerais, a política externa de Angola, que desenvolverá acima de tudo, as suas relações com os países socialistas, continuando a manter uma prática de não-alinhamento.

Apesar da informação oficial distribuída à Imprensa no final do encontro ser um tanto resumida fica claro, entretanto, a importância de todas as resoluções para a consolidação e reforço da Revolução Angolana, vitoriosa após enfrentar anos de guerra, boicotes e conspirações internacionais.

Aostinho Neto, presidente da República Popular de Angola que, de acordo com as resoluções do plenário do Comité Central do M. P. L. A., passa também a exercer as funções de primeiro-ministro

Conferência sobre Rodésia recomeça dentro de dias

GENEBRA, 30 (F e «DL») — Terminou ontem a primeira fase da conferência de Genebra sobre a Rodésia (Zimbabwe) com a exigência solene por parte dos chefes nacionalistas de que o poder seja transferido para a maioria negra. Ivor Richard, o embaixador britânico presidente da conferência, classificou esta fase inicial como «encorajadora».

Disse ainda, ao sair do Palácio das Nações, que as conversações recomeçarão, certamente na próxima terça-feira, quando será abordado o cerne da questão.

A manhã de ontem foi consagrada à leitura das respectivas exposições das partes presentes na conferência. O primeiro-ministro rodesiano Ian Smith disse que estava em Genebra «com um espírito realmente sincero», para aplicar o plano anglo-americano com vista a um acordo. Entretanto, os nacionalistas rejeitaram esta plataforma considerando-a como uma mera base de negociação.

As posições dos representantes nacionalistas são assim bastante diferentes da de Smith. Robert Mugabe, o «homem forte do nacionalismo africano», propôs que a conferência fixe um prazo definitivo para a independência de Zimbabwe, no máximo para dentro de um ano. Joshua Nkomo acentuou que o objectivo da conferência não era mais do que «transferir o poder para o povo de Zimbabwe, através do governo colonial do Reino Unido. O bispo Muzorewa disse que havia ído a Genebra «para tomar posse de Zimbabwe», e lançou um apelo para a realização de eleições por sufrágio universal, antes da instauração de um governo provisório que conduzirá à aplicação da «regra da maioria». Enquanto isso, a agência Tass voltou a denunciar o plano anglo-americano para um acordo na Rodésia como um «projecto que substituia a libertação real por uma ficção» e que, na prática, mais não é do que a salvaguarda do poder nas mãos da minoria branca e racista.

PARA DESANUVIAR A TENSÃO

Madrid restaura privilégios de províncias bascas

MADRID, 30 — (R.) — O governo espanhol agiu ontem à noite no sentido de desanuviar a tensão na agitada região basca ao restaurar privilégios quanto a impostos e o controlo sobre a polícia local em duas províncias daquela área.

Um comunicado oficial dizia que o Guipuzcoa e a Biscaia, as duas principais províncias bascas, verão devolvidos esses privilégios, que lhe foram retirados pelo falecido generalíssimo Franco por terem apoiado os republicanos na guerra civil espanhola.

Observadores madrilenos consideram a medida como uma tentativa do Governo de revelar a sua disposição de conceder, pelo menos, certo grau de autonomia a favor da qual os bascos faziam uma campanha de agitação, frequentemente com efusão de sangue.

Embora não fossem anunciados mais detalhes e a decisão do gabinete tenha ainda de ser ratificada formalmente pelo rei Juan Carlos, ela significa que os habitantes das duas províncias pagarão menos impostos do que o resto da Espanha.

As duas províncias recuperarão também o controlo sobre forças de polícia locais e municipais, embora o controlo sobre organizações como a guarda civil e a polícia de choque continue a pertencer a Madrid.

Observadores notaram que a decisão do Governo abriria também caminho a uma possível visita do rei Juan Carlos à região basca.

O movimento separatista mais militante da região é a ETA, que tem estado empenhado numa campanha incluindo assassínios, raptos e atentados bombistas.

ÊXITO DA VISITA DO REI A FRANÇA

PARIS, 30 — (ANOP) — A visita oficial de três dias a França de Juan Carlos, que terminou na noite de sexta-feira, foi um êxito — consideram tanto o lado francês como o lado espanhol.

Ao fim de meio século sem visitas mútuas ao mais alto nível, a estada de Juan Carlos, embora não tenha fornecido resultados muitos concretos, criou, ao que se julga, um clima novo.

O presidente da República francesa, Valéry Giscard D'Estaing, efectuará brevemente uma visita oficial a Espanha — confirmou pessoalmente Juan Carlos no decurso de um encontro informal com os jornalistas espanhóis.

Capa de gelo em Marte oculta pela poeira

WASHINGTON, 30 — (ANOP) — A era glacial em que Marte se encontra pode ter começado há cerca de 500 milhões de anos e durar ainda outro tanto, segundo a opinião de alguns dos cientistas do projecto «Viking».

Os cientistas norte-americanos têm poucas dúvidas quanto ao facto de que enormes correntes de água cobriram Marte, algures no passado, embora não estejam de acordo quanto à sua causa, duração e periodicidade.

Os geólogos do projecto crêem que Marte atravessa eras glaciais periódicas como a Terra onde se registam cada 40.000 ou 50.000 anos.

Porém, outros peritos que conceberam alguns dos instrumentos das naves «Viking» pensam que a presente era glacial é muito mais antiga e que praticamente será o estado permanente do planeta.

Uma das descobertas do projecto Viking foi a existência em Marte de uma capa de gelo superficial, quase totalmente coberta por uma camada de poeira depositada pelos fortes ventos marcianos e que por isso não é visível.

Os cientistas da Viking chamaram a esta capa superficial mas não visível de gelo «permafrost».

Para o dr. C. Barney Farmer, do Laboratório de Propulsão a jacto de Pasadena, Califórnia, onde está instalado o centro de controlo da missão Viking, a formação desta capa de «permafrost» está ligada a violentas erupções dos vulcões de Marte.

Caleidoscópio

BERLIM, 30 — (F.) — Registaram-se ontem importantes alterações na equipa dirigente alemã oriental.

Assim, Erich Honecker, secretário-geral do Partido Comunista (SED), foi eleito pela Câmara do Povo (Parlamento) presidente do Conselho de Estado (Presidência da República) da RDA, substituíndo nestas funções Willi Stoph, que regressa ao seu antigo cargo de primeiro-ministro, ocupado até agora por Horts Sindermann.

MOSCOVO, 30 — (ANO) — O Soviete Supremo orgão legislativo supremo da União Soviética, aprovou ontem por unanimidade, o plano económico quinquenal e o orçamento nacional para o próximo ano.

PEQUIM, 30 — (R.) — Três dos dirigentes radicais chineses saneados foram demitidos oficialmente dos seus cargos na administração de Xangai, a maior cidade do País, e substituídos «por «individualidades praticamente desconhecidas, segundo revelou rádio Pequim.

CAIRO, 30 — (ANO) — Fontes policiais do Egipto revelaram que morreram quatro pessoas e ficaram feridas 38 durante o acto eleitoral que decorreu anteontem no país para a eleição da Assembleia Legislativa.

NICE, 30 — (ANO) — Albert Spagiari, detido como suspeito de implicação no assalto à delegação de Nice do banco Societé Générale, confessou ter planeado o assalto que rendeu dez milhões de dólares — anunciou a polícia francesa.

Tribunal Judicial da Comarca de ALENQUER

ANÚNCIO

Proc.º n.º 21/75 — Secção 1.ª

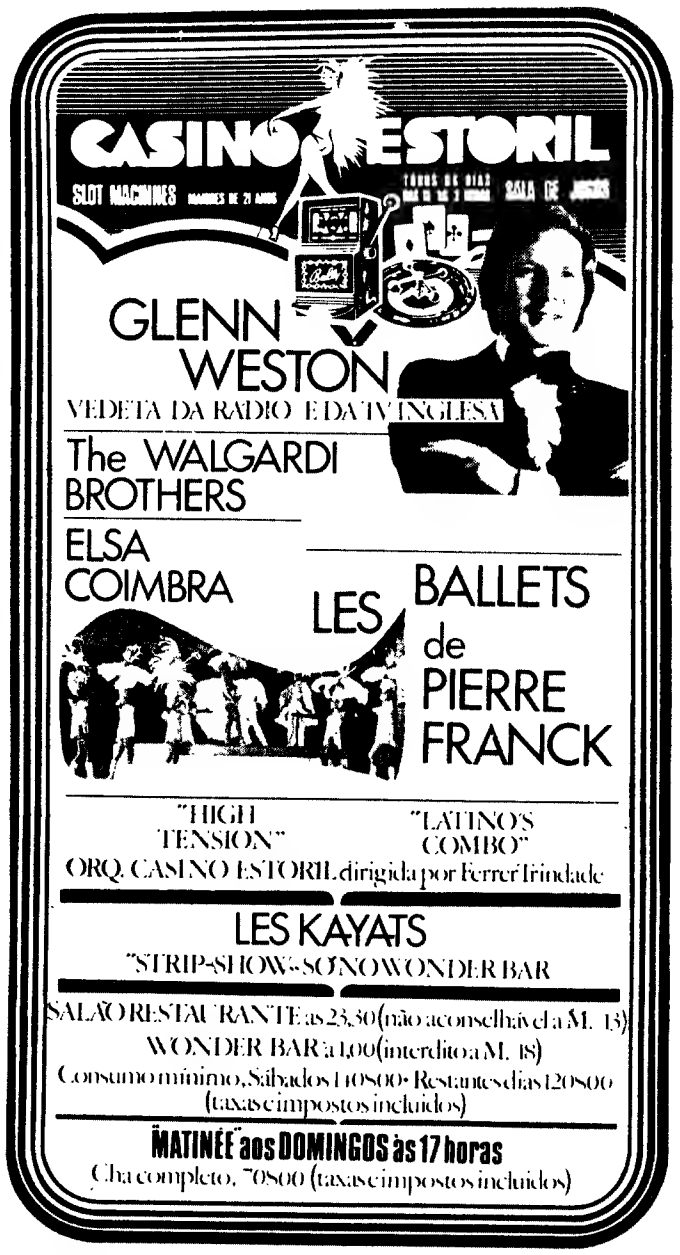
Nos autos de Acção especial de justificação para reatamento de trato sucessivo nos termos do art.º 218.º e seguintes do Cód. Reg. Predial, pendentes na 1.ª Secção de Processos deste Tribunal de Alenquer, em que é autora E. P. A. L. — Empresa Pública das Águas de Lisboa e réus Herdeiros de José Augusto Valador, é citada a ré FAUSTINA VALADOR que também usa FAUSTINA DA CONCEIÇÃO VALADOR, com a última residência conhecida na Rua Almirante Gago Coutinho, 22, r/c., esquerdo, em Moscavide, e agora ausente em parte incerta, para no prazo de DEZ DIAS finda que seja a dilação de TRINTA DIAS que começa a contar da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, vir aos autos dizer, por simples requerimento, se o prédio descrito na Conservatória do Registo Predial de Alenquer sob o n.º 27 363, a fol. 144 do Livro B-70 e inscrito na matriz da freguesia de Triana sob o art.º rústico 21 (4/60) e 833 urbano, ainda lhe pertence.

Alenquer, 21 de Outubro de 1976.

O Juiz de Direito
Rui de Sá Mesquita Tavares

O Escrivão, int.º
(Assin. ilegível)

CusCus
ESPECIALIDADE ÁRABE
JANTE TODOS OS DIAS A PARTIR DAS 20 E 30 NO
BONAPARTE — Rua de S. Miguel, 70 — ALFAMA
Telef. 872761



JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

CONCERTOS POPULARES

Domingo, 31 de Outubro de 1976 às 17 h.

AUDITÓRIO DO PAVILHÃO DE CONGRESSOS

ESTORIL

CONCERTO

ADÁGIO PESTANA — TROMPA
OLGA PRATS — PIANO
ARTUR MOREIRA — CLARINETE

Obras de: **Schumann, Berg, Copland, Mozart, Bozza, Saint-Saëns, Busser** e **Wigy**

Preço único: 15$00

OS BONECREIROS

C. C. Z. O. L.

REPRESENTAM

FARSA DE INÊS PEREIRA
DE
GIL VICENTE

ANTES DO ESPECTÁCULO ACTUARÃO OS

SEGREIS DE LISBOA

ÀS 15.000 e ÀS 21.30 HORAS

R. António Maria Pais, 6
Moscavide — Tel. 2515007

TEATRO ABERTO
grupo 4
O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO
de bertolt brecht
encenação JOÃO LOURENÇO
não acons.
De 3.ª a 6.ª feira às 21.15
Sábado, também às 15.30
DOMINGO SÓ ÀS 16 h
ÚLTIMAS

TEATRO / telef. 366745
ABC
2 SESSÕES
Às 20.30 e 22.45 horas
Domingos e Feriados «matinée» às 16 horas

UMA GRANDE E SENSACIONAL REVISTA.

«CADA COR SEU PALADAR»

Com **Hermínia Silva, Nicolau Breyner, Ribeirinho, Vera Mónica, Vítor Mendes, Lourdes Lima**

Aviso: Dia 1, Feriado Naciona, Matinée às 16 h

4.ª feira, descanso da companhia
Não acons. m. 18 anos

Espectáculos

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"Os gladiadores do século XXI" de Norman Jewison

Um jogo original para futurismo pouco consistente

FICHA:

Título original: Rollerball
Realização: Norman Jewison (USA-1975)
Argumento: William Harrison
Fotografia (panavision-technicolor): Douglas Slocombe
Supervisão musical: André Previn
Cenários: John Box
Montagem: Anthony Gibbs (e Brian Smedley-Aston «para a «Multivisão»)
Interpretação: James Caan (Jonathan E.), John Houseman (Bartholomew), Maud Adams (Ella), John Beck (Moonpie), Moses gunn (Cletus), Pamela Hensley (Mackie), etc.
Distribuição em Portugal: Rank
Cinemas: S. Jorge e Star
Classificação: Não aconselhável a menores de 18 anos
Duração: 129 minutos

A ficção científica, forma particular da corrente fantástica é um género já com largas tradições no cinema. Não é pois impunemente que um realizador se lança num género que das trucagens balleticas de Kubrick (2001) à sábia utilização da luz e sombra de Godard (**Alphaville e Anticipação**) já explorou o **écran** e o som em múltiplas direcções.

Daí que a fascinação, hoje, já não passe por uma primária espantação do espectador face a efeitos mas por um rigor na manipulação dos materiais e até por uma necessária contenção.

Rollerball (que alguém, em dia «inspirado», resolveu chamar **Os gladiadores do século XXI** em lusa língua) sofre, à partida, de um evidente equívoco: tendo um **achado** (a concepção do jogo Rollerball, espécie de fusão do futebol americano, com patinagem, luta livre e motos a ajudar), Norman Jewison resolve falar da sociedade no seio da qual o jogo se pratica mas não tendo dessa sociedade uma clara cocepção. Daí o facto de **Rollerball** nos surgir como um filme onde só as sequências do jogo têm um relativo impacto enquanto o resto aparece mais ou menos como uma manta de retalhos com uma muito fraca consistência e pouca originalidade. Talvez por isso, ou pela extemporânea revelação do mistério que cerca o herói (Jonathan E., campeão durante dez anos de Rollerball), revelação aliás de muito relativa verosimilhança, a inquietação é algo que só pontualmente se ergue do **écran**. Também a utilização «futurista» de **décors** reais (como o estádio olímpico de basquetebol de Munique, adaptado a pista para o filme, ou os edifícios da BMW de Munique) ou a criação de elementos de «estranheza» (como o computador líquido que mais parece um candeeiro de **design** à venda na Avenida de Roma) são no mínimo falhadas. E aqui, de novo, o problema é o mesmo: falta de rigor na manipulação dos materiais.

Se me é permitido citar comparações (coisa sempre perigosa) veja-se por exemplo como Godard, apenas com cenários vulgares da França dos anos 60, cria a tal inquietação: pela cor e pelo som em **Anticipação**, pela luz/sombra e ainda pelo som (veja-se a voz do Alpha 60) em **Alphaville**.

Resta por último falar da ideologia. Numa sociedade onde ninguém parece trabalhar (todos se reduzem a jogadores e espectadores do Rollerball a administradores e a mulheres rotativas) onde portanto a diferenciação entre classes é obscura, salvo a primária separação entre dirigentes e dirigidos, a resposta a um evidente estatuto de opressão é o individualismo. Para além do facto absurdo de uma sociedade autocrática pretender fomentar colectivismo (como o filme aponta) não é a resposta do herói, catalizador de massas, que nalgum caso funciona. No cinema, como na vida, a projecção colectiva num indivíduo privilegiado não é jamais um factor de liberdade.

"tambores na noite" continua em cena

O Teatro da Cornucópia continua a levar à cena a peça de Bertold Brecht, «Tambores da noite», que tem vindo a apresentar desde o mês passado. Na segunda-feira haverá mais um espectáculo no Teatro do Bairro Alto, à Rua Tenente Raul Cascais, 1-A, Lisboa. A peça tem encenação de Jorge Silva Melo e cenografia de Cristina Reis.

QUINZENAS MUSICAIS

QUINZENA DA MÚSICA FRANCESA

LISBOA — Sábado — 15.00 horas

TEATRO SÃO LUIZ

CONCERTO «NON-STOP»

Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Portuguesa
Coro do Teatro Nacional de S. Carlos
Silva Pereira (Maestro) **Michel Beroff** (Piano)
Franco Pezzullo (Clarinete)

MÚSICA E CÂMARA

Adriano Jordão (Piano)
Regina de Vasconcelos (Piano)
José Oliveira Lopes (Canto)
Coral Vértice **Cantus Firmus**
Quarteto de Cordas de Lisboa
Grupo Solistas das O. R. D. P.

Obras de **Debussy, Dukas, Messiaen, Poulenc, Ravel, Fauré** e **Música Francesa da Renascença**

Organização da **Radiodifusão Portuguesa** e **Secretaria de Estado da Cultutra**

Colaboração entre outros da **Direcção-Geral do Turismo**

Recital de música no Estoril

Realiza-se, às 17.00 horas, mais um recital integrado na série de concertos populares que à Junta de Turismo da Costa do Sol vem efectuando no Pavilhão de Congressos do Estoril.

Neste recital tomam parte os artistas Artur Moreira (clarinete), Adácio Pestana (trompa) e Olga Prats (piano), bem conhecidos do nosso público.

A primeira parte será preenchida com obras para clarinete e piano de Schumann, Alban Berg e Aaron Copland, sendo deste último o concerto para clarinete que o compositor dedicou ao grande clarinetista norte-americano Benny Goodman. Será executada a redução para clarinete e piano, feita pelo próprio Copland.

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

FUTORABOLAS

O futebol regressou em forma de paleio. Com os mesmos participantes da mesa-redonda anterior: Alfredo Farinha, David Sequerra, Alves Teixeira. A quem pertencerá a responsabilidade da decisão, ignoro-o. Pronto, já tomei nota no meu canhenho: neste País altamente futeboleiro, só há três pessoas que percebem da poda. (Alves dos Santos: você não acredita nisso, pois não? Por que é que embarca no jogo? Nem se diga que *depois* virão outros. Destes já não se devia ter repetido a dose. Bastara a emissão anterior).

Bom. Eis-nos comprometidos com *os superiores interesses do futebol* (brrrr!, isto tresanda a linguagem pré-histórica). Ficamos a saber que o futebol, etc. Que o futebol juvenil, etc. Sem falar no futebol das reservas, etc.

Claro que há o problema dos clubes. Alguém será capaz de imaginar os sacrifícios dos dirigentes dos clubes? A eles se deve tudo, através deles os juvenis têm camisolas, têm botas, têm bolas. Os dirigentes, esses incompreendidos, esses caluniados, esses ignorados, esses perseguidos. *Monumento ao dirigente desconhecido* não foi proposto. Mas lá chegaremos, se Alfredo Farinha continuar a depor.

Para o desenvolvimento do futebol profissional a caminho do socialismo, o treino é de grande importância. Assim como a acção e a influência dos árbitros. Sem falar, está claro, na influência e na acção dos jornalistas desportivos. Não deveremos esquecer a condição física. A carga, por exemplo. A carga com o ombro é muito importante, é mesmo fundamental. A carga com o ombro tem de ser «mais viril, mais europeia».

Na minha opinião, muitos outros elementos intervêm fortemente na qualidade do futebol profissional. A madeira das balizas, por exemplo. Está provado que a madeira com nós modifica a trajectória das bolas. Deve ser bem rija, pois o futebol é um jogo duro dentro das regras, evidentemente.

Outro factor: a relva. Há que atender à altura (não ultrapassar os 30 centímetros) à cor (que será o verde, embora técnicos holandeses afirmem que tingida de violeta daria maior novidade e atracção aos coiros) e à consistência, que em caso nenhum deverá ser a dos caules lenhosos, como sucede em tantas matas, perdão!, em tantos campos do País.

Também não se deve perder de vista a vedação dos campos. Indicava-se, em vez do arame galvanizado, o ferro forjado de tão belas tradições no artesanato português. Conhece-se a importância da moldura na avaliação do conteúdo da obra de arte.

Finalmente, o apito do árbitro. Este não pode, não deve ser, tendo em vista «os superiores interesses do futebol» nem o rugido que faça tremer, nem o estridulo que faça enervar, nem o histericulo que faça rir. O apito do árbitro deve repetir, quando assoprado, as primeiras notas de *É uma casa portuguesa, com certeza*. Assim será tranquilizante, patriótico e turístico, a caminho da Europa.

Espero que, para a semana, Farinha, Teixeira e Sequerra não se esqueçam de discutir estas bases, tão importantes para o entendimento da crise do futebol profissional.

PATXI UMA VOZ VIVA

Patxi Andion, disse-se ontem pela voz do locutor de serviço que era *uma voz arrojada* de Espanha. Digamos que uma voz viva, e por diversas formas. Que transporta consigo uma importante lição: a qualidade ao serviço da liberdade. Não é preciso sacrificar aquela para mais facilmente se chegar ao coração do povo. Acrescentarei: muito pelo contrário. Porque na realidade, em circunstâncias muito especiais, se se pode chegar mais depressa, também se pode morrer mais cedo.

Patxi esteve há pouco tempo em Portugal. O Monumental foi demasiado pequeno para conter os admiradores do cançonetista. Ficaram fora tantos ou mais como lá dentro. Democraticamente, ter-se-ia colocado um altifalante para o exterior. Mas ainda não chegámos a esses apuros.

Além de cantar, Patxi falou. Pouco, mas falou. Algumas palavras, ouvimo-las ontem. Outras, não. Razões haverá, certamente, e algumas delas respeitáveis. Lembremo-nos que a Espanha, segundo dizem certos amigalhaços dela do Mercado Comum, está «a caminho da democracia». Mas enquanto caminha ou não caminha, muita coisa pode acontecer a quem não acredita nas vias para a democracia impostas pelo franquismo, mesmo póstumo...

Patxi ontem recordou de que maneira directa e pessoal se encontra ligado ao Povo Português.

Em 1968 encontrava-se em França, com três amigos bascos exilados. Os tempos eram difíceis, dada a instabilidade social. Eles tinham fome e não sabiam onde abrigar-se. Foi então que dois portugueses repartiram com eles do seu pão e da sua casa.

Por isso, e por outras coisas, é que, em 25 de Abril de 1974, bebeu sozinho uma garrafa de espumoso. Ele que nem é grande apreciador de álcool...

Com esta apresentação a pessoa de Patxi Andion começa a revelar-se. A sua qualidade artística, essa, só ouvindo-o. Procure fazê-lo, amigo leitor. Não ficará desiludido. Patxi possui na sua voz um riquíssimo instrumento de expressão, de uma extraordinária maleabilidade. No seu espectáculo, o rigor e a capacidade de imaginação (a lição do jazz vem à superfície a cada instante) aliam-se notavelmente.

Desse espectáculo quatro elementos são os principais: a interpretação, a qualidade das canções de Patxi, quando isso falha eu diria que falha o essencial.

De todos estes elementos nos deu conta a emissão, no entanto com prejuizo para a compreensão dos poemas. Nas canções de Patzi, quando isso falta eu diria que falha o essencial.

Algumas pessoas pensam que o castelhano é coisa mui simples, todos entendem, aquilo é quase o português dito de uma certa maneira, etc., etc. Alguns que pensarão assim tombam em situações verdadeiramente caricatas.

Por exemplo: Julho passado esteve por aí um fabiano espanhol, ministro ou coisa parecida. O repórter Luís Alberto Ferreira fez-lhe a perguntagem em castelhano; o tal, em castelhano respondeu. E do que um e outro disseram não foram prestadas contas em português. Quer dizer: ao espanholito, homem letrado, concedia-se o direito de não entender a nossa língua, mas os milhões de nós devíamos obrigatoriamente entender a dele...

Impunha-se, portanto, a legendação das canções de Patxi. O processo nem era inédito. O que, por não ter sido utilizado, nos levará à conclusão de que a vontade da RTP para entendermos integralmente o grande cançonetista basco, não seria por aí além. Pena.

Talvez esse desejo acorde um dia na Televisão portuguesa. Então será bom conviver-mos novamente com Patxi Andion.

MARIA VITÓRIA

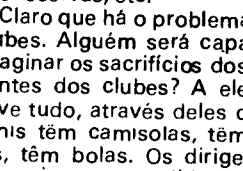
● TELEF. 36 17 40 ●

HOJE E TODOS OS DIAS ÀS 20.30 e 22.45 H.

O MAIOR ACONTECIMENTO TEATRAL I
UM ÊXITO ENORME I
A NOVA PLURALIREVISTA

O BOMBO DA FESTA!

Não ac. M/18 anos



Um grande espectáculo com
SALVADOR
e IVONE SILVA
HENR. SANTANA
LYGIA TELLES
As atracções
Fátima Caldeira e Yukie
e, ainda,
Carlos Gonçalves, Herman José, Igor Sampaio, Luís Mário e Odete Antunes
à frente de um grande elenco
e de um Corpo de Baile Internacional
Aos domingos e feriados «Matinées» às 16 H.

AVISO:
2.ª Feira, Dia 1 (Feriado Nacional)
HÁ ESPECTÁCULOS
«Matinée», às 16 horas
2 sessões: às 20.30 e 22.45 horas
(O descanso será 3.ª Feira, 2)

teatro do bairro alto

R. Tenente Raúl Cascais 1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05

HOJE ÁS 21.30 H
2.ª FEIRA, DIA 1
ÀS 18H

HÁ ESPECTÁCULO
3.ª FEIRA, DIA 2, FOLGA

A PARTIR DE DIA 12
«ALTA AUSTRIA»
de F. X. KROETZ

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS DO DISTRITO DO PORTO

SECÇÃO DE SANTO TIRSO

REUNIÃO DE TRABALHADORES DO SECTOR TÊXTIL (Abrangendo Têxteis, Algodoeiros, Lanifícios, Malhas, Vestuário, Tapeteiros, Cordoeiros, importadores e exportadores Têxteis)

Em Santo Tirso, no dia 31 de Outubro (Domingo)
às 09.30 horas, no ginásio da Escola Industrial e Comercial de Santo Tirso

ORDEM DE TRABALHOS:

A) — ANÁLISE, DISCUSSÃO E DECISÕES A TOMAR PERANTE A RECUSA DO PATRONATO EM NEGOCIAR O CONTRATO ÚNICO E VERTICAL PARA TODO O SECTOR.

B) — OUTROS ASSUNTOS.

Seja qual for a tua profissão e o Sindicato que te represente, desde que sejas trabalhador têxtil...

NÃO FALTES A ESTA REUNIÃO

SOMOS 300 MIL EM LUTA PELO C. C. T. ÚNICO E VERTICAL

CONTRA A MISÉRIA E CONTRA O BOICOTE DOS PATRÕES

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS

Santo Tirso, 29 de Outubro de 1976

A DIRECÇÃO

Hoje

Bailado «Felix Luna»

16.00 Horizontes Desconhecidos
16.30 «Janozik» série polaca realizada por Jerzy Passenderfer com Marek Perspczko (Janozik).

O conde resolve raptar Maysa. Janozik procura salvá-la.

17.20 Estúdio Velho, Gente Nova acreditas na existência dos O.V.N.I.?
17.45 Bota de 7 Léguas noticiário para jovens.
18.10 Animação coordenação: Vasco Granja.
18.40 Bailado «Felix Luna»

O bailado «Felix Luna» pretende retratar de uma forma simbólica o homem na constante procura de um ideal, de um sentido na vida, apesar de todas as barreiras intransponíveis do convencionalismo, da intolerância e do preconcêito que se lhe erguem em nome da solidariedade, da religião, da política e do poder.

19.30 «Espaco 1999» «Os Domínios do Dragão»
20.30 Telejornal 2.ª edição.
21.40 Inédito... ou Quase «Uma Visita Muito Breve», de Miguel Franco
22.00 A Europa ao Ritmo do Samba a autenticidade espontaneismo das câmaras do grande realizador Valerio Lazarov (da Televisão espanhola).
23.00 As Mulheres Conquistam o Direto de Voto um programa da Direcçao de Informaçao.
00.20 Fecho

Amanhã

12.00: Abertura e Missa de Domingo; **12.40**: Corpo Humano respirar para viver; **13.05**: O Homem e a Terra; **13.30**: Desenhos animados; **14.00**: Telejornal 1.ª edição; **14.10**: Artesenato em Isfahan documentário em Isfahan no Irao; **15.00**: «As Aventuras de Huckleberry Finn» Tonny Randall, Eddie Hoddges e Archie Moore. Realização de Michel Curtiz. Ano de Produção: 1960; **16.50**: Haja Saúde; **17.20**: Cabeça, Tronco e Membros concurso; **18.05**: «Heidi» desenhos animados; **18.30**: «Miguel Strogoff» baseado na obra de Júlio Verne; **19.25**: TV Rural; **20.00**: Telefutebol reportagem, comentários e resultados da jornada futebolística; **20.30**: Telejornal 2.ª edição; **21.40**: O Gesto é Tudo concurso; **22.45**: «Clayhanger Vida Perdidas» série filmada inspirada na homónima obra literária de Arnald Bnnet. Intérpretes: Harry Andress, Peter McEnery e Janet Suzman; **23.40**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Nacional

IARN paga atrasados

Os retornados a quem é atribuído subsídio de desemprego vão receber a curtíssimo prazo as verbas relativas aos seus meses anteriores a Junho, segundo informação divulgada pelo IARN. Os cheques teriam sido enviados nos dias 24 e 25 do corrente.

Os subsídios relativos aos meses de Julho, Agosto e Setembro estão a ser processados e enviados — diz a nota do IARN — esperando-se que esta acção esteja concluída no decurso de Dezembro. Por último, o Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais informou que os subsídios do último trimestre deste ano já estão também a ser processados de forma a que a sua liquidação se possa efectuar no decurso do mês de Janeiro de 1977.

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES
da Grande Lisboa

MOÇÃO APROVADA EM PLENÁRIO
DO NSB DA ESCOLA VEIGA BEIRÃO

MOÇÃO

1. Depois de ter imposto por via autoritária medidas antidemocráticas que não contribuem para melhorar o ensino e que lesam profundamente os interesses dos trabalhadores, o ministro Sottomayor Cardia passou a atacar o Sindicato dos Professores e as assembleias que os professores aprovaram como formas democráticas de definir o seu pensamento e a sua vontade.

2. As mais recentes declarações públicas deste ministro são bem elucidativas a tal respeito. Fazendo uma arbitrária aproximação com uma certa assembleia do M.F.A. de que ele não gostou, trata desdenhosamente [illegible]tos sindicatos como esse dos professores" para concluir depois que "isso não tem importância nenhuma" e que aquilo a que chama a "irresponsabilidade dos plenários" não obriga o Ministério a tomar conhecimento das suas decisões. Além de concretizar uma tentativa de ingerência nas associações sindicais em assuntos que só aos sindicalizados dizem respeito, esta atitude de um ministro que se diz socialista revela uma deplorável carência de espírito democrático ao recusar-se a tomar em conta a voz de associações sindicais que a Constituição considera como únicos interlocutores válidos para efeitos de legislação e de contratação colectiva.

3. A esta "irresponsabilidade" dos plenários do Sindicato dos Professores diz o ministro que se sobrepõem, além do povo português e do seu Ministério, os próprios professores. Sejam quais forem estes professores que de mãos dadas como o Ministério se "sobrepõem" aos órgãos de decisão do Sindicato, a manobra é clara nos seus intuitos divisionistas — o que fica muito mal a um ministro que se pretende socialista.

4. No seu empenho em denegrir o Sindicato dos Professores, o ministro Cardia não hesita em afirmar que "às tantas da manhã, na reitoria", os plenários são constituídos por "não docentes". Esta leviandade com que o ministro falta à verdade não pode deixar indiferentes a Direcção Sindical e todos os professores, incluindo aqueles que, na sua opinião, estão com ele fora e acima dos plenários sindicais.

Assim os professores sindicalizados da Grande Lisboa, reunidos em plenário no dia 21 de Outubro, repudiam vigorosamente as atitudes antidemocráticas e anti-socialistas do ministro Cardia, repelem as suas calúnias e as suas manobras divisionistas e decidem que a Direcção Sindical faça publicar esta moção nos principais órgãos de comunicação social.

Plenário do Núcleo Sindical de Base da Escola Veiga Beirão, 20.X.76

Pel'A Comissão Sindical
(a) ilegível

NORMA
Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S.A.R.L.
Avenida 5 de Outubro, 122 — LISBOA 1
Rua de Gonçalo Cristóvão, 211 — PORTO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA APLICADA

Seleccionamos
para
Grande Empresa de Serviços

DIRECTOR ADMINISTRATIVO/FINANCEIRO

Com larga experiência em:

— **Gestão financeira**
— Controlo orçamental
— Supervisão do sector de **Contabilidade**
— Coordenação de todos os serviços administrativos, incluindo a área de **Pessoal**.

Formação de base: **Licenciatura em Economia/Finanças**. No entanto, poderá ser considerado outro tipo de formação, desde que a experiência profissional se situe nos domínios referidos.

Agradecemos o envio de «curriculum» pormenorizado com a Ref.ª 441/DL, ao Departamento de Psicologia da **NORMA**.

Aumentam importações de petróleo

Cifrou-se em 2.856.641 toneladas o total de petróleos brutos importados por Portugal no primeiro semestre de 1976, o que representa um aumento de 292.253 toneladas em relação ao mesmo período de 1975, cuja importação totalizou 2.564.388 toneladas e uma percentagem de mais 11,4 por cento.

Segundo apurou a ANOP junto da Direcção-Geral dos Combustíveis, essa importação no segundo trimestre do ano em curso foi de 1.069.797 toneladas, ou seja menos 40,1 por cento que a importação no primeiro trimestre de 1976 (1.786.844 toneladas) e menos 12,2 por cento que a importação feita no segundo trimestre de 1975 (1.217.905 toneladas).

Por sua vez, a importação de petróleos brutos feita por Portugal no primeiro trimestre de 1976, no total de 19.786.844 toneladas, representa uma variação de 32,7 por cento mais em relação ao mesmo período de 1975, que foi de 1.346.483 toneladas.

A importação por países nos citados trimestres foi a seguinte em percentagens:

Primeiro trimestre de 1976 — Arábia Saudita, 40,0 por cento; Iraque, 30,6 por cento; URSS, 15,5 por cento; Irão, 11,9 por cento; Egipto, 2,0 por cento;

Segundo trimestre de 1976 — Irão, 33,8 por cento; Iraque, 28,7 por cento; Arábia Saudita, 20,9 por cento; URSS, 16,6 por cento.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Santiago do Cacém, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (Ex-União Eléctrica Portuguesa) a que se refere o processo 8/58271, arquivo 11 023, para o estabelecimento na freguesia de Santiago, concelho de Santiago do Cacém, de uma linha aérea a 30 kV, com 1329 metros, do apoio n.º 50 da linha Santiago-Sines I ao Posto de transformação do Gabinete da Área de Sines na Herdade da Ortiga.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de licenciamento, em 13 de Outubro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

INDÚSTRIA TRANSFORMADORA

Intenções de investimento continuam a baixar

Continuam a baixar as intenções de investimento na indústria transformadora, como se conclui dos números relativos ao 3.º trimestre do ano em curso, que indicam uma intenção de investimento da ordem dos 1 015 643 milhares de escudos (contra 1 038 219 milhares de escudos no fim do primeiro trimestre do ano de 1976.

Em contrapartida, constata-se uma ligeira melhoria na perspectiva de novos postos de trabalho criados por aqueles investimentos, que eram de 4320 novos empregos no final do 3.º trimestre, contra 3829 no final do 1.º trimestre.

As perspectivas de investimento e emprego na indústria transformadora são quantificadas a partir dos elementos recolhidos dos requerimentos que foram deferidos e são apresentados na Direcção-Geral dos Serviços Industriais pa- estabelecimentos existentes, quando estes actos se encontram abrangidos pelas disposições do Decreto-Lei n.º 533/74, de 10 de Outubro.

Obras no "Metro" alteram o trânsito na zona dos Anjos

Devido às obras de ampilação da estação do Metropolitano dos Anjos, a Câmara Municipal de Lisboa informa que, ao abrigo do disposto no Regulamento Municipal de Trânsito, vão ser estabelecidos a partir da próxima quarta-feira, os sentidos a respeitar nos seguintes arruamentos: Rua Ilha do Príncipe (sentido Sul-Norte); Rua Timor (sentido Sul-Norte); Rua Ilha de S.Tomé (sentido Sul-Norte); Rua Poeta Mistral (2 sentidos); Rua Cidade de Manchester (sentido nascente-poente); Rua Moçambique (sentido Norte-Sul); Rua Newton (sentido Norte-Sul); Rua Cidade Liverpool (sentido poente-nascente, no troço compreendido entre a Rua Zaire e a Avenida Almirante Reis; Rua Zaire (sentido Norte-Sul); Rua Guiné (sentido poente-nescente); Rua Forno do Tijolo (sentido poente-nascente); Rua Maria (sentido Norte-Sul); Rua Palmira (sentido Norte-Sul, no troço compreendido entre a Rua Álvaro Coutinho e a Rua da Guiné e sentido Norte-Sul no troço compreendido entre a Rua Álvaro Coutinho e Maria Andrade); Rua Álvaro Coutinho (sentido poente-nascente); Rua Luís Pinto Martinho (sentido poente-nascente); Rua Marques da Silva (sentido poente-nascente, entre a Avenida Almirante Reis e a Rua de Arroios); Rua António Pedro (sentido Sul-Norte); Rua Francisco Foreiro (sentido poente-nascente); Avenida Almirante Reis (Trânsito interrompido, excepto para «eléctricos», no troço compreendido entre a Rua Francisco Foreiro e a Rua Marques da Silva).

Por outro lado, as carreiras de autocarros, n.º 7 e 8 e as interurbanas circulam no sentido Norte-Sul, passando na Avenida Almirante Reis, Rua da Guiné, Rua Zaire, Rua Cidade Liverpool e Avenida Almirante Reis e no sentido Norte-Sul passam na Avenida Almirante Reis, Rua Marques da Silva, Rua de Arroios, Rua Febo Moniz e Avenida Almirante Reis.

PUB.

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS
DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida Visconde Valmor, 34-1.º Lisboa-1 Telefones: 77 02 74-76 32 76-77 00 66

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Delegados Sindicais e Comissões de Trabalhadores, nos termos e ao Abrigo do Artigo 32.º pontos 1, 2 e 3 do Decreto-Lei 215-B/75 de 30 de Abril de 1975 — Lei das Associações Sindicais — para um Plenário a realizar no próximo dia 4.11.76, pelas 15.00 horas na sede do SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA, sita na Av. Visconde de Valmor, 34-2.º em Lisboa.

Este Plenário visa a preparação de um outro a realizar em 6.11.76 no Instituto Superior Técnico e terá a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único — Decretos Antioperários (saneamentos nas empresas, contratos a prazo, direito à greve, despedimentos, controlo de gestão, contratação colectiva, lei do trabalho rural, trabalho de estrangeiros em Portugal).

Lisboa, 28 de Outubro de 1976

Pela Direcção

Desporto

NACIONAIS DE FUTEBOL

Porto em Alvalade Benfica no Restelo

O Nacional de futebol para a 1.ª divisão reúne, no calendário deste fim-de-semana, dois clássicos de alto interesse emocional: esta tarde (a partir das 16) o Sporting-Porto (em Alvalade) e amanhã pelas 15, o Belenenses-Benfica (no Restelo). Dois embates que podem ajudar a encontrar a verdadeira expressão do campeonato, na fase em que todos os concorresntes tentam exibir as melhores credenciais.

A prova tem hoje outro jogo: Boavista-Guimarães (no Bessa, com início às 15). E, dada a paragem dos torneios das categorias secundárias para mais uma jornada da inexpressiva e inodora «Taça de Portugal», lá teremos, também esta tarde, dois duelos: União de Coimbra-Metrena e Cova da Piedade-Desportivo dos Olivais.

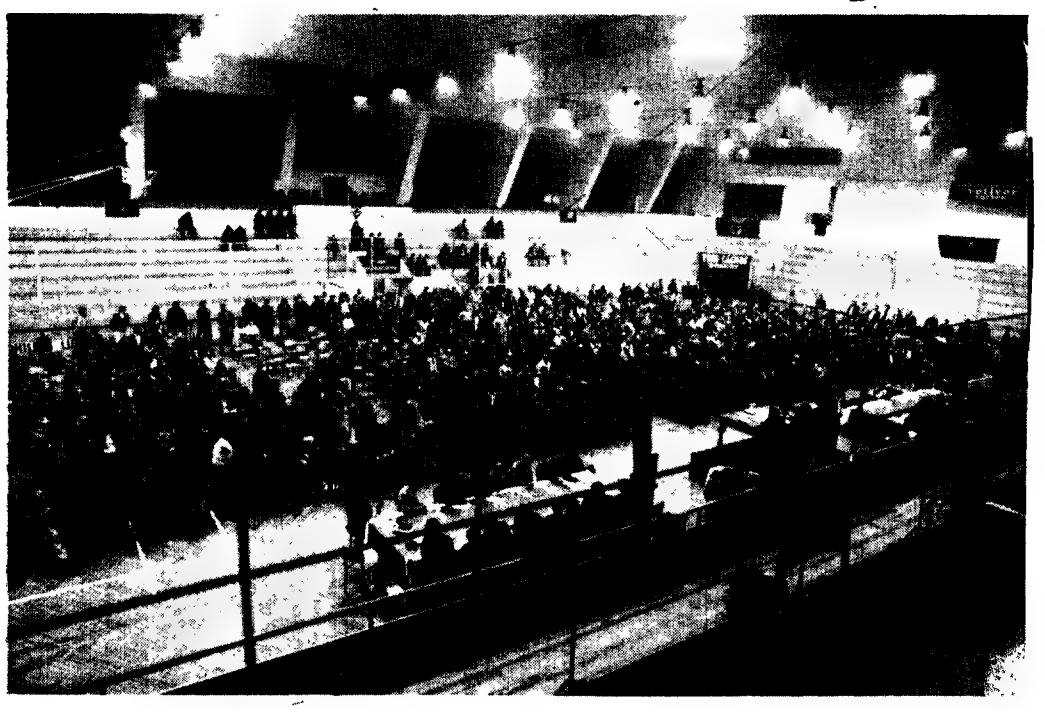
Ainda neste sábado, sete encontros entre juniores: Infesta-Vianense, Mirandela-Ermesinde, Sanjoanense-Vilanovense, Mirandense-Torriense, Braga-Gil Vicente, Guarda-Covilhã e Cuf-Farense. Isto, para além de um confronto de características particulares entre as categorias principais do Oriental e do Torriense, para as 15 horas, em Marvila.

Amanhã há espectáculos para todos os paladares. Ás 15 horas, teremos o nacional superior e a «Taça». Veja-se o programa do campeonato federativo de maior retumbância: Belenenses-Benfica, V. Setúbal-Portimonense, Académico-Leixões, Estoril-Beira Mar, Braga-Montijo, Varzim-Atlético.

Na II Divisão: (Jogos em atraso): Espinho-Salgueiros e Paços Ferreira-Penafiel.

Para a Taça de Portugal: Esposende-Cucujães, Penalva Castelo-P. Brandão, Vildemoinhos-U. Lamas, Mogadourense-Limianos, Vilanovense-Bairro Latino, Rio Ave-Tandim, Avintes-Vianense, (em Coimbrões), Lourosa-Mondinense, Trancoso-Mirandela, Leverense-Cabeceirense, (Campo Vidal Pinheiro-Porto), Freamunde-Tirsense (em Paredes), Leça-Forjães (em Matosinhos), Niza e Benfica-Cartaxo (em Portalegre), Águeda-E. Portalegre, Esperança-Cov. Benfica (em Soure), Batalha-Tondela, Mangualde-Portalegre, Felires-D. Guarda, Castelo Branco-Torres Novas, Tabuense-Naval, Bombarralense-Ala Arriba, (Nas Caldas da Rainha), Alcanenense Alferrarede, Alcobaça-Anadia, Trafaria-Sesimbra, (Na Costa da Caparica), Lusit. Vila Real-Alverca, Almada-Odmirense, Vasco Gama-Vendas Novas, Alcochetense-Sintrense, (No Montijo), Paio Pires-Esp. Lagos, Elvenses-Torralta, Bucelense-Rosairense, (em Alverca), Quarteirense-Moura (em Faro), Vilafranquense-Sacavenense e Olhanense-Alhandra.

No «Nacional» de Juniores, **Zona A**: Leixões-Varzim (Campo de Pedras Rubras), Amarante-Chaves e V. Guimarães-Marco. **Zona B**: Acad. Viseu-Nelas, Arrifanense-Boavista, Feirense-Académico e Lourosa-F. C. Porto. **Zona C**: Estrela-Vilafranquense, U. Coimbra-U. Leiria, Unidos-Sporting, Caldas-Alter e Vitória Lisboa-Peniche (todos às 11). **Zona D**: Belenenses-Atlético (10 e 15 horas); S. Luís-V. Setubal, (Campo Horta da Areia Faro), Olhanense-Sesimbra, Benfica-Esp. Lagos, CUF-Farense e Almada-Ferreirense (todos às 11).



Um aspecto do Pavilhão da Luz durante a Assembleia Geral de ontem

O Benfica disse "não" aos jogadores estrangeiros

. or 4480 votos a favor e 1820 contra, dos sócios com mais de 10 anos, o Benfica recusou, ontem em Assembleia Geral, a admissão de futebolistas estrangeiros no seu quadro de profissionais.

Esta decisão anula as pretensões de um sector importante de sócios e que era até apadrinhada por parte da Direcção, e segundo as quais era necessário contratar estrangeiros para manter o valor tradicional do futebol benfiquista. Isto porque com a independência das antigas colónias portuguesas, se perde a possibilidade futura de ali contratar profissionais.

Presidiu à Assembleia o dr. Martins Canaverde encontrando-se presentes a maior parte dos membros da Direcção sendo contados 600 sócios inscritos. Note-se que os sócios com mais de 10 anos de filiação têm direito a 20 votos. A contagem prioritária dos votos destes sócios tornou desnecessária a contagem dos votos restantes (sócios com menos de 10 anos) pois os «não» era a maioria esmagadora.

A Assembleia fora convocada por 125 associados, subscritores de uma proposta segundo a qual se devia dar liberdade à Direcção para contactar futebolistas estrangeiros, com a determinação de nesses contratos se dar prioridade aos futebolistas dos países de língua portuguesa; Brasil, Angola, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné-Bissau.

Da Direcção, Borges Coutinho e Germano Campos votaram não enquanto Romão Martins, chefe do Departamento de Futebol, votou sim. Germano Campos tinha proposto outra alternativa: a submissão do assunto a referendo aberto a todos os sócios.

A Assembleia esteve em vistas de não se efectuar pois segundo os estatutos não poderia principiar sem a presença de quatro quintos dos sócios convocados. Eram necessários 80 sócios e depois da contagem nominal apurou-se que estavam na sala 81! Mais tarde verificar-se-ia pelas reacções da assistência que os sócios com menos de 10 anos de filiação eram, no geral, mais favoráveis aos jogadores estrangeiros.

Antes da ordem do dia foi lido expediente que provocou alguma agitação nomeadamente um telegrama que pedia o corte de relações com o Sporting dado o facto, de segundo o telegrama, o clube de Alvalade estar a aliciar atletas amadores do Benfica e ter contratado Livramento que é sócio de mérito dos «encarnados». O presidente Borges Coutinho explicaria, mais tarde, que o Benfica decidira abolir subvenções aos atletas amadores e que o Sporting pagara a Livramento o que o Benfica não podia pagar.

Igualmente foi lida uma carta do dr. José Magalhães Godinho agradecendo os aplausos que a sua nomeação para Provedor da Justiça merecera em Assembleia anterior.

Martins Canaverde (de pé) e Borges Coutinho, duas presenças decisivas na noite de ontem em que o Benfica decidiu continuar a sua antiga tradição de não admitir estrangeiros no quadro de futebolistas profissionais

EM ALVALADE, ÀS 16 HORAS

Três mil contos de receita

. Com o espectacular aparecimento de um sol radioso na manhã de hoje pode dar-se por mais do que seguro que o estádio de Alvalade, onde esta tarde se joga o Sporting-F.C. do Porto em futebol, vai registar uma enchente total. Nesse caso, o Sporting arrecadará uma receita de 3100 contos correspondente aos 65.000 espectadores que é possível albergar no estádio.

Ambas as equipas apresentam baixas nas suas formações habituais: no Sporting não joga Camilo, que se encontra lesionado julgando-se que o seu lugar será ocupado por outro médio, Valter antigo profissional do Barreirense. Admite-se, no entanto a possibilidade do treinador Hagan dar, finalmente ao jovem médio Barão a oportunidade que ele há tempos vem merecendo. Barão actuou na festa de Carlos Lopes, contra o Benfica, e em Paris, contra o St. Germain, a contento de todos.

Keita melhor marcador do Sporting

No que toca ao F.C. do Porto, não se deslocaram a Lisboa o guarda-redes Joaquim Torres e o avançado-centro Duda, dois antigos «craques» do Vitória de Setúbal. Qualquer deles não se encontra nas condições ideais sendo substituídos por Tibi e Gomes respectivamente. A presença do jovem Gomes no comando do ataque da equipa de Pedroto reveste-se de aliciantes especiais para os espectadores pois Gomes marcou seis golos ao Atlético no domingo passado. Trata-se de uma proeza raríssima no futebol português e que nos últimos anos só Yazalde havia conseguido.

Visto isso, temos que o Sporting deverá alinhar com Conhé, Inácio, Laranjeira, José Mendes e Da Costa; Valter (Barão), Fraguito e Baltasar; Manoel, Maunel Fernandes e Keita. São suplentes o guarda-redes Valter, o defesa Amândio, os médios Vítor Gomes e Barão (ou Valter) e os avançados Marinho e Libânio.

O F.C. do Porto deverá apresentar um «team» aproximado do seguinte: Tibi, Rodolfo, Freitas, Simões e Tai, Cubillas, Celso e Octávio, Seninho, Gomes e Oliveira. Deslocaram-se também a Lisboa Rui, Teixeirinha, Gabriel, Ademir e Teixeira.

GONZALEZ REAPARECE CONTRA O BENFICA

Amanhã, Lisboa volta a ser palco de outro jogo de futebol de extrema importância para o campeonato: no estádio do Restelo defrontam-se Belenenses e Benfica.

A novidade principal será o reaparecimento do extremo-esquerdo Gonzalez que se encontra de baixa desde que foi operado ao apêndice, em Barcelona, quando o Belenenses foi jogar à cidade condal, para a Taça UEFA.

Tal como em Alvalade também no Restelo, se espera uma enchente na condição de o tempo se manter soalheiro como hoje. O ataque do Belenenses será comandado por Artur Jorge que está completamente recuperado de lesão recente.

No Benfica continua Artur a cumprir castigo federativo, não podendo, por isso, jogar. Também Pietra, por lesão, não se apresentará no Restelo para defrontar a sua antiga equipa. Por esse motivo trata-se dos dois defesas laterais titulares é provável que Alberto Jorge, um jovem, seja chamado à efectividade. Chalana está apto a alinhar.

Basquetebol

Principiou ontem a fase final do campeonato de Lisboa em Basquetebol sendo de destacar as vitórias do Sporting e do Benfica, nos dois jogos que contam para os lugares cimeiros e do Nacional e do Cruzquebradense nos encontros para os restantes lugares.

Resultados: Atlético, 60-Benfica, 80; Sporting, 96-Algés, 69. Nas partidas de apuramento para os lugares do 5.º ao 8.º temos: Queluz,66-Cruzquebradense, 67; Belenenses,56-Nacional,69.

Esta jornada foi bastante negativa sob o ponto de vista técnico o que também não admira dadas as ausências de elementos importantes nas principais equipas.

Geral

Acordo aéreo com Kinshasa

. Portugal e a República do Zaire vão assinar um acordo de transportes aéreos que facilitará a vida aos ainda numerosos emigrantes portugueses a trabalharem naquele país africano.

A assinatura do acordo estava prevista para esta manhã, a ela devendo assistir o Secretário de Estado da Emigração, mas a cerimónia acabaria por ser adiada para a primeira semana do mês de Novembro. A nota do Ministério dos Negócios Estrangeiros a noticiar o adiamento justifica-o «por motivos imprevistos» entretanto surgidos.

Manuel de Lima vai hoje a enterrar

. Faleceu às primeiras horas de hoje o escritor, jornalista e crítico Manuel de Lima, que fora acometido de uma trombose na manhã de 2.ª feira. Tendo entrado imediatamente em coma, foi assistido no hospital de S. Jose e, depois, no Hospital da Cruz Vermelha, onde veio a falecer.

Autor de uma obra profundamente original, marcada por um implacável sentido crítico, Manuel de Lima encontra-se ligado aos propósitos de renovação da cultura portuguesa deste século, que vinham da linha futurista do grupo «Orfeu». Foi Almada Negreiros quem prefaciou o seu primeiro romance, intitulado «Um Homem de Barbas», de 1944. O seu segundo romance «Malaquias ou a história de um homem barbaramente agredido» . é considerado uma das primeiras manifestações literárias do surrealismo em Portugal. Para o teatro, escreveu «O Clube dos Antropófagos», peça em que, com o seu estilo sarcástico, traça o verdadeiro retrato de todos os regimes reaccionários assentes na tirania do poder capitalista. Entre outros livros, cumpre ainda referir «A Pata do Pássaro desenhou uma nova paisagem», espécie de crónica mundana de certo meio artístico e intelectual português, nos últimos anos do fascismo, ia cedendo, cada vez mais abertamente aos «argumentos» dos monopólios, dos bancos e das Fundações.

Tendo-se dedicado à pintura, ocasionalmente, por espírito amador e desinteressado, as suas actividades mais absorventes foram o jornalismo e a crítica musical, depois de abandonar a profissão de músico, para que se qualificara no Conservatório Nacional, e que exerceu apenas durante alguns anos como instrumentista de várias orquestras portuguesas (Sinfónica da Emissora Nacional e Sinfónica do Porto) e até como músico de bordo, durante a guerra de 1939-45.

Manuel de Lima cria, de certo modo, no nosso País, um novo tipo de crítica musical, orientada num sentido polémico de intervenção, que punha constantemente em causa as entidades e organizações responsáveis pela política cultural nesse domínio, denunciando oportunismos e cumplicidades, ao mesmo tempo que valorizava a acção musical e pedagógia, sistematicamente reprimida ou marginalizada, de um Lopes-Graça.

Como crítico musical, Manuel de Lima tornou-se especialmente notado na altura da sua colaboração no semanário «Letras e Artes», onde os seus trabalhos, abandonando a tradição da crónica de rotina, praticada geralmente na nossa Imprensa, se apresentavam com uma dimensão ensaística, analisando as questões musicais sempre debaixo de um ponto de vista cultural mais vasto. Durante um curto espaço de tempo, ainda durante o fascismo foi crítico de televisão do jornal «O Século», tendo, nessa função, desempenhado um activo papel no desmascaramento da RTP, em breve neutralizado pelas estruturas fascistas do próprio jornal.

Para além de mutios outros jornais e revistas em que colaborou, designadamente «O Século Ilustrado», «Diário de Lisboa» e «O Diário», Manuel de Lima era até há poucos meses crítico musical do «Diário Popular».

Manuel de Lima casara-se há seis meses com Magdalena Hernandez, professora de informática da Universidade Central da Venezuela, tendo então fixado residência naquele país. Encontrava-se em Portugal há cerca de quinze dias para tratar da mudança dos seus haveres.

O funeral realiza-se hoje, às 16 horas, da Igreja Nova de S. Domingos de Benfica (Rua Conde de Almoster) para o cemitério de Benfica.

A encruzilhada da classe média

Continuação da pág. 3

aos jornais, toque de recolher e assaltos quotidianos?

. Depois de tudo isto, qual a razão por que a classe média demora tanto tempo a aprender lições tão elementares? Uma das primeiras é, com certeza, a sua carência de ideologia. O burguês ou o operário, cada um no seu extremo, têm uma ideologia a que recorrer sempre que confrontam as dificuldades que mutuamente se infligem. Mas os elementos da classe média deparam com enormes dificuldades ao navegar na sua lagoa ideológica. Quando a repressão militar e a crise económica os atingem duramente, em geral não têm em que apoiar-se, e então a repressão e crise confundem-nos. Mas há um cálculo que talvez ainda não tenha sido feito pelos computadores do sistema: quanto mais férreo for o fascismo dependente, mais rápido será também o esclarecimento político da classe média. A crise e a repressão empurram-na para a fase de formação ideológica que em geral sempre se dá. Embora uma minoria continue ligada à oligarquia, a esmagadora maioria dessa classe aproxima-se inexoravelmente da classe operária e esse contacto pode ser decisivo e, também, de imprevistas consequências . Desprovida do conforto e segurança que lhe ensinaram a venerar, quem pode prever até onde irá a radicalização dessa classe média? Não resta dúvida de que será a grande sacrificada em toda esta história, uma vez que (apesar das paralisações, greves, despedimentos, avanços e retrocessos) a classe operária não poderá ser exterminada, nem pauperizada em excesso, pois tal redundaria numa diminuição do rendimento industrial e, portanto, do dividendo capitalista. Embora a classe média continue a ser a candidata ideal para os investimentos estrangeiros como para as burguesias locais, numa arma de dois gumes, porque tantas pressões e opressões servem para, em definitivo, criar lentamente um apreciável aliado da classe operária. Chegará inevitavelmente o dia, decisivo para o seu destino final, em que as classes médias da América Latina se convencerão de que, embora a oligarquia não tenha lugar para elas, o proletariado o tem. É claro que, para ocupar esse lugar, terão de mudar. Curioso paradoxo final: envolvida numa situação que é particularmente grave para ela, a classe média pode acabar por encontrar a sua salvação e o seu resgate. Quer dizer: a sua transformação. Mas em que é que se transformará? Noutro tipo de classe média, ou seja, imaginativa, ousada, dinâmica, revolucionária? Não seria mau. Ou num mero sector (com todos os seus deveres e todos os seus direitos) das classes trabalhadoras? Talvez fosse ainda melhor.

Noventa famílias recebem terras em Odivelas

De acordo com uma decisão do Ministério da Agricultura e Pescas, a partir do princípio da próxima semana a Comissão de Gestão Transitória dos Perímetros do Roxo e Odivelas irá instalar no perímetro de Odivelas cerca de 90 famílias de pequenos agricultores, atribuindo a cada família um lote de terra que, de acordo com os próprios agricultores, oscila entre cerca de 15 e de 25 hectares, conforme abranja apenas terras de regadios ou terras regadio e sequeiro.

O projecto foi apresentado ontem em Odivelas, pelo secretário de Estado da Estruturação Agrária, eng. Castro Guerra, a comissões de trabalhadores e pequenos agricultores interessados.

BARES · BOITES
RESTAURANTES
SNACKS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef 368858*368197. Rosy Striptease sousse

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais T 261461/264528/264588/ 264621/264946

tempo

Situação do tempo 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado nas regiões do Norte e pouco nublado nas do Sul e Centro e o vento era em geral fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado alternando com boas abertas; vento fraco ou moderado de Norte; possibilidade de aguaceiros nas regiões montanhosas

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	8°
COIMBRA	5°
PORTALEGRE	9°
LISBOA	12°
FARO	11°
FUNCHAL	17°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.46	3,6 m	1.66	1,9 m
21.37	3,3 m	14.54	1,7 m
Dia 31			
10.03	3,5 m	3.25	1,9 m
22.52	3,4 m	16.21	1,7 m
Dia 1			
		4.41	1,9 m
11.13	3,6 m	17.26	1,6 m

AMANHÃ

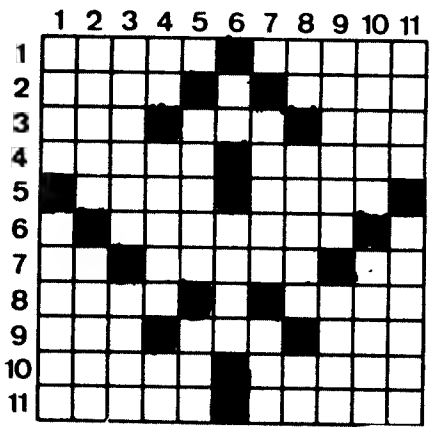
NASCER AS..... 7.03
OCASO AS 17.38

DIA 7 DIA 14 DIA 21 DIA 28

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 7667



HORIZONTAIS:

1 Galga. Tanger.
2 Aves pernaltas. Artigo definido. Cidade da Arábia.
3 Bigorna de ourives. Filtra. Chefe etíope.
4 Feminina. Entrada.
5 Lavras. Jarro (planta).
6 Ligas.
7 Batráquio. Limpar com areia. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
8 Estimar. Aguce.
9 Pronome demonstrativo. Saudável. Antiga Agência de Imprensa.
10 Ave pernalta da América do Sul. Feição.
11 Adicionar. Tribo indígena brasileira.

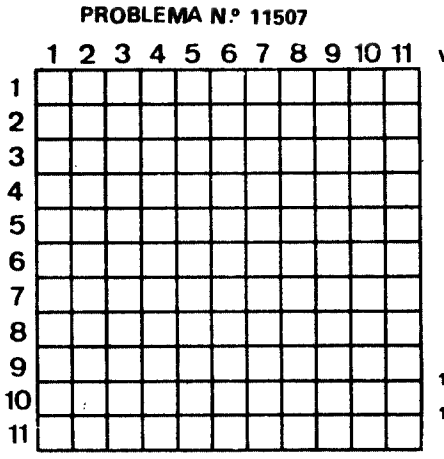
VERTICAIS:

1 Mentira. Baixelas.
2 Querida. Medula.
3 Cantara para adormecer as crianças. Içam.
4 Artigo definido. Sugar o leite materno. Ruim.
5 Unir por casamento. Senhor em inglês.
6 Preposição e artigo definido. Armadilha para pássaros.
7 Afia. Base aérea portuguesa.
8 Grande ribeira da Ásia Russa. Rezara. Viração.
9 Circules. Exprime por palavras.
10 Respeito. Provincia de Portugal.
11 nivela. Travões (fig).

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 11507



HORIZONTAIS:

1 Cidade do estado de São Paulo (Bras). Rio da Alemanha do Norte.
2 Mentira. Rebolar.
3 Pedaço de ferro ainda não purificado.
4 Artigo definido. Zomba. Basta. Rio de Itália.
5 Ruído. Senhora. Fúteis.
6 Rema para trás. Tomba.
7 Tranquilidade. Aplana.
8 Apura.
9 Ave pernalta. Pseudónimo literário do escritor português Carlos Lopes. Suspiros.
10 Tombadilho. Adicionai.
11 Limpar metais. Tribo indígena brasileira.

VERTICAIS:

1 Assassinas. Grande ilha da Grécia a S. E. da Moreia.
2 Viração Cheta (fam). Maior.
3 Rio da Sibéria. Um milhar. Ice.
4 Levantar. Gosta muito de. Quinto filho de Jacob.
5 Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Aguçar.
6 Batráquio. Quarto.
7 Nome de peixe. Velha.
8 Cabo da costa de Portugal. Partido. Sufixo que designa estado.
9 Fileira. Tempo do verbo ir. Governanta.
10 Vossa Alteza. Progenitores O mesmo que ion.
11 Enganos. Cidade de Itália.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11506

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Maçã. Eno. Am.	1 MANDAR. QUER.
2 Risco. Agá.	2 Sob. Purgas.
3 N.S. Soa. AC.	3 Cr. Arreara.
4 Doa. Alaga.	4 Ais. Ai. Sa.
5 Abra. Alim.	5 Sol. Ame. Ge.
6 Riam. Sal.	6 Eça. Ama. PAR.
7 Pé. Má. Adir.	7 Nó. Al. Gim.
8 Quase. Age.	8 Alisa. Aas.
9 Urra. Pia. Os.	9 Acamada. Si.
10 Ega. Gamas.	10 Ag. Ligo.
11 Rã. Ter. Siso.	11 Maias. Resto

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7666

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Sabão. Ficar.	1 Sabor. Marta.
2 Alago. Amiga.	2 Aliso. Olear.
3 Biga. Aros.	3 Bagos. Sal.
4 Oso. Par. Ira.	4 Agá. Nas. Aço.
5 Rosna. Ecoar.	5 Oó. Papar. As.
6 Apolo.	6 La. Eu.
7 Mossa. Estas.	7 Fa. Reler. Ba.
8 Ala. Rer. Ria.	8 Imá. Cos. Por.
9 Rela. Piri.	9 Círio. Tri.
10 Ta. Ca. Bo. Em.	10 Agora. Aires.
11 Araós. Arosa.	11 Rasar. Saima.

Provérbio: MANDAR QUER PAR.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO C-1
Toda a noite

ALVALADE
Aviz, Av. de Roma, 56-B/C (T. 715370)

AREEIRO
S. Jorge, Largo do Leão, 3-A/B (T. 534027)

AVENIDA DA LIBERDADE
Vieira Borges, R. Alexandre Herculano, 28/30 (T. 40536)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte 11-A (T. 311216)

BENFICA
Vitex, Estrada de Benfica, 373-B (T. 780548)

BOA HORA
Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (T. 631958)

CAMPO DE OURIQUE
Lobel, Rua de Infantaria 16, 98-B (T. 688807)

CAMPO PEQUENO
Campo Pequeno, Avenida Júlio Dinis, 10, lojas 18 e 19 (T. 771661)

GRAÇA
Rosa e Viegas, Rua de S. Vicente, 81 (T. 864351)

LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 7 (T. 790480)

PENA
Silmar, Rua de S. Lázaro 128 (T. 42829)

SANTA CATARINA
Modelar, Largo
Largo Dr. António de Sousa Macedo 7-A (Poço Novo) (T. 603896)

XABREGAS
Grijó, Rua do Grilo 25 (T. 385264)

TURNO C-2
Até às 22 horas

ALVALADE
Alentejo, Avenida da Igreja 28-B (T. 712682)

ANJOS
Confiança, Avenida Almirante Reis, 46-B (T. 821653)

AREEIRO
Algarve, Avenida de Roma, 7-8 (T. 801478); **Nova Lisboa,** Rua Guilhermina Suggia, 12 (T. 727721)

AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14 (T. 41845)

BAIXA
Barral, Rua Augusta, 225 (T. 3615345)

BELÉM
Remisio, Rua dos Jerónimos 14-C (T. 631699)

BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 578-E (T. 702532)

CAMPOLIDE
Central, Rua General Taborda, 17 (T. 680304)

MADRAGOA
Nunes Simões, Rua Quelhas, 1 (T. 661275)

PICHELEIRA
Marluz, Calcada da Picheleira, 140-B/c 720703/728395)

OLIVAIS SUL
Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, lote 300 (T. 311091)

SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Bairro Azul, Avenida Ressano Garcia, 7-A (T. 571451)

SETE RIOS
Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160/162 (T. 761035)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeira Nifo, Av. C.G.Guerra, 64 (T.2112070)

PAÇO DE ARCOS
Pargaca, Av. Eng. Bonneville Franco (T.2435147). Até às 22 horas

OEIRAS
Oeiras, L.Henrique Paiva Couceiro (T.24330485). Toda a noite

NOVA OEIRAS
Leal. Até às 22 horas

CARCAVELOS
Central. Toda a noite

S.DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T.260085). Até às 22 horas

PAREDE
Macau, R.J.Elias Garcia, 60-C (T.2471785). Toda a noite

ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (T.260191). Toda a noite

AMOREIRA
Amoirera (T.262313/267314). Até às 22 horas

CASCAIS
Cascais, R.Conde de Monte Real, B.das Caixas (T.282407). Até às 22 horas; **Misericórida,** R.Regimento 19, 41 (T.28011). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T.234589); **Campos,** R.Elias Garcia, 185 (T.930072); **Calbel,** R.António Sardinha, 23-D (T.938551)

DAMAIA
Confiança, E.Militar, lote D (T.9710231)

VENDA NOVA
Girassol, R.Elias Garcia, 17-C (T.974161)

QUELUZ
Correia, L.do Mercado, 3 (T.950906)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T.2942181)

MEM MARTINS
Quimia, E. de Mem Martins, 285 (T.2910012)

S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)

SINTRA
Misericórdia, Vila (T.2930391)

COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L.António dos Santos Jorge, 15 (T.234100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (9t.204250)

ALMADA
Central, R.de Olivença, 11-B (T.2750504)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E.Nacional, 244-A (T.2040141)

BARREIRO
Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (T.2073212). Até às 19 horas; **Mascarenhas Neto,** R.Almeida Garrett (T.2076454). Serviço permanente

COVA DA PIEDADE
Morgado, R.Cabo da Boa Esperança, 25-A (T.2767356)

MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)

MONTIJO
Giraldes, R.Almirante Reis, 45 (T.2310008)

SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)

SETÚBAL
Soromenho, P.Machado Santos (T.22691); **Alice,** P.do Quebedo (T.23743)

SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 21

ATÉ ÀS 22 HORAS

Campos, R Padre Luis Cabral, 943, Foz **Alves Moreira,** Av Rodrigues de Freitas, 167 **Clérigos,** R dos Clerigos, 36 **Cruz,** R de Costa Cabral, 1082 **Monte dos Burgos,** R do Monte dos Burgos, 802 **Aliança,** R da Conceicao, 2 **Guarani,** R Pedro Hispano 367 **Menezes de Lima,** P Dr Pedro Teotonio Pereira, 227

TODA A NOITE

Lidador, R do Lidador, 171 **Estacio** R Sa da Bandeira, 120 **Botelho** R da Alegria, 863 **Maia** R do Campo Alegre, 192

COIMBRA

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

SITÁLIA Largo da Sé Velha, 13 T. 23234

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

S. LUÍS
21.30 (13 anos)
«Tudo no Jardim»

COLISEU
21.30 (6 anos)
«Olimpíada do Circo»

LAURA ALVES
20.30 e 22.45 ((18 anos)
«Vamos Trocar de Mulher»

CASA DA COMÉDIA
21.30 (13 anos)
«Legendas Portuguesas»

MARIA VITÓRIA
20.30, 22.45 (18 anos)
«O Rombo da Festa»

MONUMECTAL
20.30 e 22.45 (13 anos)
«As Coisas que o Padre Faz»

TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.15 (18 anos)
«Tambores na Noite»

TEATRO ABERTO
21.15 (13 anos)
«O Círculo de Giz Caucasiako»

ADÓQUE
20.30, 22.45 (18 anos)
«A Grande Cégada»

A.B.C.
20.30, 22.45 (18 anos)
«Cada Côr Seu Paladar»

VARIEDADES
20.30 e 22.45 (13 anos)
«Isto é que me Dói»

MARIA MATOS
21.30 (18 anos)
«O Director da Ópera»

VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Fanshen?»

LISBOA/Cinemas

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Loucuras Porno»

CALEIDOSCÓPIO
21.00 (18 anos)
«Um Dia de Cão»

CINEARTE
21.15 (13 anos)
«Professor Nudista»

CAPITOLIO
21.00 (18 anos)
«Wester porno»

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«O Homem que queria ser Rei»

IDEAL
21.15 (10 anos)
«Uma Pistola Para Ringo»

EUROPA
21.15 (14 anos)
«Funny Girl» (Uma Mulner Endiabrada)

LUMIAR
21.15 (13 anos)
«O Relojoeiro»

PARIS
21.15 (10 anos)
«A Queda do Império Romano»

RESTELO
21.00 (18 anos)
«Catherine, S.A.R.L.»

VOX
21.15 (18 anos)
«Os Teatros Eróticos de Paris»

PROMOTORA
19.00, 21.00 (18 anos)
«Adeus Irmão Cruel»

OLÍMPIA
21.00 (18 anos)
«Salão Elisabeth»

SATÉLITE
19.00, 21.15 (13 anos)
«Eram os Deuses Astronautas»

LINHA DE CASCAIS

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Não Desejarás a Mulher do Delicadinho»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos
«O Porteiro da Noite»

ESTORIL
Palácio
21.15 (13 anos)
«Breve Encontro»

CASCAIS
S.José
21.15 (14 anos)
«Deus Perdoa... Eu Não»

CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Meu Deus ao que eu Cheguei».

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (18 anos)
«A Mulher o Amor e o Ódio»

AMADORA
Cinestúdio
21.30 (13 anos)
«Eram os Deuses Astronautas?»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (14 anos)
«O Seu Nome Era Espírito Santo»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Cenas da Vida Conjugal»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (6 anos)
«Os Dois Missionários»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«A Rival»

ESTÚDIO 400
21.15 (18 anos)
«Mulheres apaixonadas»

SALÃO BEBÉ
21.15 (18 anos)
«A Terra Prometida»

ÁGUIA DE OURO
21 15 (15 anos)
«Passado Inesquecível»

BATALHA
21.15 (18 anos)
«A Mulher, o Amor e Ódio

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Amores sem Freio»

COLISEU
21.15 (18 anos)
«A Cidade em Fúria»

CARLOS ALBERTO
21.15 (13 anos)
«Mos Monsieur Verdou»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«A Esposa Comprada»

JÚLIO DINIS
17.45 e 21.15 (18 anos)
«Desenhos Picantes»

CIRCO MEXICANO
22.00 (10 anos)
«Circo Mexicano»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O Amante»

RIVOLI
21.15 (6 anos)
«A Mostarda Sobe-me ao Nariz»

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Western Porno»

S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«A Freira de Monza»

TRINDADE
21.16 (13 anos)
«A Filha de Ryan»

VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«A Pistola»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Saló ou 120 Dias de Sodoma»

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Chove em Santiago»

S. TEOTÓNIO
21.15 (13 anos)

TIVOLI «Os Dez Mandamentos»
(13 anos)
«Amor nao me faças mal»

cinemas ● cinemas ● cinemas

ALVALADE

T. 897480 14.15,16.30,18.45 e 21.15

Luis de Funés em

AS FÉRIAS GRANDES

Um filme de Jean Giraut

5.ª Semana

Para todos

APOLO 70

T.763319 14,16.30,19 e 21.15

Nao acons. a men. de 13 anos)
Vittorio Gassman, Alessandro Momo
Agostina Belli

PERFUME DE MULHER

Um filme de Dino Risi

Hoje as 24,00 horas - Grupo D (18 anos)

MATADOURO 5

AVIS

T.47163 15.15. 18.15 e 21.15

Não acons. men. 13 anos
25.ª Semana
BOBBY
A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

BERNA

T.776098 14,16.30,19 e 21.15

A frustraçao dos que nao têm e a alegria dos que têm...

O ÚNICO HOMEM COM TODOS...

um filme de Ralph Thomas

CALEIDOSCÓPIO

T.795093 14, 16.30, 19 e 21.15

Nao acons. men 18 anos

Al Pacino em

UM DIA DE CÃO

7.ª Semana

Um filme de Sidney Lumet

D. JOÃO V
DAMAIA

T.971794 21.00

Nao acons. a menores de 18 anos

AS NOITES LOUCAS DO HOTEL LUA DE MEL

CASINO ESTORIL

T.264996 1 264996 17.00 e 21.15

Maiores de 13 anos

CHAMADA PARA A MORTE

CASTIL

T.530194 15.17.19 e 21.15

UM AMOR COMO O NOSSO
(Un amour comme le notre)

Um filme de Andrée Marchand
Int. men. de 18 anos

Este filme pode ser considerado pornográfico

Hoje as 24 h ante-estreia
ATÉ OS BICHINHOS GOSTAM
(Int men. 18 anos

CONDES

T.322523

Às 14.00. 16 30 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
Num ambiente escaldante...
OURO
2.ª Semana

C/Roger More, Susannah York, Ray Millano

EDEN

T.320768 14.45, 18.00, 21.15

Jamais o cinema indiano foi tão longe!

2.ª semana

FOGO REAL

O filme empolgante de Ramesh Sippy
Não acons. men. de 18 anos

ESTÚDIO

T.779095 14.30,16.45,19,21.15 e 24

Não acons. men. 13 anos
O PROCESSO DIMITROV
O julgamento do século

2.ª Semana

ESTÚDIO 444

T. ... 14.30, 16.45, 19.00, 21.15

Interdito a menores de 18 anos
EXIBIÇÃO
2.ª Semana
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

IMPÉRIO

Tel. 555134/5 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A actriz mais sensual da actualidade LAURA ANTONELLI

MEU DEUS, AO QUE EU CHEGUEI!

Um mestre do cinema italiano
LUIGI COMENCINI

2.ª Semana

LONDRES

Tel. 801313 14,16.30,19 e 21.30

Nao acons. m. 13 anos

Atençao: o filme é exibido logo no início da sessão

A FLAUTA MÁGICA

Hoje as 24.00 Int. men. 18 a.

SALOON KITTY

MUNDIAL

Tel. 538743 14.16.30,19 e 21.30

Não acons. a menores de 13 anos

NÃO HÁ AZAR

Uma enorme explosão de riso

NIMAS

Tel. 574313/574313
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. men. 18 anos

CHOVE EM SANTIAGO

5.º mês de lotações esgotadas

O Chile de Allende e Pinochet

ODEON

Tel. 326283 15.15, 18 15 e 21.15

Nao acons. a men 18 anos

O PECADO SERVE-SE QUENTE

com Senta Berger em toda a verdade de uma orgia escondida...

PATHÉ

Tel. 821933 15.00, 18.00, 21.15

Uma dimensão exacta de amor, com mistura de pecado e inocência!
AAINA

2.ª Semana

Um filme de K. Balachander
Não acons. a menores de 13 anos

POLITEAMA

Tel. 323805 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

Interdito men. 18 anos
3.ª Semana
PROSTITUIÇÃO CLANDESTINA
(Cont. cenas eventualmente chocantes)

RESTELO

Tel. 610376 As 21.00

Nao acons. men 18 anos

CATHERINE, S.A.R.L.

ROMA

Tel. 727778 15 30. 18 30 e 21 15

A RAPARIGA DA ORQUÍDEA

um filme de Patrice Chereau
(Nao acons. a men. de 18 anos)

ROXY

Tel. 48560 14.15 16 30,18.45 e 21.15

A linguagem do amor em muitas nuances.
ALFIE DARLING

um filme de Ken Hughes

Nao acons. a men. 18 anos

S. JORGE

Tel. 554153 15.15, 18.15, 21.15

O mais espectacular filme do nosso tempo!
ROLLERBALL
De Norman Jewison com James Caan.
(2.ª semana)

TIVOLI

Tel. 570595 15.15, 18,30 e 21.15

Das profundezas do oceano surge o mais grandioso de todos os filmes!

20.000 LÉGUAS SUBMARINAS

um filme de Richard Fleischer

Nao acons. a men. de 13 anos

UNIVERSAL

Tel. 774402

As 15 As 21 horas
VIRIDIANA
Às 17 e 23 horas
NÚMERO DOIS
o último filme de Jean-Luc Godard
(Nao acons men 18 anos)
As 19 horas
CABEÇAS CORTADAS
um filme de Glauber Rocha
00.30 (M/18 anos)
«O Criado»

rádio

1.º Programa
16.00: Música variada; **17.00**: Conjuntos; **18.00**: Música portuguesa; **19.00**: Cantorias; **19.30**: Música variada; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Orquestras; **21.00**: Contraponto editorial; **23.05**: Rádio revista, por Luís Pereira de Sousa; **00.00**: Último jornal; **00.30**: Jazz; **01.00**: Música na noite.

2.º Programa
16.00: O Quinteto n.º 5, em ré maior, K. 593, de Mozart; **16.30**: Pequenas obras de grandes compositores; **17.00**: A orquestra «Academia de St. Martin-in-the-Fields»; **17.30**: Efeméride; **18.07**: A pianista Guiomar Novaes; **18.30**: Transmissao directa do Teatro S.Luiz de um concerto integrado na «Quinzena Francesa»; **21.30**: Que quer ouvir?; **22.30**: Música; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.48**: Sonata op. 16, n.º 1, em ré maior, de Johann Christian Bach; **01.00**: Fecho.

3.º Programa
Nacional e Regional (294 m)
16.00: Variante (continuação); **16.15**: Casos ao acaso; **16.40**: Disco... rendo; **17.15**: Vamos ao médico; **17.30**: Cinema em variante; **18.00**: Contacto; **21.15**: Hora luterana; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.00**: Nocturno; **02.00**: Fecho.

3.º Programa
Local (187,5 m)
18.00: Entardecer; **19.00**: Entardecer; **19.30**: O diálogo de sábado (repetição); **21.00**: Fecho.

4.º Programa
19.00: Em órbita; **20.00**: Programa da noite; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA
16.00: Noticiário; **16.05**: Sequência da tarde; **18.08**: Apelos; **18.15**: Igreja em notícia palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos da Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **21.05**: Pentagrama; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.05**: Trifónico; **23.30**: Dicionário político; **00.00**: Meditando; **02.00**: Encerramento da estação.

BIBLIOTECA DA CINEMATECA NACIONAL
Abertura ao público das 14 às 20 horas de 2.ª a 6.ª feira
INSTITUTO PORTUGUÊS DE CINEMA
Rua de S. Pedro de Alcântara, 45 - 1.º
LISBOA-2

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA está à venda no CAFÉ REMO

Em LAGOS o DIARIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE de LAGOS

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S A R L
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.°, 2.°
TELEF 656531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TECNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END TEL DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

O passado e o presente

Meus companheiros de jornada, meus amigos de infância, meus camaradas de juventude, meus irmãos ideológicos. Onde estais?

Aos que morreram seguros do amanhã, lanço uma flor de saudade.

Meus companheiros de cela, de luta, de manifestações, de sacrifício por um mundo melhor. Onde estais?

Aos que continuam no seu posto, intransigentemente, teimosamente, envio um abraço de amizade.

Meus amigos que sonharam com a transformação do homem e do mundo. Onde estais?

Aos que permaneceram perseguindo esse sonho de juventude, eu vos saúdo.

Meus camaradas e meus irmãos de combate que se não passaram para o inimigo, para o oportunismo, para o egoísmo, para o indiferentismo. Onde estais?

Aos que não traíram a sua juventude, aos que se não venderam, aos que no essencial se conservaram iguais a si próprios, eu vos envio a minha grata amizade.

Convosco me sentirei mais forte para alinhar com a juventude que prosseguirá a caminhada para o futuro. Certo.

MANUEL DE AZEVEDO

Sobreviventes do Tarrafal promovem desfile

Os sobreviventes do Tarrafal promovem esta tarde, às 15 horas, um desfile automóvel por vários bairros de Lisboa, durante o qual distribuirão um manifesto lembrando o que foi aquela prisão salazarista.

Esta iniciativa foi decidida ontem, na sessão comemorativa do 40.º aniversário da inauguração pelo regime salazarista do «Campo da Morte Lenta», como era conhecido o Tarrafal.

A sessão, realizada na Voz do Operário, reuniu muitos antifascistas e nomeadamente alguns dos sobreviventes daquele campo de concentração, como João Faria Borda, que participou na Revolta dos Marinheiros e por isso fez parte do primeiro grupo de antifascistas desterrados para o campo, onde esteve 18 anos, Manuel Alpedrinha, Francisco Miguel e Correia Pires.

Durante a sessão comemorativa foi tónica dominante a vontade dos sobreviventes do Tarrafal de ver definitivamente castigados os responsáveis pela criação e funcionamento do campo de concentração, bem como a exemplar punição de todos os que com eles colaboraram e ainda de todos os que, pelos mais diversos meios, procuram hoje regressar ao passado.

EM LISBOA

Romenos discutiram segurança europeia

. artiu hoje de Lisboa uma delegação romena, que se deslocou ao nosso país para discutir com autoridades do Ministério dos Negócios Estrangeiros a preparação da 2.ª fase da Conferência sobre Segurança e Cooperação Europeia.

A delegação, presidida pelo embaixador Valentin Lipatti chefe da delegação romena na C.S.C.E., foi também recebida pelo ministro Medeiros Ferreira, antes de regressar ao seu país.

A 2.ª fase da Conferência sobre Segurança e Cooperação Europeia decorrerá em Belgrado, na Jugoslávia, durante 1977.

SURDEZ?

Sofre deste flagelo? Porque espera ?
VIENNATONE dispõe dos mais modernos e eficientes aparelhos para a correcção da SURDEZ
Ainda que o seu caso seja o mais difícil faça uma experiência GRÁTIS e sem qualquer compromisso
VIENNATONE
AVENIDA DE ROMA, 29, 1.º — LISBOA

PNEUS
DE TODAS AS MARCAS
AOS MELHORES PREÇOS
SARAIVA & GONZALEZ LDA
AV DUQUE DE AVILA 26-B
TELF 531094 LISBOA

Conferência da Reforma Agrária

Continuação da pág 1

das transformações operadas na zona da Reforma Agrária, e desmentem as previsões catastróficas de forças muito pouco interessadas no futuro da democracia e do socialismo, suscitam da parte dos trabalhadores o desejo de que o Governo passe finalmente a apoiar e a investir na Reforma Agrária, «que constitui um sector determinante no arranque para uma agricultura moderna e desenvolvida».

DESOCUPACÕES: ALGUNS CASOS CONTROVERSOS

Foram também revelados dados que permitem traçar com rigor o balanço das expropriações e desocupações já efectuadas e a efectuar. De acordo com esses elementos, a área ocupada é de 11.408.000 hectares, enquanto a área expropriada é de 1.640.000 hectares.

Setecentes e vinte e um mil hectares estão por expropriar, a maior parte dos quais (cerca de 499.000) se encontram ainda ilegalmente na posse dos latifundiários. Os trabalhadores exigem por isso que seja cumprida a lei da Reforma Agrária — cuja suspensão foi recentemente pedida pelo CDS na Assembleia da República —, aguardando a rápida expropriação dessas terras, e a sua entrega a quem as trabalha.

Foi também traçado um balanço das desocupações levadas a cabo na zona da Reforma Agrária. Sabe-se agora que a área total das herdades reclamadas pelos agrários, em relação à área total ocupada pelas unidades colectivas de produção é de apenas 1,9 por cento, percentagem esta correspondente a 21.631 hectares, nos distritos acima referidos, contra 1.140.800 hectares.

«Os trabalhadores, com a sua elevada maturidade política e sentido das responsabilidades, e com a sua firmeza revolucionária, derrotaram as manobras dos agrários e demais reaccionários», afirmou-se esta manhã, durante a Conferência, numa referência clara ao que foi qualificado de «larga manobra provocatória montada pelas forças reaccionárias com a cobertura dos meios de comunicação social ao seu serviço» a pretexto das desocupações.

O que aconteceu e acontece na realidade — foi lembrado hoje — é que os casos em discussão têm sido resolvidos através de negociações, caso a caso, «com serenidade mas também com firmeza». No que respeita à área reclamada pelos agrários, muitos foram os casos resolvidos a favor dos trabalhadores, em virtude das reclamações, não corresponderem à verdade. Controversos são apenas os casos de ocupação por motivos de sabotagem económica evidente, que segundo os trabalhadores, «o Governo teima em resolver a favor dos agrários».

Durante o plenário realizado esta manhã, após a sessão de abertura, foi debatido um documento focando os aspectos da luta pela Reforma Agrária antes e depois do 25 de Abril, e traçado um balanço da solidariedade com a Reforma Agrária.

Segundo se afirmou, a solidariedade activa para com as transformações operadas naquela zona abrangeu muitos milhares de operários das indústrias, trabalhadores agrícolas de outros distritos, pequenos e médios agricultores de todo o País, técnicos progressistas, elementos progressistas radicados em outros países, organizações de classe dos países socialistas e grupos diversos da população.

s de pessoas de todas as categorias profissionais participaram em jornadas voluntárias de fins-de-semana, dando o seu contributo para a colheita da azeitona, do grão, de tomate, de laranjas, etc., e na limpeza dos terrenos. Centenas de técnicos progressistas têm dado o seu apoio, como especialistas, na organização da contabilidade, na assistência médica, na resolução de problemas de produção e na construção de obras de engenharia.

Uns e outros deram já à Reforma Agrária mais de 10.000 dias de trabalho voluntário.

Foi destacada a contribuição dada pelas comissões de operários de indústria, através da recolha de dinheiro para compra de máquinas que foram oferecidas às unidades colectivas de produção e cooperativas mais necessitadas, bem como a recolha de fundos para a Reforma Agrária e a criação de um Fundo de Apoio à Reforma Agrária.

Até agora, já foram entregues aos trabalhadores agrícolas desta zona mais de 177.000 contos em dinheiro, máquinas, adubos e sementes. Esta contribuição cabe em grande parte (170.000 contos) aos países socialistas, com destaque para a União Soviética, cujas ofertas se cifram em 259 máquinas e alfaias agrícolas, mais de 70 toneladas de sementes seleccionadas de trigo, arroz, milho e girassol, e cerca de mil doses de sémen de gado bovino. A URSS forneceu também formação profissional, designadamente insemainação artificial, aplicação de sementes, mecânica e máquinas.

«Estas ofertas e apoios vários têm de continuar e intensificar-se. O reforço e a generalização de formas concretas de apoio material à Reforma Agrária deve tornar-se uma tarefa de primeira linha do sector operário». Concluiu-se na tese debatida esta manhã, sobre solidariedade.

Durante a tarde, o debate organizou-se por secções, versando os seguintes temas: organização e quadros; unidades colectivas de produção: desanexações, indemnizações, taxas e impostos; orientação para a produção; lei da Reforma Agrária: expropriações; crédito agrícola: necessidade da definição de uma política; contabilidade e gestão nas UCTs; comercialização: preços, armazenagem, escoamento; salários e regalias sociais.

Esta noite, haverá canto livre na Horta do Bispo, local onde decorre a Conferência, encerrando-se assim a primeira sessão.

Amanhã, domingo, continuarão os debates nas secções, e serão votadas as respectivas conclusões. A Conferência encerra à tarde, com plenário para leitura das conclusões às 15 e 30, seguido de comício público com a presença de Álvaro Cunhal, especialmente convidado pelo contributo dado à Reforma Agrária.

Os resultados positivos da Reforma Agrária são uma realidade. A consciência política e a firmeza dos trabalhadores desmentem o cepticismo dos que são contra a democracia e o socialismo

Novo chefe de Estado-Maior em Espanha

. MADRID, 30 (FP) — O general Ramon Cuadra Medina, 66 anos, comandante-chefe das ilhas Canárias, foi nomeado chefe do Estado-Maior do Exército pelo conselho dos ministros reunido na sexta-feira em Madrid.

Por outro lado, o Conselho de ministros nomeou o general Tomás de Liniers, de 63 anos, comandante-chefe das ilhas Canárias, em substituição do general Cuadra Medina.

Tome lá Tome cá

TUDO ISTO É FADO

A televisão apresentou um programa de fado. Até aqui não tínhamos nada a argumentar. Cada qual dá aquilo que pode e a mais não é obrigado.

Agora o que nos parece escandaloso é que nesse programa tenham aparecido ou vão aparecer João Braga (fugiu para Espanha) e João Ferreira Rosa que também se «pirou» depois do 25 de Abril. Já regressaram e até já vão cantar na RTP. Tudo isto existe, tudo isto é triste, tudo isto é fado!

A GARGALHADA

«O livro é publicado em Maio, esgotado em Junho e proibido em Julho! A única crítica é a gargalhada», escrevia Ramalho Ortigão acerca de um folheto publicado na altura. Esperemos que não aconteça o mesmo agora, com o «Acuso» de um sr. acusado de... Porque ainda hoje a nossa única crítica seria uma grande gargalhada.

PORQUÊ?

O general Kaúlza de Arriaga esteve três dias em Londres «a convite de pessoas da sua amizade». O diário da manhã «O Dia» considerou isso uma notícia. Porquê?

Congressos políticos

Continuação da pág. 1

de Sá Carneiro passar a presidente da organização (cargo e funções que o Congresso deverá estabelecer), sucedendo-lhe como secretário-geral muito provavelmente Magalhães Mota.

Embora os mais dos trabalhos decorram em segredo, amanhã à tarde, o Congresso vai tratar da situação política actual e ao debate poderão assistir os representantes dos órgãos de informação. Sá Carneiro fará uma exposição.

VII CONGRESSO DO PCP

. O «leader» parlamentar do Partido Socialista, Salgado Zenha encabeça a delegação do PS convidada a participar no VIII Congresso do PCP.

Segundo uma nota da SIP do PC, integrarão também a delegação do PS Jaime Gama, Aires Rodrigues e Catanho Menezes. Por seu tirno, a Intervenção Socialista enviará ao referido Congresso José Vicente e José Luís Santos Lima. A Liga Comunista Internacionalista, também convidada para assistir enviará dois dos seus dirigentes: João Carlos Cabral Fernandes e António Cunha Brandão.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA
MÊS ANTERIOR: 39 984 EXS

Hotel Quarteirasol

Tem sempre algo mais a oferecer-lhe
QUARTOS E APARTAMENTOS
PISCINAS
BARES — SNAK BARES
RESTAURANTES
BOLING — Agora a funcionar todo o ano
DISCOTECA — COMBOIO — Única no Algarve
(Aberta todo o ano)
E os apreciados Restaurantes
LOTUS — COZINHA CHINESA
BEACHCOMBER
com conjunto privativo
Entre no «Clube» das pessoas de bom gosto
frequentando o HOTEL QUARTEIRASOL
Telef. 65421 Telex 16109
QUARTEIRA — ALGARVE

o fiel
desaparecido

30 DE OUTUBRO
DE 1976

sete
PONTO
sete

AGENDA SEMANAL DL DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

suplemento semanal

sete PONTO sete

a PONTO e vírgula — **Livros** — luís de miranda rocha — 8

cinema — jorge leitão ramos — 9

CINE-PONTO

T.V. PONTO — **televisão** — 11

Música: — mário vieira de carvalho — 11

Lisboa, 30 a 5 de Novembro de 1976

Orientação gráfica de Rodil Garcia

O anúncio infiel

Desapareceu, entre a Groenlândia e a Costa da Caparica. Vestia pele cinzenta sobre lascas, sem rabo. Qualquer informação do paradeiro deve ser telegrafada para este suplemento. Por favor, não informar as cantinas da Polícia ou da GNR

Amigo da Onça

Decidimos fazer hoje um Suplemento todo ele voltado para o bacalhau. E é justo. Há muito tempo que o leitor não vê o «fiel amigo», e deve ter saudades. E a saudade mata a gente.

A pensar no grão-de-bico que ainda guarda na despensa, aqui lhe deixamos um cheirinho a bacalhau, com uma caterva de receitas para o preparar.

Vamos um pouco mais longe e oferecemos-lhe de bandeja, que é como quem diz, nas centrais, uma Bacalhoada (cumpra as regras do jogo e veja se tem sorte, porque se perde terá de pagar em géneros...).

Por falar em bacalhau: na última página, uma «caldeirada à moda de S. Bento», com enguias, peixes-espadas, Xaputas, tubarões e, até, um bacalhau.

Entretanto, e ao longo deste Sete-Ponto Sete, a boa companhia dos «Livros», «Cinema», «Música» E «Televisão» para toda a semana.

No próximo número, faremos uma abordagem do momentoso problema das casas de penhores (vulgo prego) em Lisboa: a sua situação é muito delicada, para penhoristas e mutuários.

É preciso dizer que «mutuário» é uma maneira de tratar (com respeito) o «aflito».

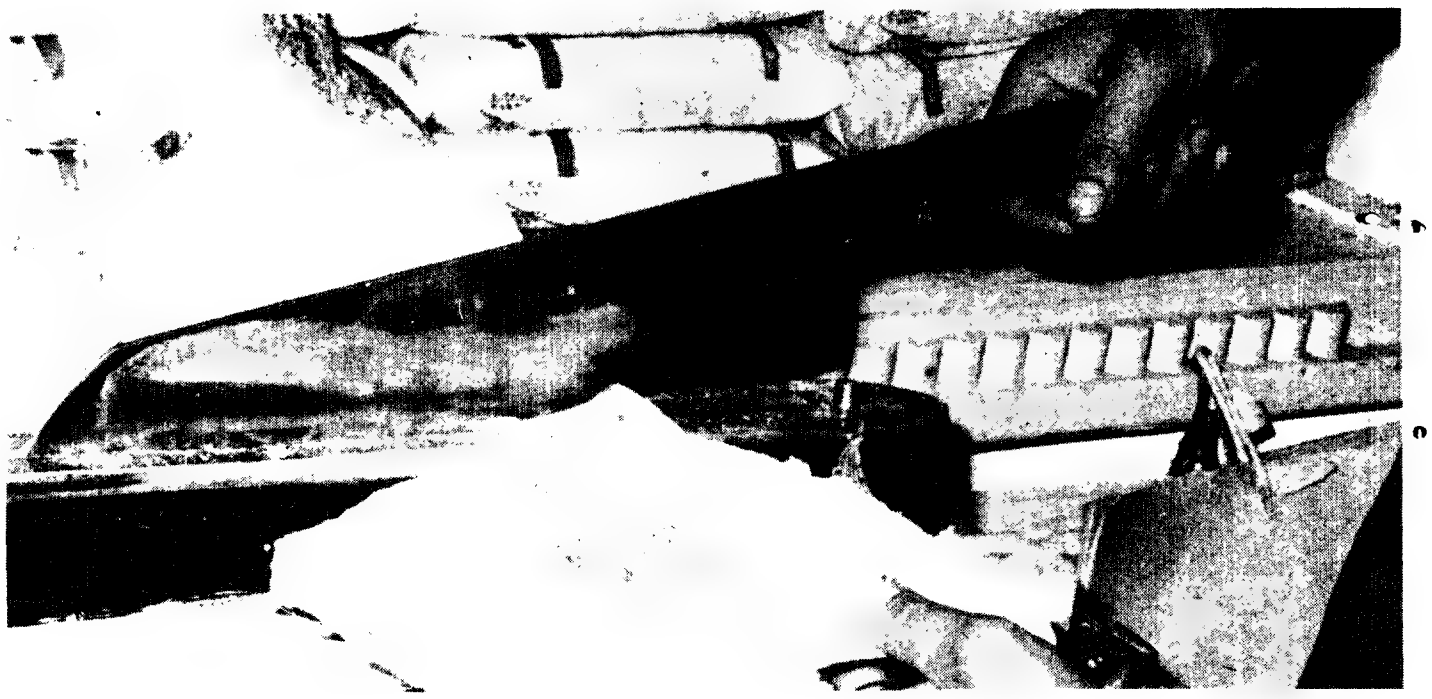
Encontramo-nos no sábado em ponto, ou na segunda-feira à porta do prego, para perguntar ao usurário «umas coisinhas».

No princípio, era o bacalhau

No princípio era o bacalhau.
Conta-se que Afonso Henriques, subitamente desejoso de saborear em pleno campo de batalha um bacalhau à Gomez de Saa, disse ao capitão-mor do seu exército em Ourique:
«Entretenham-me aí esses infuéis que eu vou ali ao fiel e já venho.»
As hostes lusas, formadas naquele célebre quadrado que Nun'Álvares Pereira mais tarde inventaria para fazer pirraça ao ataque do Real Madrid, esperaram duas largas horas que o monarca fundador deglutisse.
Reza um cronicão não tão apócrifo como isso: «E El-rei Nosso Senhor, tendo morfado duas arrobas do redolente Saa...» O que levaremos à conta de apetite sólido, perfeitamente minhoto.
O neto de Afonso Henriques, cognominado «O Gordo», foi ainda mais devorador no que concerne ao peixe da TerraNova. Não havia pernada que ele não celebrasse com meia dúzia de postas. Não se casava açafata da Corte que não aparecesse à mesa, diante do «fauteuil» de orquestra então chamado «trono» e que era privativo do cóccix real, um panelão de migas de bacalhau temperado à vara larga com azeite de oliva. Uma velha anedota transmitida de geração em geração até aos tempos de Afonso III sugere que o mestre de Finanças, antepassado recuado do dr. Medina Carreira, perguntou de uma vez ao rei gordo:
«Vossa Majestade que destino quer dar ao **superavit** orçamental?»
O neto de Afonso Henriques pensou, pensou (era o seu exercício favorito para emagrecer, quando tinha tempo) e disse:
«Pões dois mil cruzados de parte para uma aflição e o resto fazes favor mandas aplicar numa aquisição de que a minha mesa muito carece: pastelinhos de bacalhau.»
É claro que um tunante destes não adelgaçava nem à lei de Deus Padre, de onde o epíteto com que passou à História. O filho segundo, terceiro de nome Afonso, educado na estranja e perito em comidas finas tipo bar, terá sido quem proibiu se contasse a anedota supra. Desdém geral dos fidalgos:
«Porcaria de rei que só come espargete!»
Esse, evidentemente, chamar-se-ia o «Bolonhês».

Continua na pág. 4

Pantagruel do peixe é espanhol



Não há provavelmente povo mais apreciador de peixe que o espanhol. Desde o bacalhau «al pil-pil» do País Basco até à pescada à moda de Castellón, passando pelas anchovas na caçarola, também bascas, e pelo rodovalho à malaguenha, forte de manteiga e pimenta, é um nunca acabar de invenções marinheiras que deixam a perder de vista a nossa culinária.

O bacalhau «al pil-pil» costuma cair mal no goto do turista português que, menos versado em línguas do que pretende afectar, julga estar perante um prato condimentado com piri-piri. Ora o piripiri não entra nesta delícia dos deuses: o que entra, e em dose maciça, é a paciência da cozinheira... Um pouco de saber enciclopédico não faz mal a ninguém. O bacalhau «al pil-pil» leva aproximadamente um quilo de peixe para quatro/cinco pessoas, demolhado lentamente depois de cortado às postas pequenas, e tendo-se o cuidado de mudar várias vezes de água.

Terminada esta operação, que leva o tempo necessário para dessalgar o bacalhau ao paladar da cozinheira, põem-se as postas num tacho em lume brando, sem exagerar.

Entretanto, numa sertã, deita-se meia dúzia de dentes de alho afogados em azeite, que vão a fritar. Depois de fritos tiram-se da sertã para um pires e deixam-se arrefecer.

É altura de prestar novamente atenção ao bacalhau. Põem-se as postas na sertã, com a pele mais grossa para cima, começando-se a cozinha-las em definitivo. Um pouco de azeite basta, mas é preciso ir acrescentando a água onde o bacalhau demolhou. Mão hábil conseguirá dar movimentos regulares (e circulares) à sertã, até se formar, mediante adição dos alhos, um molho espesso esbranquiçado, que é esse sim, o «pil-pil», chamado «chir-chir» no País Basco do lado de França. O molho obtém-se com paciência, à base de jeito, sabendo usar a sertã — e aqui tem toda a importância o «olho clínico» dos bascos, desdenhosos da maneira feminina como os extremos, por exemplo, fazem «tortillas» de batata (a crítica, atenção, traz a marca de Bilbau e Zarauz...).

O rodovalho à malaguenha leva um monte de hortaliça capaz de tirar o fôlego ao mais pintado dos vegetarianos. Entretanto o seu segredo está nos temperos: pimenta moída na ocasião, de preferência branca, e manteiga em quantidade elefantina. O «toque» final seria alemão, hamburguês para sermos mais explícitos, se não estivéssemos debruçados sobre o Mediterrâneo, a suar as estopinhas de 38 graus à sombra. O certo é que, hoje por hoje, apenas os restaurantes alemães de Torremolinos e Marbella se atrevem a pôr este rodovalho nos menus, pois a capital da província, excepção feita às frituras de peixe e ao marisco (mínimo) das cervejarias, entrou decididamente na hora europeia, isto é, na sensaboria do frango assado e do bife linfático com molho «à moderna».

Se quisermos continuar a considerá-lo, porém, um prato malaguenho, então a receita vale a pena conhecer-se. Ingredientes: o rodovalho, claro, singular ou plural; uma cebola; três gemas de ovo; uma colher de natas frescas; salsa; 600 gramas de batatas (para 4/5 pessoas) pequenas; 100 gramas de manteiga.

O peixe põe-se num tacho largo, cobre-se com água e tempera-se com sal, acrescentando-se depois a cebola inteira. Tudo isto vai a cozer vinte minutos. Ao lado prepara-se o molho. Três colheres do caldo onde cozeu o rodovalho constituirão o «fundo», a que se juntam as gemas e alguma pimenta. Este molho deve ganhar consistência a fogo brando, usando-se uma colher para mexê-lo bastante (há quem se sirva do batedor). Só está bom quando se parecer com o vulgar molho branco, o que leva ainda manteiga à discrição.

A apresentação do rodovalho à malaguenha é a surpresa final: o peixe vem sobre um guardanapo branco, enfeitado a toda a volta com batata cortada em oval, e na boca do «falecido» haverá de entalar-se um raminho de salsa e uma rodela de limão. A mesa é que se junta o molho. Numa travessa à parte vêm as verduras cozidas. Muitas!

Em Lisboa, tirando os escassos pequenos restaurantes da beira-rio que não hesitam em pôr a mão galega ao serviço do peixe lusitano, nada se sabe destes primores de cozinha. Já comemos, algures na capital, um bacalhau à biscaínha que de biscainho só tinha o bacalhau, assim ao modo das «paellas» que enxameiam pelos balcões dos «snack» e são tão valencianas como a torre de Belém. Temos pouca sorte: em peixe, quando resolvemos torcer o nariz às receitas portuguesas, e torcemo-lo cada vez mais, entregamo-nos sem condições aos franceses, esses chantres da vulgaridade disfarçada. Espanha, de onde se diz que não vem bom casamento, podia ensinar-nos muita coisa.

um problema de culto

Continuação da pág 3

Oito séculos correram. Milhões de portugueses foram nascendo, vivendo e morrendo no culto do bacalhau. Lugres partiam para os mares do Norte em busca do «fiel amigo». Um mais ousado deu a volta ao mundo comandado pelo infatigável capitão Magalhães, antigo pescador á linha, enquanto o secretário da comissão reguladora dessa altura, Gama, perdia a cabeça atrás de um cardume e assomava às praias da India, onde o marajá de Sarapatel pretendeu obsquiá-lo com um picante cabrito «à la mode de chez Ramakrishna», delicioso porém puxavante de mais. Gama não esteve com meias medidas: conhecendo de outiva um poeta jeitoso, Luís de Camões, encomendou-lhe um artigo lixado contra o marajá que, por distracção do lírico ou influência das musas líquidas, resultaria nas primeiras quinze estrofes do tal poema em dez cantos.

Eis algumas boas razões para chorarmos hoje, ano de graça de 1976, o trágico desaparecimento do bacalhau. Onde pára, por onde nada, que recôndito «coté» arranjaria para desovar? Levou sumiço, não há dúvida mas como substituí-lo à refeição? Que outros peixes, ou mesmo imitações, poderemos usar na culinária portuguesa? O carapau? É reimoso. A chaputa? Tem pronúncia difícil. A sarda? Faz aftas que se farta. A lagosta? Consta que existe, mas só em gravuras oitocentistas. Enfim, restaria o frango se por caso os aviários fossem debaixo de água, o que não é visivelmente o caso.

Compreendendo o drama dos seus leitores, este suplemento iniciou uma recolha urgente de receitas que, na falta do agora fiel desaparecido, poderão minorar as profundas angústias das donas de casa e similares. Oxalá sirvam: a alternativa é um levantamento de rancho à escala nacional.

«Se bem me lembro... Há 30 anos que não provava azeite tão bom!»

Copaz, o azeite.

Algumas receitas de emergência

ARROZ DE ESPINHAS MALADRINHO

5 colheres, das de sopa, de azeite; 1 cebola grande, bem picada; 1 ramo de salsa; 1 dente de alho, muito picado; 1 folha de louro; 500 gramas de arroz; 2 espinhas grossas de bacalhau, mesmo antigas; sal ao paladar.
Põe-se num tacho o azeite, a cebola, a salsa, o alho e o louro, deixando-se refogar até ficar dourado. Escovam-se muito bem escovadas as espinhas, tendo o cuidado de não desperdiçar qualquer resquício alfativo de bacalhau.
Juntam-se as espinhas ao refogado e vai-se acrescentando, a pouco e pouco, a água suficiente para se obter mais ou menos 1 litro de calda. Deita-se o arroz na calda e, logo que tenha fervido alguns instantes, retira-se para o lado, onde acaba de cozer lentamente em fogo brando, sob a vigilância de um pelotão da G. N. R.
O arroz assim preparado fica o que vulgarmente se denomina «malandro» (sem ofensa), mas para quem o quiser solto mete-se no forno para secar algum tempo. Serve-se dentro de uma terrina guarnecida com arame farpado por causa das tentações.

ÓLEO DE FÍGADO DE BACALHAU À BORDALESA

1 frasco médio de óleo de fígado de bacalhau om receita da Caixa; 3 cebolas grandes, bem picadas; 3 dentes de alho, picadinhos; 2 decilitros e meio de azeite; 5 decilitros de vinho tinto maduro (verde na metade Norte do País), que seja bom; 2 colheres, das de sopa, bem cheias de salsa picada; 2 colheres, das de sopa, de vinagre; sal e pimenta ao paladar; 8 pães cortados em fatias, torradas no forno.
Depois de desarrolhado o frasco e vertido o conteúdo para uma vasilha de louça, acrescenta-se-lhe a salsa, o alho, o vinagre, o vinho tinto, sal e pimenta ao paladar, e deixa-se a tomar gosto durante cinco horas.
Entretanto faz-se um bom refogado com o azeite e a cebola. Quando esta ficar loira deitam-se-lhe o óleo de fígado de bacalhau e os temperos e deixa-se refogar tudo lentamente, acrescentando-se a pouco e pouco água suficiente para formar um molho abundante. As vizinhas, é sabido, farão queixa ao polícia de giro: «Aquela fúfia tem bacalhau em casa!» Diga que é lavagante, mas um lavagante muito especial criado em bancos de bacalhau, e que por causa disso não é preciso ir para a guerra como foram a Inglaterra e a Islândia. «Eu cá sou pacifista!» — grite se necessário.
Pouco antes de avançar para a mesa deve carregar-se um pouco mais nos temperos, consoante o gosto dos convivas, mas previamente volta ao lume a levantar fervura e retira-se logo para evitar que destalha. O pão é posto em camadas no fundo de uma terrina ou travessa funda. Serve-se bem quente.
Em certas casas costumam-se propor um jogo, que é o seguinte: quem achar uma espinha de bacalhau nesta receita à bordalesa tem direito a repetir. Antes do enunciado das regras, afinal bem simples, convém ver se por casualidade a terrina ou travessa funda não é o prato da comida do gato, onde está a coluna vertebral, devidamente escovada, da chaputa do mês passado.

«SOUFFLÉ» GRONELÂNDIA

1 espinha de bacalhau, média e já usada em cozinhados anteriores; 1 litro de leite (ou de alvaiade, se não houver leite que é o mais certo); 4 colheres, das de sopa, bem cheias de farinha de trigo; 100 gramas de manteiga ou margarina; 6 ovos; sal e pimenta ao paladar; 1 fole em bom estado.
Prepara-se um bom refogado com manteiga e cebola picada. Agarra-se no fole e dão-se três gaitadas (este vocabulário anda muito por baixo, desculpe) na espinha de bacalhau, a qual, uma vez soprada, isto é, «soufflée», volta para onde estava: dentro do cofre.
Misturada o refogado com o sopro da espinha, faz-se um bom creme com a farinha, o leite, as gemas, a manteiga, e sal e pimenta a gosto, e leva-se ao lume até formar um creme bem grosso. Junta-se este creme ao refogado, adicionam-se-lhe as claras em neve e despeja-se tudo num prato pirex bem untado com manteiga. Leva-se ao lume e, logo que o «soufflé» estiver bem enfolado e dourado, está pronto.
Algumas pessoas detestam «soufflé». Para esse tipo de convivas utilize o seguinte truque, simplicíssimo: diga que sobre a mesa, apesar do disfarce, repousa o equivalente a meia carga do bacalhoeiro «Santa Joana Princesa», cujos armadores são seus amigos; acrescenta que o disfarce foi um subterfúgio para enganar a vizinha do terceiro esquerdo, uma delatora sem escrúpulos. Se algum dos convivas fizer «ah!» aproveite para comentar: «Já sei, quer a receita! Eu depois dou-lha pelo telefone.»

FILETES DE ESPINHAS «SANS RIVAL»

1 ou 2 espinhas de bacalhau, ainda que pedidas emprestadas ao Tivoli-Jardim; 7 decilitros e meio de leite; 1 colher, das de sopa, rasa de manteiga ou margarina; 5 colheres, das de sopa, de farinha; pão ralado; sumo de limão a gosto; salsa frita e batatas palha em quantidade suficiente; sal ao paladar.
Depois de bem escovadas as espinhas, cortam-se em bocados não muito grossos. Temperam-se com sal e sumo de limão, borrifam-se com leite e ficam a tomar gosto durante duas ou três horas. Se as vizinhas perguntarem o que é que «cheira tão bem», responda: «É o gato que tomou banho.»
Põe-se ao lume um tacho com água temperada de sal e com 1 grão de pimenta. Logo que a água esteja a ferver, vão-se-lhe mergulhando os filetes de espinha um a um, pousados na escumadeira, para ganharem consistência. Conforme se vão retirando do tacho colocam-se numa travessa.
Faz-se um creme grosso com as gemas, a farinha, o leite, a manteiga ou margarina, uma pitada de pimenta e sal a gosto. Deixa-se arrefecer o creme. Barram-se todos os filetes, só de um lado, com este creme, de forma que fique uma camada de meio centímetro de espessura. Passam-se todos por ovos batidos, envolvem-se em pão ralado e fritam-se em azeite ou óleo bem quente. Servem-se acompanhados de salsa frita e batatas palha.
O Tivoli-Jardim, se emprestou as espinhas, vai telefonar a pedir que lhas devolvam. Diga à menina da recepção que houve um grande desastre no seu bairro, as ambulâncias entupiram a entrada da rua e não pode sair agora.

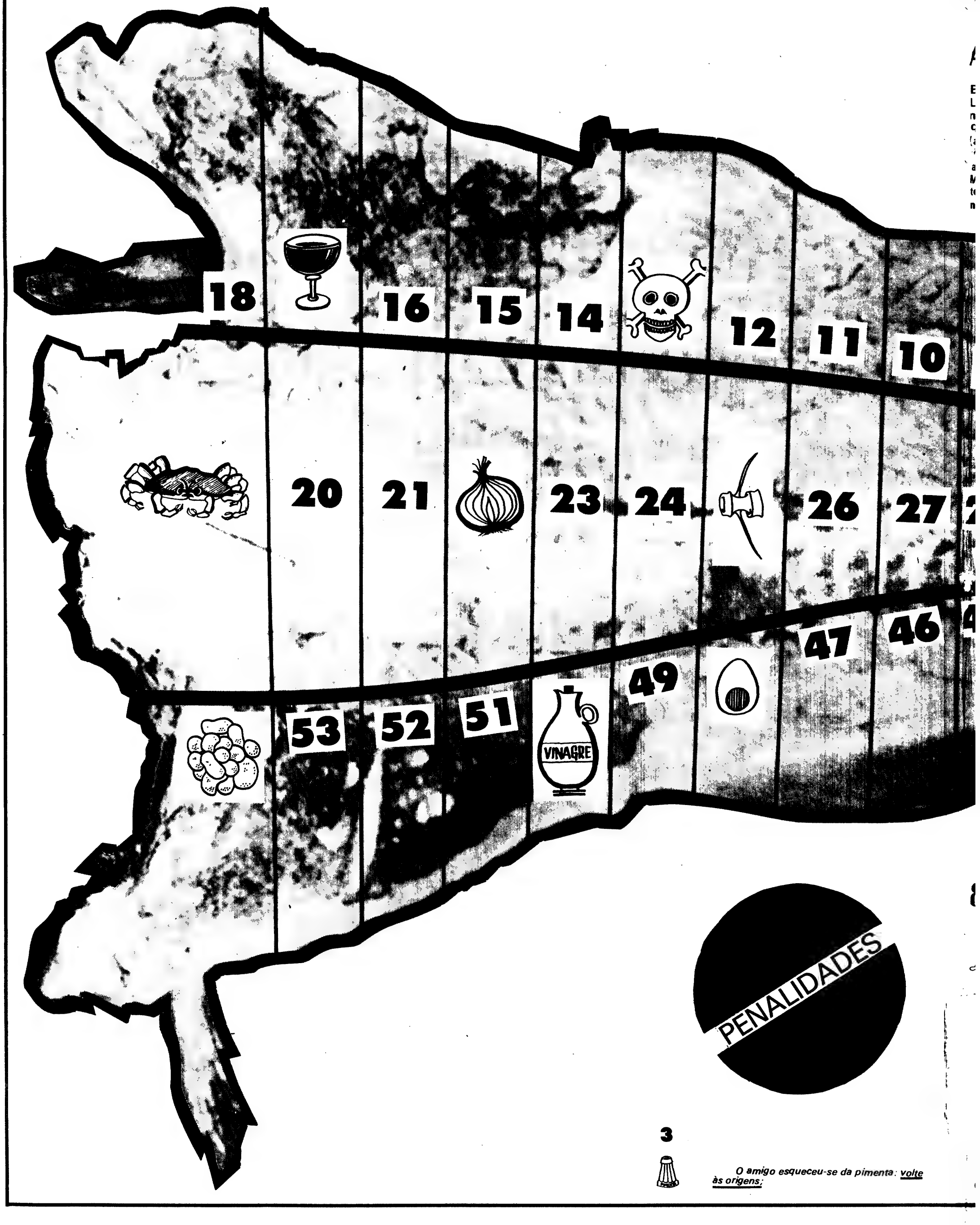
OMELETA «GIRONDINE» COM SURPRESA

8 ovos; toucinho fumado: «champignons» quanto basta; manteiga e azeite; salsa picada; 1 retrato tipo passe do sr. Henrique Tenreiro, conhecido almirante da antiga frota pesqueira nacional
Corta-se o toucinho em tiras muito finas, frita-se em azeite e junta-se aos «champignons» já refogados em manteiga, misturando-se-lhes ainda um pouco de salsa picada. Faz-se a omeleta como de costume, recheia-se com os «champignons», serve-se num prato aquecido, rega-se com o molho do refogado e enfeita-se com mais alguns «champignons».
Já na mesa, um grito: «Ninguém adivinha!» As pessoas põem-se a adivinhar, trocam sorrisos contrafeitos e espreitam para debaixo do guardanapo, onde não há nada. Nessa altura mostra-se o retrato tipo passe do sr. Henrique Tenreiro, que dá uma volta à mesa de mão em mão. «Bem me parecia» — dirá um dos convivas — «isto de bacalhau!»
Não tem, mas nove milhões de portugueses não pensam noutra coisa, a ponto de o deputado José Luís Nunes, grande «gourmet» nortenho, ter pedido num hotel do Algarve um «civet» de lebre muito do seu paladar e o empregado, distante, perfeitamente nas nuvens, vai e responde: «Não há.» Havia, segundo disse o «Expresso».

ESPINHAS DE FRICASSÉ

1 espinha de bacalhau de tamanho regular; 3 colheres, das de sopa, de azeite; 1 cebola grande, picada; 1 colher, das de sopa, de manteiga ou margarina; 1 colher, das de chá, de salsa picada; sal e pimenta ao paladar; 2 gemas; sumo de limão a gosto.
Depois de convenientemente escovada a espinha, corta-se em bocados e coze-se. Faz-se um refogar com o azeite, a manteiga ou margarina, a cebola, a salsa e uma pitada de pimenta. Logo que o refogado esteja pronto, coa-se, deita-se novamente no tacho e chamam-se as Produções Perdigão Queiroga para filmar o acontecimento. Junta-se a espinha, acrescenta-se com a água de a cozer que for necessária e ferve-se um pouco (não deve ferver muito, pois, se assim for, a espinha fica parecida com tabopan e não convém por causa da espionagem das vizinhas maldosas). Tira-se do lume, deixa-se arrefecer e incorporam-se-lhe as gemas batidas e a salsa picada. Volta ao lume a cozer as gemas, tempera-se com sumo de limão e serve-se numa terrina própria. Se o sr. Perdigão Queiroga pedir um bocadinho dá-se-lhe só um bocadinho porque pode tomar o gosto à coisa.

A BACA



PENALIDADES

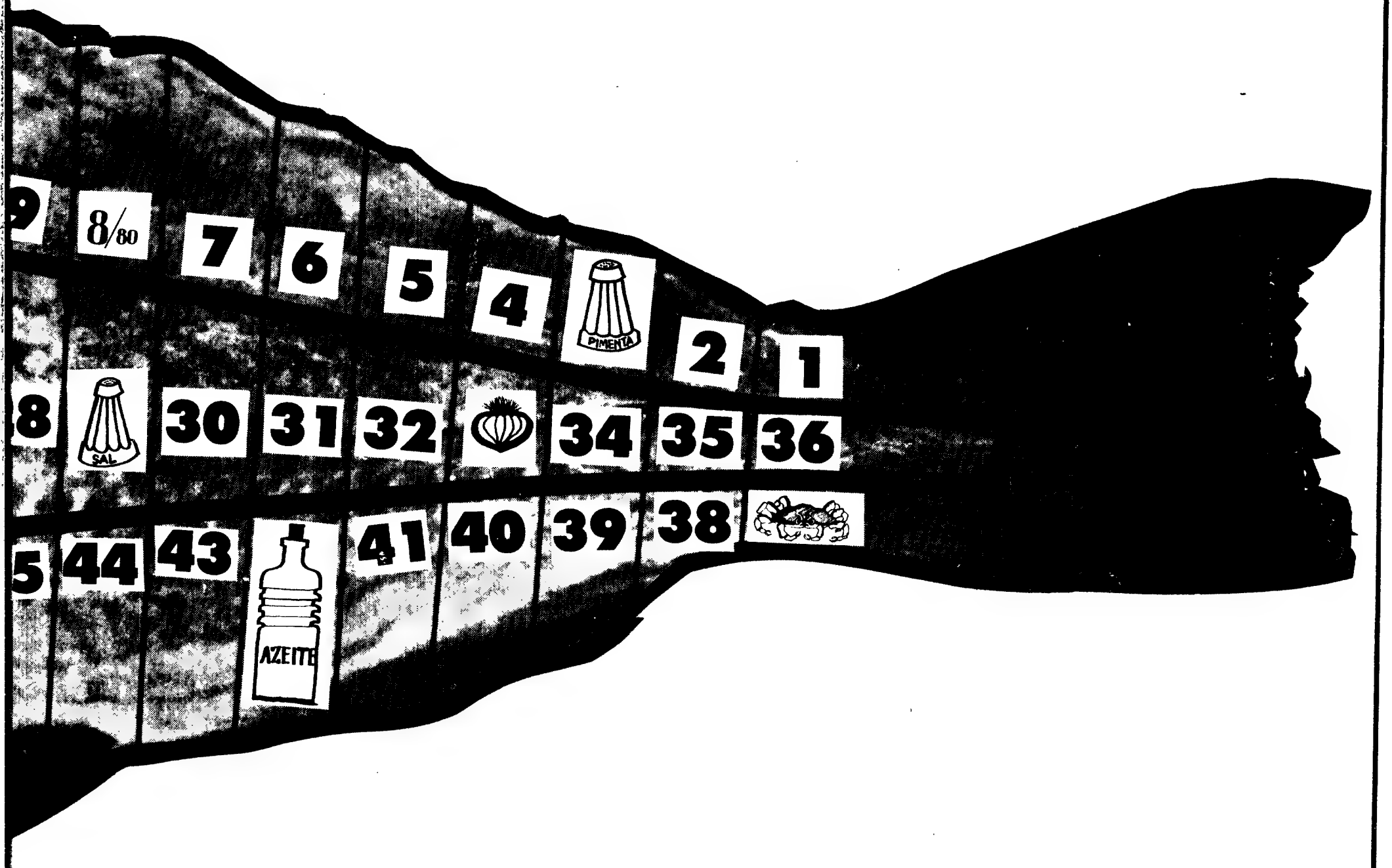
3

O amigo esqueceu-se da pimenta: volte às origens;

LHOADA

AS REGRAS DO JOGO

ste jogo deve ser jogado, de preferência, com grão-de-bico.
nça-se o dado (um único dado) e as pintinhas indicarão o
mero de casas que o jogador pode avançar. É também evidente
e pode e deve jogar a família toda. As penalidades
baixo) têm de ser respeitadas, sob pena de desclassificação
r «corredor» que, por motivos políticos ou outros, não queira
eitar os avanços e recuos assinalados.
uito importante: se estiver a seis casas, ou menos, do fim,
á em qualquer caso de aguardar que lhe saiam no dado o
mero de pintinhas necessárias. Quer isto dizer que se tiver o grão, por exemplo, no 52 e lhe sair uma quadra ou uma quina, manter-se-á quieto. Numa tal situação, do que V. precisa é de um terno.
O primeiro «corredor» a sair pela «gola» do bacalhau ganha direito a um litro de azeite, duas cabeças de alho e cinco quilos de batatas. Pagam os que perderam. Os concorrentes podem inventar um esquema para contemplar o segundo e até o terceiro se forem muitos) classificados. Mas esse é um problema para resolver em família. Uma coisa fica assente: o último a chegar, «a mãe dele é gato».



8
/80

3

7

e **37**

Você é do género ou oito ou oitenta. Deve recuar duas casas para mudar de feitio;

22

Não adianta chorar com o efeito da cebola: ponha o seu grão-de-bico na casa dez;

25

Deixe-se de superstições: avance cinco casas sem medo!;

Você está com a espinha atravessada. Terá de esperar que os outros concorrentes joguem duas vezes (mas isso passa-lhe);

O vizinho da casa onze está a chamá-lo para beber um copo. Não pode recusar;

29

Falta-lhe uma pitada de sal. Dê um saltinho à casa trinta e dois (quem é amigo, quem é?);

33

Diga «trrrinta e trrrês». Pois é, você está com mau hálito. Meta-se na casa dez e vá-se curar;

42

Nesta altura, V. espalha-se no azeite e só pára no cinquenta e três (males que vêm por bem...);

48

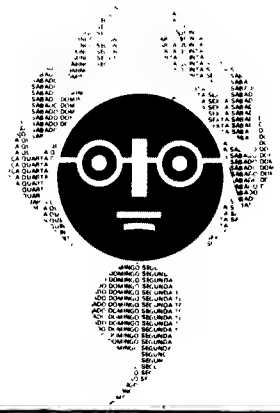
Os concorrentes não estão autorizados a pôr ovos. Vá buscar um à vizinha da casa vinte sete;

50

As moscas não se apanham com vinagre, mas não há bacalhau sem ele. Vá buscá-lo à casa trinta e cinco;

54

Para o bacalhau, a lógica são várias batatas. Coloque o seu grão-de-bico na casa um (desculpe lá...).



a PONTO e virgula

VITORINO NEMÉSIO

Oportunidade para (re)ler um dos maiores poetas portugueses de hoje, a publicação (na Arcádia, colecção Licorne) de «Sapateia Açoriana» — mais «Andamento Holandês e Outros poemas». Pelo que julgamos saber, «Sapateia Acoriana» é a única série de inéditos no livro. «Andamento Holandês» já saira não nos lembra exactamente quando, mas nos anos sessenta, edição a **stensor** dactilográfico, tiragem de 300 exemplares, mas fora do mercado. Desnecessário dizer que se trata de poesia de alta qualidade. Só um poema (do «Andamento Holandês») para o leitor ver: «Avercampo, Avercamp, traze as tintas/E pinta a nosso outeiro, ainda que mintas!//Esboça o ar da hoite em fresco linho/Intimo a alguma carne truculenta,/E derrama o veludo como um vinho/Na trémula de amor./Pinta-a, Avercamp, seja como for//Traze a caixa, Jan Steen, e a tinta ardente,/Pinta o nosso interior inexistente! Uns vizinhos vieram para a boda/ Com cabaços de gás esvaziados:/Nossa senhora faça da água toda/Da Holanda/Satisfeitos os nossos convidados !/Pinta, Jan Steen, pinta estas crisas, anda!//E não esqueça, na orgia imaginosa/Da casnnca do ditue já tombada./A velhota do folho cor-de-rosa./Avó da pura noiva imaginada.//Nem os grossos burgueses de sombrero./Com bofes naturais que não se toma./E o mundo saiba em tinta que só quero/Ser feliz, tão feliz quanto se coma.//Mas sobretudo, oh Mestre, ao canal rente/Não caia o noivo, tonto de poesia:/ O noivo/Que eu não sei se é menino. se é borracho,/: Pombo ou bêbado à força de alegrias;/Em todo o caso, bêbado como um cacho!//Desprendido insensato do aparente./O que na vida perco, em tinta acho».

DIOGO ALCOFORADO

É um nome que não dirá grande coisa ao leitor. Trata-se no entanto do autor dum livro intitulado «Breve Reflexão sobre a Evolução dos Objectos» (em 70 publicado na colecção Gémeos da Paisagem, no Porto). Também professor, e, como se costuma dizer, artista plástico. Vem aqúi não por isto, evidentemente, mas porque publicou (já no ano passado, chega-nos agora às mãos) um livro de poemas: «Sobre a Casa, seguido de Doze Textos das Prisões Diárias». É uma edição do autor, naturalmente. Trata-se duma estreia poética a saudar com entusiasmo, porque é um dos melhores livros de novos poetas que ultimamente pudemos ler. «É a mesa, a, e em si repousa/o dia, tal invento, desta casa,/ de portas e de pedras, de ruídos/pousados sobre a folha pelos dedos/ágeis de luz/a linha»(...) — é assim que começa o primeiro da primeira sequência de poemas. E o último, da p. 16: «Sobre o medo, o medo: o modo/último./Silenciosa é a boca, a lesta,/o fosso secular da voz, o campo húmido/a casa, sua pedra, fino aro/ de fogo — a mesa, o rito,/indizível gule. O leito/nave./Depois, a memória dita/o tempo. Recomposto/ o quarto ergue-se, extremo, o gesto/ágil, da corrida; momento (ou não) um só/trajecto, a infância,/o lento desenvolvimento das árvores, a construção/do fio./diremos: que/projecto ergue um tal olhar/em si, ainda? A fome/a ânsia, o recolher/das horas, dos lábios?/A quietude?/Então, sobre o medo torna/o medo: a face./O ferro:a/teia». Alguma falta de rigor, uma articulação pouco clara, as palavras pouco ou mal funcionando no tecido estrutural do poema. Mas os sonetos da segunda parte do livro avançam um pouco mais e representam um conseguimento maior em organização textual, elaboração discursiva, se bem que o processo semântico nos apareça ainda, nos seus efeitos, algo nebuloso ou diluído. Exemplo, «A Morte»: «Dilui-se o corpo, a fugaz, enquanto o voo/figura, tão agudo, este contínuo/movimento de ir, indo, pelo mínimo/espaço de febre e sede, singular/roteiro ávido, de ave, de tais vales/abertos interstícios não inteiros/a tensa espera, o rosto, a cal,/o ferro, a dor levantada no espelho//mortal imagem de vidro, da matéria, aí/retêm a hora, de pedra, esse sinal/de carne, decomposta, devolvida.E/por tudo se reabre o tempo dado/o ido: o modo, o sangue, o medo,/Jazem as mãos, roxas, sobre o linho». Geralmente os sonetos começam bem: «Em ti me salvo. Em ti? Mas como»; «É corpo, ou desvio, onde, imagem»; «Que medo te diz, muda e mudada»; «Habita pela dor quanto supõe», etc. — mas o efeito inicial perde-se depois. Suspeitamos de que há um cuidado excessivo. Os prejuízos deste excesso estão à vista: o texto hirto, tenso, demasiado inflectido e virgulado, por vezes de difícil leitura. Mas há cuidado, preocupação de rigor, e isso é um claro sintoma de que Diogo Alcoforado pode vir a fazer futuramente bom trabalho.

HENRIQUE MANUEL RODRIGUES

«Memória dos Ácidos» — «exercícios de dizer», seguido o subtítulo (edição do autor, Porto 76). O que atrás se disse de Diogo Alcoforado e do seu livro de estreia não se dirá tanto deste livro de estreia de Henrique Manuel Rodrigues. É que o cuidado posto pelo autor na factura dos seus poemas (sonetos) centra-se principalmente no esforço para a harmonia no volume e no peso verbais, para o equilíbrio semântico. Daí, um texto organizadamente mais tenso, aparentemente mais duro. «Hiroxima»: «O sopro atinge já a última/paisagem, o último grito gráfico/na pedra. Deforma, separa/esta gravura corrosiva, que,//exposta a materiais durissimos,/ arde sem ruído. Desagrega a /película, onde, no espectro da/imagem as casas já caiam./ Revela-se o grito é uma queda/no abismo deste céu de vidro./Abre-se nas pedras//a imagem, a bomba, o calor prenhe/da cidade; este palimpsesto/por muito já delido». Fala-se nestes poemas de quê? — O corpo, as palavras, as partes do corpo, as sílabas, o tempo, a linguagem, espaço, o fogo, a memória. Estes poemas lembram-nos por vezes a poesia de Nuno Guimarães. Estão na mesma linha. Só outra transcrição, onde se pode ver como a produção deste poeta (Henrique Manuel Rodrigues) tende para o classicismo — para a fixação dum âmbito discursivo determinado, para a economia das palavras; dos recursos expressivos: «Co'a calma caem aves, anjos/quase humanos, no traço o rumor/apenas do seu peso; a rota/laboriosa destes artesãos de//memória frágil passando assim,/previstos, nos arquétipos do voo./Caem em silêncio sobre a casa, esta/casa móvel onde aparecem animais//doentes, quero dizer:desconhecidos./Desenham no seu voo decadente um/grito trópego, lembram o nevoeiro//volúvel nas montanhas (guilhotina/sofrêga); abandonadas, tacteiam/o caminho; melhor, já não se movem.»

DE VILA REAL: «CADERNOS PARA O DEGELO»

Chegam-nos notícias de Vila Real: iniciativa de poetas transmontanos, saiu naquela cidade o primeiro número de «Cadernos para o Degelo». Colaboram neste número inaugural António Cabral, António Manuel Pires Cabral, Frederico Macedo Vieira, José Carlos Costa Pinto, José João Bianchi e Simão Pedro Vieira. Seis nomes, e só dois deles já eram nossos conhecidos: António abral e António Manuel Pires abral. O primeiro, com seis reuniões de poemas (além do mais) na bibliografia. O segundo com apenas dois(mas o número só por ele não significa muito). Os dois Cabrais são aqui os poetas mais amadurecidos. O que se compreende, até porque já andam nisto há algum tempo (o primeiro publica desde 65, o segundo somente desde o ano passado — mas também isso não significa grande coisa, porque foi logo uma estreia de se lhe render homenagem: «Algures a Nordeste»; e já este ano sairia um dos melhores títulos da poesia portuguesa nos últimos anos: «Solo Arável». Os restantes, são novos, e ve-se que, uns mais outros menos, inexperientes. Todavia, deve dizer-se, nenhum dos poemas publicados aqui envergonham quem quer que seja e muito menos a inexperiente juventude dos seus autores. Frederico Macedo Vieira, por exemplo, tem apenas 16 anos, mas já escreve coisas com alguma consistência e sobretudo com muito cuidado. E o mesmo se passa com os outros, José Carlos Costa Pinto, José João Bianchi, Simão Pedro Vieira. Falar em particular da produção de cada um é aqui inviável. Até porque é produção pouca e torna-se difícil avançar com alguma coisa de acertado. Só isto: vale a pena. Esperemos que «adernos para o Degelo» venha para as livrarias pelos menos de Lisboa, do Porto, e de Coimbra.

ORLANDO NEVES

«Morte Minuciosa» (edição do autor). É o sexto livro de poesia que Orlando Neves publica. Da bibliografia: «Sopapo para a Destruição da Felicidade» (59); «O Silêncio na Cidade» (63); «Canção para o País Jovem» (63); «Respondo por Mim» (71) e «O Corpo e a Voz» (73). Produção poética já relativamente numerosa, não conhecemos senão a mais recente. Retem-se, dela, a impressão de que se trata, Orlando Neves, dum poeta relativamente seguro sobre os materiais que utiliza e nos processos a que recorre para produzir a sua escrita — mas esta revelando tanto uma certa consciência dos problemas que se lhe poem como iludindo-os por vezes através de soluções insuficientes, mas também muitas concessões à facilidade, ou antes, um certo «deixar-se ir», o poeta no rame-rame, na repetição, na monotonia. Se são impressões, retidas de leituras feitas antes, este livro confirma-as. Porém é evidente que estamos já naquele domínio em que quem escreve tem a consciência do que faz e sobretudo do que é aquilo com que faz o que faz — a linguagem, os seus recursos, a escrita.

DE ALCAINS: ROCHA BEIRÃO

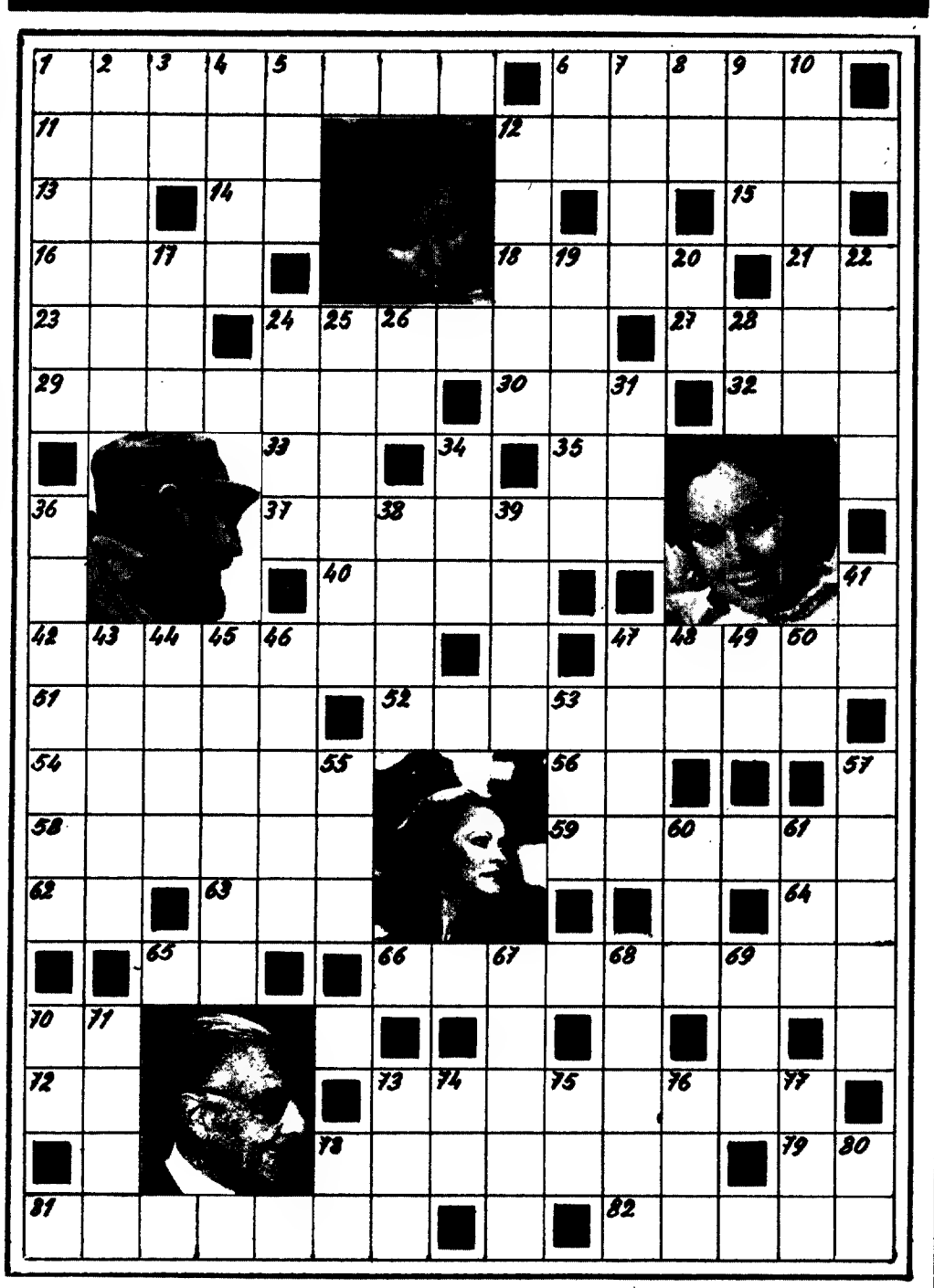
«Cântico Solar» poemas de Rocha Beirão. Edição do Autor, distribuída pela Livraria Sabatina, de Alcains. Outra estreia. E não há aqui nada de muito animador. Estamos no domínio do total amadorismo poético — e por isso deve entender-se ingenuidade, franco desconhecimento das questões mínimas que devem pôr-se sempre a quem pretende fazer versos: saber como escrever o que escrever, como utilizar a linguagem para produzir efeitos textuais, discursivos, minimamente assinalados por alguma novidade, alguma diferença. Abre-se ao acaso e vê-se logo no exemplo a imperícia do autor: «Trago no meu coração/tão gravada como cada hora/tão querida como cada aurora/a recordação/dum momento/tão grande como o tempo/tão vivo como o mar/tão importante como o silêncio//é porque o meu olhar/não se parece comigo//é porque esta vivência/se assemelha à do mendigo».

DE AVEIRO: ACÁCIO TRIGO

«Antes da Manhã/Amor e Liberdade», de Acácio Trigo. É mais uma estreia poética. Edição do autor, o livro está praticamente em todas as boas livrarias do país. Não o aconselhamos, pese isso muito a «um poeta de vinte anos». «antes da Manhã — diz-nos o próprio autor, numa nota prévia — «procura ser uma busca de libertação político-filosófica-amorosa, em que a unidade do ser transborde nos seus múltiplos aspectos, sem que a sua individualização ponha em causa a orgânica estrutural do complexo humano. **Os poemas, escritos, para cá de 1971, brotaram, muitas vezes de uma forma inconsciente, de uma imperiosa e impulsiva necessidade de gritar tudo o que no cerne da alma se tornou pesadelo».** O sublinhado é nosso. Ora aí está porque que é que o trabalho de Acácio Trigo não tem o mínimo interesse. Quando um poeta nos diz que «os poemas brotam» como e de onde diz que «brotam», não há nada a dizer a não ser recomendar ao autor paciente estudo dos problemas que desconhece, mais convívio

Continua na pag 10

palavras cruzadas



HORIZONTAIS:
1/6 Popular locutor da nossa rádio. 2 Levantais. 12 Aquela que vende caro. 13 Tumor, o mesmo que arrieira. 14 O sono das crianças. 15 Aparência. 16 Rogas. 18 Árvore do Brasil de cuja casca se extrai também o curare. 21 Artigo definido. 23 Ilha de Cabo Verde. 24/42 Foi um dos amores de Belmondo. 27 Nome dado a duas das batalhas travadas em França, no decurso da Primeiro Guerra Mundial. 29 Segurar com amarra. 30 Letra grega. 32 Oceano. 33 Centímetro. 35 Sódio (s.q.). 37 Fazem apostas de. 40 Guarnecei de asas. 47/56/58 Marie Lorenz, anunciou recentemente em Nova Iorque, que, em 1960, foi enviada a Havana pela CIA para envenenar Fidel de Castro. 59 Entontecera. 62 Alteza Real. 63 Ecoo (inv). 64 Ditongo nasal. 65 Post scriptum. 66/73/81 É dona de uma «boutique» e é a ex-senhora Presley. 70 Crómio (s.q.). 72 Ouro (s.q.). 78 Andavam com grande velocidade. 79 Ilha francesa do oceano Atlântico. 82 Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto.

VERTICAIS:
1 Célebre. 2 Prenderam com elos. 3 Nome que os egípcios davam ao Sol. 4 Ninhos. 5 Sufixo que designa abundância. (inv). 6 O mesmo que bétele. 7 Vagueia. 8 Catedral. 9 Fecha as asas para descer mais depressa. 10 Aplana. 12 Parte da planta, que se eleva da terra e que serve de suporte aos ramos, folhas e flores. 17 Nome que os Muçulmanos dão ao seu Deus. 19/22 Filma para a televisão e é viúva do Presidente Sukarno da Indonésia. 24 Pequeno pássaro dos campos (Prov.). 25 Ladeiras. 26 Senhor. 28 Grande ribeira da Ásia russa. 31 Medida de líquidos da Holanda. 34 Emprega. 36 Contrato fraudulento. 38 Serra de Portugal. 39 Imperador romano de 79 a 81 cognominado as Delícias do Género Humano. 41 Plural. 43 Recusar. 44 Apelido. 45 Pistas. 46 Pavimento. 47 Abreviatura de Freire. 48 Papagaio da Amazónia. 49 Doutor. 50 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. 53 Passado. 55 Preposição e artigo definido. (pl). 57 Vulgar. 60 Monarca. 61 Lista. 67 Aquele que foi vítima da sua própria ambição. 68 Gíria. 69 Ligue. 70 Centiare. 71 Sair frequentemente à rua. 73 Rapaz em inglês. 74 Érbio (s.q.). 75 Interjeição de dor. 76 Magnete natural. 77 Cantão da Suíça. 78 Cério (s.q.). 80 Pertences.

CINE/PONTO

A TRAGÉDIA DE UMA TELEFONISTA
de Dusan Makavejev
(Jugoslávia __ 1967)

Makavejev já em plena maturidade de expressão. Um estilo ainda terno, um olhar ainda não em total corrosão dos personagens, mas agudo e preciso.
De um banal **fait-divers** passional parte Makavejev para uma análise de comportamentos sociais onde o mais evidente é a desadequação dos vários discursos oficiais (sexual, criminal, político...) para se aproximarem de uma «pobre» realidade.

Cinema Quarteto __ sala 3
(não acons. men. 13 a.)

NÚMERO DOIS
de Jean-Luc Godard
(França __ 1975)

À beira da angústia, um filme que já se acusou de metafísico e que, paradoxalmente, é uma das obras de ponta de uma prática materialista do cinema.
Numero dois ou o recomeço, a vontade de estar cada vez mais perto do espaço onde tudo se conjuga e cristaliza. **Número dois** é uma história de família, uma incursão nesse universo quotidiano onde a política e o sexo se fundem; é ainda um dos mais apaixonantes filmes do ano.

Cinema Universal
(interdito a men. 18 a.)

OS GLADIADORES DO SÉCULO XXI
de Norman Jewison
(USA __ 1974)

Rollerball (título original deste filme cuja rebaptização em português deve ter sido feita em tarde épico-tristonha) é a ficção científica de quem, tendo uma ideia (o jogo Rollerball), não tem muitas mais. Daí que esta película viva sobretudo das cenas de jogo (que aliás

poderiam ser mais fortes) e se perca inconsequentemente numa parábola político-futurista pouco coerente e menos original. Ou de como para falar da «estranheza» do futuro não são os meios que contam mas o rigor.

Cinemas S. Jorge e Star
(não acons. men. 18 a.)

CHOVE EM SANTIAGO
de Helvio Soto
(França __ Bulgária __ 1975)

Um grande sucesso de público não positiva fatalmente um filme. Grande sucesso é também **Bobby** e não é por aí que a película melhora.
Um êxito como este apenas quer dizer duas coisas: um aumento de receitas para o exibidor, distribuidor, produtor e um fenómeno de popularidade.
O filme permanece o que sempre foi: um olhar fatalista e lacrimejante sobre o golpe fascista do exército chileno onde fica tudo por dizer nomeadamente como e porque, politicamente, aconteceu.

Cinema Nimas
(não acons. men. 18 a.)

UM DIA DE CÃO
de Sidney Lumet
(USA __ 1975)

O cineasta liberal americano por excelência, Sidney Lumet, a traçar uma panorâmica sobre a sociedade estadunidense.
Exemplar na sua formulação, **Um dia de cão** é um filme chave para análise dos limites que um olhar liberal inevitavelmente tem. Uma contestação por dentro, em nome dos valores

«puros» do sistema, controlada portanto e a desembocar num bloqueamento. Um filme admiravelmente bem feito e eficaz, um dos expoentes de uma certa má-consciência americana.

Cinema Caleidoscópio
(não acons. men. 18 a.)

A MULHER CASADA
de Jean-Luc Godard
(França __ 1964)

Enquadrar é já uma forma de escolher.
Enquadrar para dividir, para enclausurar, para demonstrar uma realidade donde a aventura, o prazer, estão ausentes e são inatingíveis. Onde tudo se resume ao discurso do «eu», condicionado por uma sociedade programadora.
A publicidade é o fascismo, claro. Este filme fala disso mas também, como sempre em Godard, de tudo o resto. Fragmentariamente, com quem disseca.

Cinema Universal
(não acons. men. 13 a.)

O CRIADO
de Joseph Losey
(G.B. __ 1963)

Perturbante e cruel, um filme entre duas classes a provar que a opressão é uma questão de estatuto económico, claro, mas fundamentalmente de ideologia. Violento e púdico, atravessado por vagas de um simbolismo sexual agreste, **O criado** é um quase **huis-clos** onde se jogam as questões de um poder que sendo social é político mas ainda cultural e sexual.

Cinema Quarteto - sala 1
(não acons. men. 18 a.)

A memória do cinema

Naqueles dias as pessoas sentiam medo com o **Mabuse** de Lang, empolgavam-se com os «westerns» de Ford, riam com os Max ou Charlot, suspiravam com a Greta Garbo. Naqueles dias o cinema era a fábrica de sonhos de um mundo entre guerras, assolado pelas propagandas e pelos armamentos; só na sala escura o fim era feliz, só aí o Errol Flynn vencia os vilões, a ingénua casava com o herói, a perversa era esconjurada.
Nesses dias os espectadores descobriam o progressivo erguer de uma linguagem, surgiam os primeiros autores, o cinema construia-se, passava de espectáculo de feira às salas das avenidas burguesas, criavam-se mitos e astros e eram tantos e tais que em breve foram sepultos pelo fragor de Hollywood em queda.
O cinema porém não deixa de ser o espectáculo popular por excelência, não enjeita o operário desempregado da «matinée» da periferia, nem a jovem costureira suburbana que ao sábado vai com o namorado ao nimas de bairro.
A memória do cinema, para lá do mito, para lá de um revivalismo que tem pouco a ver com a memória e muito com a imagem que do passado sobra, retocada e sempre fascinante, é o passado do cinema-hoje. Não é nossa, nem daqui, a descoberta. Godard, Truffaut, Chabrol, Rivette, Bazin, Rohmer, todos os «cahiers» da década de 60 descobrem que a memória é também raiz, origem, ponto de partida. Eles fizeram da Cinemateca um santuário peregrinatório e dos «bons velhos tempos» um obrigatório percurso.
Nestes dias de agora, entre o Roger Moore no cartaz do Condes e o «western-caril» do Eden, a pequena sala da nossa Cinemateca não nos devolve a memória do cinema. Quando muito uma memória recente, de ontem, sessões clássicas que no comércio já não há.
Nestes dias a nossa memória é portanto breve. Quem nos ajudará a recompô-la?

OS MALDITOS
de Luchino Visconti
(Itália __ RFA __ 1969)

Filmar a decadência no início do canto do cisne, barroco, arrebatado e fascinante, de um realizador requintado e quente, sensual e lúcido.
Lucidez que se assume a dois níveis. Pela minuciosa inserção do advento do nazismo nas condições económicas e sociais e pela assumida limitação que esta forma de discurso fílmico tem para dar conta da História.

Cinema Quarteto - sala 2
(não acons. men. 18 a.)

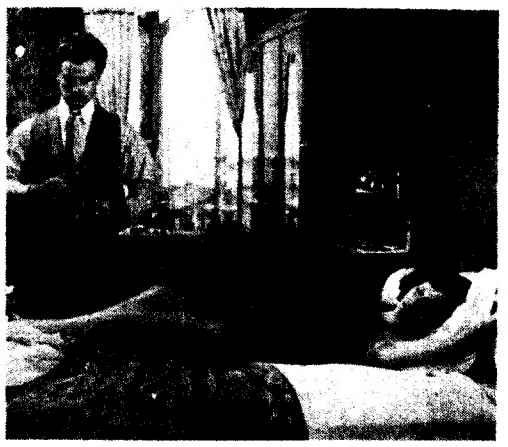
BOBBY
de Raj Kapoor
(União Indiana)

A história de cordel, embrulhada em canções, moralismo, coreografia, conservadorismo e mau gosto. A estética da caixa de bombons em ambientes ultra-requintados para consumo de um povo que morre à fome aos milhões por ano.
Execravelmente reaccionário.

Cinema Avis
(não acons. men. 13 a.)

MEU DEUS AO QUE EU CHEGUEI
de Luigi Comencini
(Itália __ 1974)

No reino do folhetim e da retórica, **Meu Deus ao que eu cheguei** é uma longa e eficaz ironia sobre uma visão do mundo grandiloquente e assaz ridícula.
Situado nos primeiros vinte anos deste século não podia faltar neste filme o d'annunzianismo



de triste e épica memória. Sendo uma comédia italiana não podia faltar a crítica de costumes mordaz e contundente.

Cinema Império
(não acons. men. 18 a.)

REGRESSO ÀS CAVERNAS
de Claude Faraldo
(França __ 1972)

Um grande tema, algumas óptimas ideias quanto à sua **mise-en-scène** (nomeadamente no que diz respeito à ausência da palavra e ao tratamento da banda de som) mas uma passagem à prática que revela fortes falhas.
Um assunto contundente que poderia ser completamente subversivo e se fica por uma certa curiosidade, por vezes não mais que ridícula.
Michel Piccoli a confirmar que se trata de um dos maiores actores do cinema actual.

Cinema Universal
(não acons. men. 18 a.)

CINE PONTO

ALVALADE

«As Férias Grandes» __ (M/6) com Louis de Funes sessões 15.30,18.30 e 21.15 h

APOLO 70

«Perfume de Mulher» __ (M/13) com Vittorio Gassman, Alessandro Momo e Agostina Belli sessões 14, 16.30, 19 e 21.15

AVIS

«Bobby» __ (M/13) com Kismi Kapoor e Dimple Kapadia sessões 15.15, 18.15 e 21.15 h

BERNA

«O Único Homem com Todos» __ (M/13) um filme de Ralph Thomas com Leigh Lawson, Elke Sommer, Budi Geeson, Julie Ege e Vincent Price sessões 15.15, 18.15 e 21.15 h

CALEIDOSCÓPIO

«Um Dia de Cão» __ (M/18) com Al Pacino sessões 14, 16.30, 19 e 21.15 h

CAPITÓLIO

«Western Porno» __ (M/18) realização de D. Fleetwood com Barbara Bourbon e Richar O'Neal sessões 15, 17, 19 e 21 h

CÁSTIL

«Um Amor como o Nosso» __ (M/18) um filme de Andrée Marchand com Paola Senatore, Lucrecia Love e Mauro Parenti sessões 15, 17, 19 e 21.15 h

CINEBOLSO

«Loucuras Porno» __ (M/18) sessões 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

CONDES

«Ouro» __ (M/13) com Roger Moore, Susannah York, Ray Milland e John Gielgud sessões 13.30, 16.15, 19 e 21.15 h

EDEN

«Fogo Real» __ (M/18) realização de Ramesh Sippy com Dharmendra, Sanjeev Kumar e Hema Malin sessões 14, 16.30, 19 e 21.15 h

ESTÚDIO

«O Processo Dimitrov» __ (M/13) filme realizado por Christo Christov, com Stefan Guetzov, William Polony e Frank Obermann sessões 15.30, 18.30 e 21.15 h

ESTÚDIO 444

«Exibição» __ (M/18) realização de Jena-François Davy com Claudine Beccaire sessões 14.30, 16.45, 19 e 21.15 h

IMPÉRIO

«Meu Deus ao que eu cheguei» __ (M/18) filme de Luigi Comencini com Laura Antonelli sessões 15,18.15 e 21.15 h

LONDRES

«A Flauta Mágica» __ (M/13) sessões 14, 16.30, 18.45 e 21.15 h

MONUMENTAL

«O Homem que queria ser rei» __ (M/13) com Sean Connery e Michael Caine sessões 14.45, 18.15 e 21.15 h

MUNDIAL

«Não há Azar» __ (M/13) um filme de Georges Lautner sessões 15.30, 18.30 e 21.15 h

NIMAS

«Chove em Santiago» __ (M/18) com Jean-Louis Trintignant, Annie Giradort, Bibi Anderson e Laurent Terzieff sessões 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

ODEON

«O Pecado serve-se quente» __ (M/18) com Senta Berger, Maurizio Arena, Erika Blanc e Bruno Zann sessões 15.15, 18.15 e 21.15 h

OLIMPIA

Sábado e domingo
«Salão Elizabeth» __ (M/18) com Tamada Baroti e Renate Larzen
Segunda a sexta
«O Filho de Zorro» __ (M/13) com Robert Widemarch e William Sancho sessões permanentes a partir das 14.30 h

PARIS

Sábado, domingo e segunda
«A Queda do Império Romano» __ (M/10) sessões 15 e 21 h

PATHÉ

«Aiana» __ (M/13) um filme de K. Balachander com Muntaz e Rajesh Khanna sessões 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

POLITEAMA

«Prostituição Clandestina» __ (M/18) um filme de Alain Payet com Claudine Beccarie e Christine Chire sessões 14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

QUARTETO

Sala 1
«Queremos os Coronéis» __ (M/18) sessões 21 e 23 h

Sala 2
«Os Malditos» __ (M/18) realização de Luchino Visconti sessões 14.30, 17.30, 20.30 e 23.15
Sala 3
«A Tragédia de uma Telefonista» __ (M/13) um filme escrito e realizado por Dusan Makavejev com Eva Ras e Ruzica Sorik sessões 15, 17, 21 e 23 h
Sala 4
«Mulher da Rua» __ (M/18) realizado por Martin Sccorsese sessões 15, 17, 19, 21 e 23 h

ROCIO

Sábado __ «Duelo de Vingança» __ M/18)
Domingo e segunda __ «Punhos de Aço» __ (M/14)
Terça __ «Piratas do Arquipélago» __ (M/10)
Quarta __ «Matarei um por um» __ (M/18)
Quinta __ «O Conformista» __ (M/18)
Sessões permanentes a partir das 14.30 h

ROMA

«A Rapariga da Orquídea» __ (M/18) um filme de Patrice Chereau com Charlotte Rampling sessões 15.30, 18.30 e 21.15 h

ROXY

«Alfie Darling» __ (M/18) com Alan Price, Jull Townsend e Joan Collins sessões 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 h

S.JORGE

«Rollerball» __ (M/18) um filme realizado por Norman Jewison com James Caan sessões 15.15, 18.15 e 21.15 h

SATÉLITE

«Eram os Deuses Astronautas?» __ (M/13) filme realizado por Harald Reindl sessões 15, 17, 19 e 21.15 h

STAR

«Rollerball» __ (M/18) um filme realizado por Norman Jewison com James Caan sessões 4.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

TIVOLI

«20 000 Léguas Subamarinas» __ (M/13) um filme de Richard Fleischer com Kirk Douglas, James Masen, Paul Lukas e Peter Lorre sessões 15.15, 18.30 e 21.15

VOX

«Os Teatros Eróticos de Paris» __ (M/18) com Claudine Beccarie e Eileen Earl sessões 14.15, 16.30, 19 e 21.15 h

Sessões da meia-noite

Apolo 70
Sábado __ «Matadouro» __ (M/18)
Domingo __ «História imortal» __ (M/18)
Segunda __ «Se...» __ (M/18)
Terça __ «Esta espécie de amor» __ (M/18)
Quarta __ «O Facho e a flecha» __ (M/18)
Quinta __ «A solteira e o atrevido» __ (M/18)

Castil
Sábado __ Antestreia
__ «Até os bichinhos gostam» __ (M/18)

Cinearte
Sábado __ «A Lua Vermelha» __ (M/18)

Cinebolso
Sábado __ «O Maior roubo do Oeste» __ (M/14)
Domingo __ «Projecção privada» __ (M/18)
Segunda __ «Empresta-me o teu marido» __ (M/18)
Terça __ «R. A. S. Por quem vamos morrer» __ (M/18)
Quarta __ «O Divórcio» __ (M/18)
Quinta __ «Filme de amor e anarquia» __ (M/18)
Sexta __ «As Sobrinhas» __ (M/18)

Estúdio 444
Sábado __ «Exibição» __ (M/18)

Europa
Sábado __ «Tora! Tora! Tora!» __ (M/10)

Lumiar
Sábado __ «Malpertuis» __ (M/18)
com Oorson Welles.

Paris
Sábado __ «O Dragão ataca» __ (/18)

Pathé
Sábado __ «Aaina» __ (M/13)

Star
Sábado __ «Ladrão de Paris» __ (M/18)

.PONTO e vírgula

Continuação da pág. 8

com bons poetas (pelo menos), antes de vir ao leitor com coisas escritas assim. Claro que cada um tem a liberdade de escrever (e publicar) o que muito bem ou muito mal entender. Mas também cada um tem o direito de dizer que certos livros que se lhe propõem não prestam para nada. Uns versos, para se ver como é: «Fugaz e embriagante rosa,/Amor./O aroma é saudade./É brasido a cor que murcha./É de esperança o pé que morre». Preferíamos os gazetilhas de certos gazetilheiros nas gazetas da província. Este livro custa dinheiro e, lê-lo, tempo que o leitor tem de aplicar bem em outras coisas.

«COLÓQUIO-Letras»

Já aqui falámos esta revista bimestral da Fundação Gulbenkian, dirigida pelo prof. Jacinto Prado Coelho (e onde, diga-se, também, o poeta Luís Amaro tem um papel muito importante a desempenhar enquanto nas funções que a ficha técnica designa por secretário da redacção). Dissemos então: seja o que for, é neste momento a única revista literária, que se faz em Portugal. **Malgré nous**, os interessados nestas coisas... Referente a Setembro, aí está a revista no seu número 33. Um relance pelo sumário. Abre logo com um trabalho interessante (interessante) de Walter Jeans (prof. em Tubinga). É sobre «Literatura e Política __ possibilidades e limites». Um trabalho de certo fôlego. Diz o autor, no termo da sua exposição para se apoiar num exemplo de Brecht: «A poesia e a política só são conciliáveis quando __ e esta é a maior dificuldade __ o escritor consegue tornar visível o ontem por detras do hoje, o «como e porquê» por detrás, do «quê», e, por outro lado, dar expressão aos antagonismos do presente, na forma da utopia, enquanto contradições superáveis». As restantes das 108 páginas da revista preenchem-se com outros variados materiais correspondentes às diversas secções: comentários, cartas (França e Roménia) Crítica de Livros (literaturas portuguesa, cabo-verdiana e brasileira), notícias.

IDEALEDA

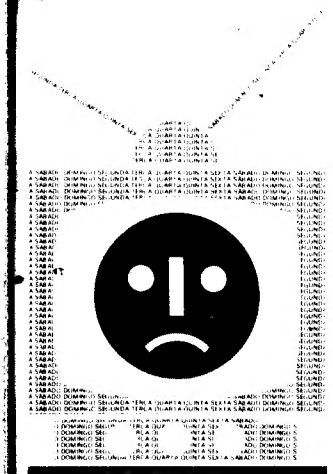
Retiramos o que atrás se disse a propósito de «Colóquio»? Ora vamos lá ver. «Idealeda» é uma nova revista. De «poesia, ficção ensaio, arte», diz a capa. Direcção: Carlos Silva Carvalho, Fernando Alvarenga e Leopoldino Serrão. Eles falam aqui, mais Cruz Malpique, Ibn Vitterbo Meireles, e Virgílio Alberto Vieira.

E há ainda Kafka traduzido e um desenho de Isolino Vaz. Eles «falam aqui», de quê? Fernando Alvarenga discursa sobre o «Retorno Histórico de «Idealeda», subscreve uma sequência numerosa de poemas e publica um estudo sobre a «Morte de Camões» do pintor Domingos António Sequeira Ibn Vitterbo Meireles; «Poemas Antipolíticos-textos de exercitação proso-poética». Leopoldino Serrão escreve sobre três poetas a um tempo: António Ramos Rosa, Eugénio de Andrade e João Rui de Sousa, e outro texto sobre «O Filme Doce».

Virgílio Alberto Vieira, um poema: «Campanha Eleitoral». Carlos Silva Carvalho: uma narrativa intitulada «Paralelas». São 32 páginas, o número 1 refere-se a Outubro, nada nos diz da periodicidade que a publicação vai ter.

«Idealeda», foi nome de movimento literário em Angola. De Angola vieram (e estão agora em Portugal os seus promotores. A revista não se faz em Lisboa, mas no Porto, ou mais concretamente, em Ermesinde !!! o que reforça o interesse da iniciativa. Mas este interesse quer-se parecer que não é muito grande.

Começando pelo que poderia parecer acessório, a apresentação gráfica, enfemisticamente poderíamos dizer que ela não é feliz. Quanto aos textos, há-de notar-se a qualidade da produção poética aqui inserta, até por contraste em relação à produção demais. Não foram os trabalhos em poesia de Virgílio Alberto Vieira e sobretudo de Fernando Alvarenga? «Meus antos de Ainda» (um extenso poema em quatro cantos), o interesse de leitura da revista seria nenhum. O estudo de Leopoldino Serrão sobre os três citados poetas é um trabalho destituído de qualquer consistência, de qualquer rigor. Dos outros trabalhos em prosas salienta-se, naturalmente, a contribuição de Cruz Malpique; «Política, Sim! Politiquice, não! Politicalhice. Nunca!» De parte o teor altamente reaccionário da ideologia (?) que informa/enforma estes escritos, repare-se no seu (pelos menos aparentemente) total desfasamento em relação até mesmo ao conjunto de textos onde aparece integrado. Se os responsáveis pela publicação não se aperceberam disso, é oportuno que se lho faça notar.



TV/PONTO

I.Programa

Sábado, 30

14.00 Râguebi (via Eurovisão)
Desde Paris, o encontro França-Austrália, último jogo-teste de digressão dos «Wallabies»
15.30 Ida e volta.
(trânsito: há dias em que é melhor não sair de casa)
15.55 «Janozik»
(série polaca realizada por Jerzy Passanderfer, com Mark Psrepczko no papel e Janozik. Hoje: o conde resolve raptar Maysa. Janozik procura salvá-la. Enfim: a grande emoção)
16.45 Estúdio velho, gente nova.
(programa produzido com jovens com ideias próprias, coisa que vinha faltando à RTP. Veremos)
17.15 Bota de sete léguas.
(programa para jovens, o mesmo é dizer: camisa de onze varas)
17.45 Animação.
(documentário com sequência de animação mostrando os fenómenos do desenvolvimento das flores. E inclui uma parábola holandesa em torno da vida humana. Fecha em rosa, com a pantera da mesma cor, última criação de Friz Freleng. Coordenação de Vasco Granja)
18.15 Bailado «Felix Luna»
(o homem à procura do seu ideal, e em pontas: duas dificuldades a superar pela dança)
19.15 «Espaço 1999»
(em vésperas do ano 2000, aventuras no espaço. Série de ficção científica. A ver por quem gosta)
20.30 Telejornal (primeira edição)
(o costume: nada de novo neste país ocidental)
21.30 «Inédito... ou quase».
(«Uma visita muito breve», de Miguel Franco, interpretado por Fernanda Coimbra, Canto e Castro e Baptista Fernanedes, realizado por Pedro Martins, e encenado por Filipe de Melo. Inédito... ou quase).
22.00 Um programa da Direcção de Informação.
(top secret)
23.00 A Europa ao ritmo do samba.
(pelo contrário: é a escola de samba do Salgueiro, do Brasil, ao ritmo da Europa).
00.10 Telejornal (segunda edição)
(insista: é possível que um dia a RTP perca a cabeça e comece a contar a verdade deste País).

Domingo, 31

12.00 Abertura e missa.
Deus seja convosco, programadores da RTP).
62.40 O corpo humano.
(logo a seguir?!)
13.15 O homem e a terra.
(dedicado ao «macho ibérico», e realizado pelo naturalista espanhol prof. Rodriguez de la Fuente).
13.45 Desenhos animados.
(por favor, senhores da RTP, arrumem o «Bucha e Estica»!!!).
14.00 Telejornal (primeira edição).
(boletim informativo oficial)
14.15 Artesanato em Isfahan
(isto acontece no Irão, onde há um Xá e uma beldade chamada Farah, e as pessoas são tão pobres e tão habilidosas que trabalham em profissões antigas de milénios, e tão mal pagas como nessa época recuada no tempo).
15.00 «As aventuras de Huckleberry Finn».
(uma fabulosa história de Mark Twain. Veja. Interpretada por Tony Randall, Eddie Hoddge e Archie Moore, Realizada por Michel Curtiz).
16.45 Haja saúde
(... e alguns trocos).
17.10 Cabeça, tronco e membros.
(exactamente o que falta à RTP).
17.55 «Heidi»
(Heidi voltou à montanha, onde reencontrou o avô, o cão José, as cabrinhas, as nuvens e as flores: foi tal a comoção que perdeu a voz e agora tem de ser dobrada — e que mal, santo Deus à portuguesa).
18.30 «Miguel Strogoff»
(de Júlio Verne, uma série adaptada à televisão por Claude Dessaily, numa realização de Jean Pierre Decort).
19.30 TV rural
(Sousa Veloso a resistir à Reforma Agrária)
20.00 Telefutebol
(um chuto na inteligência dos telespectadores)
20.30 Telejornal (segunda edição)
(a mesma, requentada)
21.30 O gesto é tudo
(apetece fazer um certo gesto...)
22.30 «Clayhanger»
(série inspirada na obra de Arnald Bennet. Óptima interpretação de Janet Suzman, Harry Andress e Peter Motnary)
23.30 Telejornal (terceira edição)
(um bom soporífero: boa noite)

Segunda, 1

17.30 Missa
(hoje é dia de Todos os Santos)
18.30 Janela Grande
(feito pelos mais novos, e destinado aos mais velhos)
19.00 Abre-te Sésamo.
(feito pelos mais velhos, e destinado aos mais novos)
19.30 Musical
(«Sonata Patética», de Beethoven, interpretada pelo pianista Vladimir Ashkenazy)
20.00 Teledesporto
(meia hora sobre o que aconteceu nos campos desportivos deste país, neste fim-de-semana: futebol, claro)
20.30 Telejornal (primeira edição)
(para a RTP e quem a vê, são as primeiras notícias do dia)
História coreográfica
(corpo de bailado do Bolshoi, de Moscovo, interpretando o «Prelúdio», de Bach, «Tristão e Isolda», de Wagner, «Os Ritos da Primavera», de Stravinski, «Romeu e Julieta», de Prokofiev, e «Alvorada», de Ravel: a ver)
22.00 Teatro
(«Comenius», de Oscar Kokoshka: uma história passada na Europa Central, durante a guerra dos 30 anos)
23.15 Telejornal (segunda edição)
(o último, graças a Deus)

Terça, 2

18.30 «Diário das fábulas» e «Nody»
19.00 Peço a palavra
(uma paródia da Assembleia da República, em que os «deputados» são crianças: a ver)
19.30 Telejornal
(rubrica dedicada a Luchino Visconti, de quem se comemora hoje a data de falecimento)
20.30 Telejornal (primeira edição)
(a RTP promete «o mais alongado serviço noticioso»
21.00 Momento político
(de certeza, hoje não é o Cardia)
21.30 «O detective aristocrata»
(um nome idiota para as aventuras policiais de «sir» Peter Wimsey, de Dorothy Sayera: inicia-se hoje a segunda fase da série, com Ian Carmichael no prikcipal papel)
22.20 Infoformação
(a RTP não informou de que é que consta esta rubrica)
23.15 Telejornal (segunda edição)
(chichi, cama)

Quarta, 3

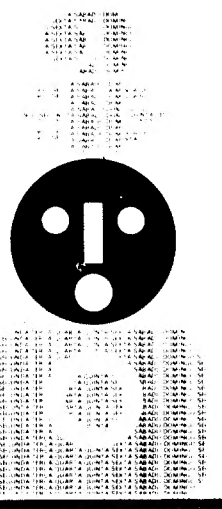
18.30 História à vista
(a rainha Santa Isabel e o milagre das rosas pelas ruas da amargura)
19.00 Abre-te, Sésamo
(Egas e Becas, para os mais miúdos)
19.30 Ligeiríssimo
(música, teatro e rádio)
19.50 Totobola
(via RTP, ninguém será milionário)
20.00 Formas de ver
(forma inglesa de ver as artes plásticas)
20.30 Telejornal (primeira edição)
(prometem mais uma)
21.00 Noite de cinema
(o clássico «Rocco e seus irmãos», de Luchino Visconti: a ver, (ou rever) obrigatoriamente)
23.00 Telejornal (segunda edição)
(segunda e última...)

Quinta, 4

18.30 Bonecos
(os «ratos ratolas», para os mais pequenos)
19.00 Os homens, os livros e as coisas
(de cátedra)
19.30 «O conde de Monte Cristo»
(desenhos animados a partir da obra de Dumas)
20.00 A ideia e a imagem
(o que a RTP pensa da cultura)
20.30 Telejornal (primeira edição)
(o primeiro bloco informativo do dia)
21.00 As trapalhadas do Robin dos Bosques
(no último programa, Sottomayor Cardia desempenhou o papel principal
21.30 Eleições nos EUA
(hora e meia sobre as virtudes de Jimmy Carter e de Gerald Ford)
23.00 Telejornal (segunda edição)
(as últimas)

Sexta, 5

18.30 Estúdio velho, gente nova
(produzido por «realizadores» entre os 10 e os 14 anos)
19.00 Abre-te Sésamo
(produzido para espectadores ectre os 10 e os 14 akos)
19.30 Tropicália
(a cultura portuguesa no Brasil)
20.00 Momento desportivo
(trinta minutos de chuto)
20.30 Telejornal (primeira edição)
21.14 O sentido das formas
(vem do Porto)
21.30 Figuras do circo
22.15 «Anna Karenina»
(quinto e penultimo episodio da serie)
23.15 Telejornal
(e adeus, até ao meu regresso)



PONTO, contra PONTO

Vai apresentar-se pela primeira vez em Portugal o Conjunto Popular de Danças e Canções «Chvessa» (Luz) do Instituto Pedagógico de Vilnius (R.S.S. da Lituania). Actuações em Almada (dia 4) Portimão (dia 6) Faro (7) e Castelo Branco (8). Todas as actuações com início às 21.30.

Teatro S. Luiz
Dia 30, das 15.00h às 20.30h.

CONCERTO *NON-STOP*

Encerramento da Quinzena de Música Francesa, com o seguinte programa:
Chabrier:
«Espanha»
Debussy:
«Rapsódia» para clarinete e orquestra
Chausson:
«Poema»
Ravel:
«Tzigane», para violino e piano
Saint-Saëns:
«Capricho»
Poulenc:
«Quatro Orações a S. Francisco de Assis»
Ravel:
«Dom Quixote»
Fauré:
«Les berceaux»
«Le secret»
«La Tristesse»
Ravel:
«Chanssons madecasses»
Couperin:
«Concerto»

MÚSICA DA RENASCENÇA FRANCESA

Debussy:
«Prelúdios»
«Nocturnos»
Dukas:
«La Pèrè»
Ravel:
«Concerto em Sol maior»
«Daphnis e Chloé»

Clarinete: Franco Pezzullo
Violino: Marie-Annick Nicolas
Piano: Adriano Jordão, Armando Vidal, Michel Beroff
Canto: José Oliveira Lopes
Flauta: Carlos Franco
Violoncelo: Luísa Vasconcelos
Harpa: Clotilde Rosa
Coros: Coral Vértice
Cantus Firmus
Coros do Teatro de S. Carlos
Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Portuguesa
Direcção: Silva Pereira

Fundação Gulbenkian
Dia 30, às 21.30h.

CONCERTO SINFÓNICO

Silvestre:
«Prelúdio e Fuga»
Paganini:
«Concerto n.º1, p/violino e orquestra»
Mahler:
«Sinfonia n.º1»
Orquestra Georg Enescu, de Bucareste
Direcção: Mircea Critescu
Violino: Ion Voicu

Fundação Gulbenkian
dia, 3, às 18,30 h.

CONCERTO BEETHOVEN

Beethoven:
«Abertura Prometeu»
«Concerto n.º4, para piano e orquestra»
«Sinfonia n.º8»

Orquestra Gulbenkian
Direcção: Juan-Pablo Izquierdo
Piano: Moura-Limpany

SOLUÇÃO

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS:

1/6 FERNANDO PESSA. 2 Alais. 12 Careira. 13 Má. 14 Oó. 15 Ar. 16 Oras. 18 Urais. 21 As. 23 Sal. 24/42 ÚRSULA ANDRESS. 27 Mosa. 29 Amarrar. 30 Eta. 32 Mar. 33 Cm. 35 Na. 37 Apostam. 40 Asai. 47/56/58 FIDEL E CASTRO. 59 Oirara. 62 AR. 63 Soo. 64 On. 65 Ps. 66/73/81 PRISCILA BEAULIEU PRESLEY. 70 Cr. 72 Au. 78 Corriam. 79 Re. 82 Oásis.

VERTICAIS:

1 Famosa. 2 Elaram. 3 Rã. 4 Nios. 5 Osa. 6 Pá. 7 Erra. 8 Se. 9 Sia. 10 Arrasa. 12 Caule. 17 Alá. 19/22 RATNA SARI. 24 Urca. 25 Rampas. 26 Sr. 28 Om. 21 Aam. 34 Usa. 36 Trapaça. 38 Ossa. 39 Tito. 41 Pl. 43 Negar. 44 Dias. 45 Rastos. 46 Estro. 47 Frei. 48 Iá. 49 Dr. 50 Ea. 53 Ido. 55 Aos. 57 Banal. 60 Rei. 61 Rol. 67 Ícaro. 68 Calão. 69 Lie. 70 Ca. 71 Ruar. 73 Boy. 74 Er. 75 Ui. 76 Imã. 77 Uri. 78 Ce. 80 És.

CALDEIRADA À MODA DE S. BENTO

peça rápida em um acto e um des(ac)acto

Ingredientes:

107 enguias (prontas a escorregar para qualquer lado);
73 xaputas (sabidas); 42 tubarões (dos grandes);
40 peixes-espada (à cinta); 1 bacalhau (raro);
Raia-miúda q.b., e um peixe martelo para as batidas

Peixe-martelo — Está aberta a sessão. Vamos proceder à chamada. (os cardumes respondem).

Peixe-martelo — Estão inscritos as xaputas e os tubarões

Xaputa — No mar encapelado pela agitação da raia-miúda, queremos expressar algumas dúvidas. É que, pelo ondular da carruagem...

Peixe-espada — (repentista) — Anda enCAPelado, anda.

Tubarão (não ouviu o aparte) — Apoiado!

BACALHAU — Apoiado porquê? Tou farto de peixistas. Se têm as guelras no sítio venham lá para fora!

Tubarão — Os tubarões não têm guelras, ó amigo (baixinho) infiel!

Xaputa — Bravo!

Peixe-martelo — Silêncio. E se a raia-miúda se manifestar das galerias, acaba em escabeche.

Bacalhau — Peço a palavra.

Peixe-martelo — Está bem, mas lasque-se depressa.

Bacalhau — É só para dizer que me vou embora, senão fazem-me às postas.

Peixe-espada — Peço a palavra

Peixe-martelo — Sim, mas não pode estar de peixe-espada à cinta. Não quero aqui ninguém armado.

Tubarão (apoiando) — Boa martelada!

Peixe-martelo — O autor do gracejo que se identifique. Não quero aqui PVNIs.

Tubarão — Quê? PVNIs??!

Peixe-martelo — Sim, PVNIs: Peixes Voadores Não Identificados.

Peixe-espada — Isto parece um aquário...

Raia-miúda — Co' escanfandro!

Xaputa — Proponho um breve intervalo...

Bacalhau (provocador) — Para o **cháputa** das cinco não?

Xaputa — Ponho-te em salmoira!

Enguia — Peço a palavra!

Peixe-martelo — É justo.

Enguia — O nosso cardume, na tona por vontade da raia-miúda, não recebe lições de nenhuma (outra) espécie...

Peixe-martelo — Desta vez não vem a propósito... mas está bem. A assembleia fica ciente.

Peixe-espada — Queria falar da Reforma Aquária!

Peixe-martelo — (baixo, como quem fala com as orelhas do seu próprio martelo) Vamos ter calema. (Alto:) Tem a palavra o peixe-espada.

Xaputa — Eu tinha pedido um intervalo...

Bacalhau — Está armado em pargo.

Xaputa — Não admito. Afinal, estamos aqui a representar...

Bacalhau — ... o Zé Polvinho, sem dúvida.

Enguia — Penso que temos de aprovar rapidamente...

Tubarão — Olha um carapau de corrida.

Raia-miúda (com voz de pescadinha) — Não há respeito pelo público. Estamos como sardinha em lata...

Peixe-martelo — A pescadinha que falou meta o rabo na boca e cale-se.

Peixe-espada — Como ia dizendo, a Reforma Aquária...

Xaputa — Lá vem ele com os peixinhos da horta.

Tubarão (em surdina, para a chaputa) O tipo quer-nos acabar com os viveiros... (Para ser ouvido:) A raia-miúda tem tanto direito de comer peixe como nós!

Raia-miúda (de escama atrás) — Cheira-me a fénico...

Peixe-martelo (para as galerias) — Mais um comentário, e mando desovar.

Raia-miúda — 'Ta bem, já ouvimos! Até parece o Santo António a dar sermões à gente...

Peixe-espada — Além disso, queria falar da liberdade de escrever.

Enguia (amável à direita, agressiva à esquerda) — Escrever... escrever... escrever com quê?

Peixe-espada (desembainhado) — Olha, com o suco da barbatana. Mas há mais. (Desfiando o rosário:) Diziam que tínhamos a Peixovisão por nossa conta. Era falso. Mas vejam agora o que vai ali...

Enguia (precipitada) — É mentira! Nós não mandamos na Peixovisão, nem...

Um PVNI — Em coisa menhuma.

(tubarões e xaputas entreolham-se sorrateiramente)

Bacalhau — Pois é... os tubarões avançam, as enguias escorregam e as xaputas já chegaram à Madeira (voltando-se para o peixe-espada), mas pela boca morre o peixe...

Peixe-espada (no remoque) — E o bacalhau pega-se pelo rabo.

Xaputa (para o tubarão) — Votamos juntos? Afinal, quem se lixa é o mexilhão... (Para o peixe-martelo:) Queria apresentar uma proposta.

Bacalhau (remoendo) — xaputa sabida...

Peixe-martelo (distraído) — Não há propostas a apresentar? Está encerrada a sessão.

(Barulho de conservas que não abriram a lata)

Levanta a fervura, está pronta a caldeirada. Serve-se a 10 milhões de portugueses.